



CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

PRAÇA DA REPÚBLICA, 53 – CENTRO/SP - CEP: 01045-903
FONE: 2075-4500

PROCESSO CEE	533/2001 – Reautuado em 12/07/17		
INTERESSADOS	UNESP / Instituto de Artes – <i>Campus</i> São Paulo		
ASSUNTO	Adequação Curricular à Del. CEE nº 111/2012, alterada pela Del. CEE nº 154/2017- Curso Artes Visuais (licenciatura)		
RELATORA	Consª Rose Neubauer		
PARECER CEE	Nº 262/2018	CES	Aprovado em 04/07/2018

CONSELHO PLENO

1. RELATÓRIO

1.1 HISTÓRICO

A Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, do Instituto de Artes – *Campus* São Paulo, UNESP, encaminha os documentos necessários para adequação curricular à Del. CEE nº 111/2012, alterada pela Del. CEE nº 154/2017, de fls. 374 a 406.

Anteriormente, foram realizadas reuniões com a coordenação do curso, além de contatos por *e-mail*, para orientações quanto às adequações necessárias.

1.2 APRECIÇÃO

Nos termos da norma vigente e nos dados encaminhados pela Instituição, a documentação apresentada ao CEE-SP permite a análise dos autos, como segue.

O Curso de Licenciatura em Artes Visuais, da UNESP, obteve sua última Renovação do Reconhecimento pela nota ENADE (Portaria CEE/GP nº 38, de 17/02/2016). A adequação à Del. CEE nº 111/2012 foi aprovada pelo Parecer CEE nº 156/2017 e Portaria GP nº 176/17, publicada em 12/4/17.

Na versão final da documentação apresentada pela IES, quadros e planilha estão de acordo com todas as orientações da Del. CEE nº 154/2017, respeitando também a carga horária mínima para o curso de licenciatura.

Adequação à Deliberação CEE nº 154/2017 Disciplinas de Formação Didático-Pedagógica

Estrutura Curricular	CH das disciplinas de Formação Didático-Pedagógica				
	Ano / semestre letivo	CH Total (60 min)	Carga horária total inclui:		
			CH EaD	CH PCC	LP
Teoria da Comunicação	2	30	-	-	
Linguagem Corporal	6	60	-	-	
Cultura Popular	5/6	60	-	-	

Sociologia e Arte	2	30	-	-	
Introdução ao Pensamento Filosófico	1	30	-	-	15
Didática Geral	7/8	60	-	-	
Processo de Criação	7	30	-	-	
Ensino de Artes Visuais	7	45	-	-	
Estado, Sociedade e Educação	5/6	60	-	-	
Libras, Educação Especial e Inclusiva	-	60	60	-	
Fundamentos do Ensino de Arte	5/6	60	-	-	
Psicologia da Educação Desenvolvimento e Aprendizagem	5/6	60	-	-	
Prática de Ensino de Artes Visuais I	6	40	-	-	
Prática de Ensino de Artes Visuais II	7	40	-	-	
Prática de Ensino de Artes Visuais III	8	40	-	-	
Psicologia e Arte	2	30	-	-	
Fundamentos da Linguagem Bidimensional	1	60	-	-	
Mídia I	1	15	-	-	
Mídia II	2	15	-	-	
Mídia III	3	15	-	-	
Mídia IV	4	15	-	-	
Mídia V	5	15	-	-	
Mídia VI	6	15	-	-	
Mídia VII	7	15			
Laboratório de Vivência em Ateliê Permanente I	1	15	-	15	
Laboratório de Vivência em Ateliê Permanente II	2	15	-	15	
Laboratório de Vivência em Ateliê Permanente III	3	15	-	15	
Laboratório de Vivência em Ateliê Permanente IV	4	15	-	15	
Laboratório de Vivência em Ateliê Permanente V	5	15	-	15	
Subtotal da carga horária de PCC e EaD (se for o caso)		--	60	75	15
Carga horária total (60 minutos)		975	--	--	

Quadro das Disciplinas de Formação Específica

Estrutura Curricular		CH das disciplinas de Formação Específica					
Disciplinas	Ano / semestre letivo	CH Total	Carga Horária Total inclui:				
			EaD	PCC	Revisão		
					Conteúdos Específicos	LP	TICs
Desenho I	1	60	-	-	15	-	-
Desenho II	2	60	-	-	-	-	-
Teoria da Comunicação	2	30	-	20	-	05	-
Estética I	3	30	-	-	15	-	-
Estética II	4	30	-	-	-	-	-
Laboratório de Vivência em Ateliê Permanente I	1	25	-	25	-	-	-
Laboratório de Vivência em Ateliê Permanente II	2	25	-	25	-	-	-
Laboratório de Vivência em Ateliê Permanente III	3	25	-	25	-	-	-
Laboratório de Vivência em Ateliê Permanente IV	4	25	-	25	-	-	15
Laboratório de Vivência em Ateliê Permanente V	5	25	-	25	-	-	15
História da Arte Brasileira I	6	30	-	-	15	-	-
História da Arte Brasileira II	7	30	-	-	-	-	-
História da Arte I	1	30	-	-	15	-	-
História da Arte II	2	30	-	-	-	-	-
História da Arte III	3	30	-	-	-	-	-

História da Arte IV	4	30	-	-	-	-	-
História da Arte V	5	30	-	-	-	-	-
Metodologia da Pesquisa	9	30	-	-	-	15	-
Fundamentos da Linguagem Tridimensional	2	60	-	60	-	-	-
Introdução à Semiótica	1	30	-	-	-	05	-
Linguagem Sonora	7	60	-	-	-	-	-
Linguagem Tridimensional I	3	60	-	-	-	-	-
Linguagem Tridimensional II	4	60	-	-	-	-	-
Linguagem Tridimensional III	5	60	-	-	-	-	-
Mídia I	1	45	-	15	-	-	-
Mídia II	2	45	-	15	-	-	-
Mídia III	3	45	-	15	-	-	-
Mídia IV	4	45	-	15	-	-	-
Mídia V	6	45	-	20	-	-	30
Mídia VI	7	45	-	20	-	-	30
Mídia VII	8	45	-	20	-	-	30
Pintura I	3	60	-	-	-	-	-
Pintura II	4	60	-	-	15	-	-
Projetos Bidimensionais	5	60	-	-	-	-	-
Técnicas de Reprodução I	3	60	-	-	-	-	-
Técnicas de Reprodução II	4	60	-	-	-	-	-
Técnicas de Reprodução III	5	60	-	-	-	-	-
Projetos Interdisciplinares	8	60	-	-	-	-	30
Subtotal da carga horária de PCC, Revisão, LP, TICs, EaD (se for o caso)		--	--		75	25	150
Carga horária total (60 minutos)		1640	--	--	--	--	--

Carga Horária Total do Curso

TOTAL	Horas	Inclui a carga horária de
Disciplinas de Formação Didático-Pedagógica	975	70h PCC 60h EaD (se for o caso)
Disciplinas de Formação Específica da licenciatura ou áreas correspondentes	1640	340h PCC 265h Revisão / LP / TICs
Estágio Curricular Supervisionado	405	-----
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento (ATPA)	200	60h de Orientação de Projeto de TCC
TOTAL		3.220 horas

A estrutura curricular do Curso de Artes Visuais (licenciatura) apresentada para esta adequação atende ao disposto na seguinte legislação:

- Resolução CNE/CES nº 3/07, que dispõe sobre o conceito hora-aula;
- Deliberação CEE nº 111/12, alterada pela Deliberação CEE nº 154/2017;
- Resolução CNE/CP nº 02/2015.

2. CONCLUSÃO

2.1 Considera-se que a adequação curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, do Instituto de Artes - *campus* São Paulo, da UNESP, atende à Deliberação CEE nº 111/2012, alterada pela Deliberação CEE nº 154/2017.

2.2 A presente adequação tornar-se-á efetiva por ato próprio deste Conselho, após homologação deste Parecer pela Secretaria de Estado da Educação.

São Paulo, 26 de junho de 2018.

a) Consª Rose Neubauer

Relatora

DECISÃO DA CÂMARA

A CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR adota, como seu Parecer, o Voto da Relatora.

Presentes os Conselheiros Décio Lencioni Machado, Eliana Martorano Amaral, Edson Hissatomi Kai, Hubert Alquéres, João Otávio Bastos Junqueira, Martin Grossmann, Roque Theóphilo Júnior e Rose Neubauer.

Sala da Câmara de Educação Superior, 27 de junho de 2018.

a) Cons. Hubert Alquéres

Presidente

DELIBERAÇÃO PLENÁRIA

O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO aprova, por unanimidade, a decisão da Câmara de Educação Superior, nos termos do Voto da Relatora.

Sala "Carlos Pasquale", em 04 de julho de 2018.

Consª. Bernardete Angelina Gatti

Presidente

PARECER CEE Nº 262/18 – Publicado no DOE em 05/07/2018 - Seção I - Página 50

Res SEE de 13/07/2018, Publicado no DOE em 14/07/2018 - Seção I - Página 21

Portaria CEE GP nº 241/18, Publicado no DOE em 17/07/2018 - Seção I - Página 31

PLANILHA PARA ANÁLISE DE PROCESSOS
AUTORIZAÇÃO, RECONHECIMENTO E RENOVAÇÃO DE RECONHECIMENTO DE CURSOS DE LICENCIATURA
(DELIBERAÇÃO CEE Nº 111/2012 (NR))
DIRETRIZES CURRICULARES COMPLEMENTARES PARA A FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

PROCESSO CEE Nº: 533/2001			
INSTITUIÇÃO DE ENSINO: UNESP – campus São Paulo			
CURSO: ARTES VISUAIS - LICENCIATURA	TURNO/CARGA HORÁRIA	Diurno:	horas-relógio
	TOTAL: 3.220 horas	Noturno:	horas-relógio
ASSUNTO: Adequação à Deliberação CEE nº 111/2012, alterada pela Deliberação CEE nº 154/2017.			

1 - FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO II - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 111/2012			PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
			DISCIPLINAS (onde o conteúdo é trabalhado)	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica onde o conteúdo é contemplado
Art. 8º A carga total dos cursos de formação de que trata este capítulo terá no mínimo 3.200 (três mil e duzentas) horas, assim distribuídas:				
I – 200 (duzentas) horas dedicadas a revisão de conteúdos curriculares, Língua Portuguesa e Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs).	Art. 9º As 200 (duzentas) horas do Inciso I do Artigo 8º incluirão:	I – revisão dos conteúdos do ensino fundamental e médio da disciplina ou área que serão objeto de ensino do futuro docente;	Desenho I (15h)	ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual . São Paulo: Thompson Pioneira, 1998. ARTIGAS, Vilanova. O Desenho . 1967. Disponível em http://www.4shared.com/document/KtkJx7mR/O_Desenho.html Acesso em: nov. 2011.
			Estética I (15h)	GOMBRICH, E. H. <i>A história da arte</i> . RJ: Editora Guanabara, 1993.
			História da Arte Brasileira I (15h)	BANDEIRA, Julio et al. <i>A Missão Francesa</i> . Rio de Janeiro : Sextante, 2004. CUNHA, Manuela C. da (org). <i>História dos índios no Brasil</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 1992. OLIVEIRA, Myriam Andrade R. <i>O Rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus</i> . São Paulo: Cosac & Naif, 2003. ZANINI, Walter, org. <i>História Geral da Arte no Brasil</i> . São Paulo : Instituto Walther Moreira Salles, 1983. 2v.
			História da Arte I (15h)	BAZIN, G. <i>História da história da arte</i> . SP: Martins Fontes, 1989. HAUSER, A. <i>História social da literatura e da arte</i> . SP: Mestre Jou, 1975.

			Pintura II (15h).....	HAYES, Colin. Guia completo de Pintura y Dibujo: técnicas y materiales . Buenos Aires, Hermann Blume, 1980. KEPES, Gyorgy. El lenguaje de la visión . Buenos Aires, Ed. Infinito, 1976.
	II - estudos da Língua Portuguesa falada e escrita, da leitura, produção e utilização de diferentes gêneros de textos bem como a prática de registro e comunicação, dominando a norma culta a ser praticada na escola;	1- 2- Teoria da Comunicação (05h) 3-		CHALHUB, Samira - <i>Funções da Linguagem</i> . São Paulo, Ática, 1987.
		Metodologia de Pesquisa (15h)		ARAÚJO, Camila Maria de; BEZERRA, Benedito Gomes. Letramentos acadêmicos: leitura e escrita de gêneros acadêmicos no primeiro ano do curso de letras. Pernambuco. <i>Revista de Estudos Culturais da Contemporaneidade</i> . UFPE. nº 09, maio/junho, 2013, p. 5-37. FIORIN, J.L.; SAVIOLI, F.P. Para Entender o Texto: Leitura e Redação, São Paulo; Estação Liberdade, 2001 CASSANO, Maria da Graça. <i>Prática de Leitura e Escrita no Ensino Superior</i> . 2ª ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos Editora, 2011. GHIRALDELO, Claudete Moreno. <i>Língua portuguesa no ensino superior</i> : experiências e reflexões. São Paulo: Editora Claraluz, 2006.
	III - utilização das Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) como recurso pedagógico e para o desenvolvimento pessoal e profissional.	Introdução à Semiótica (05h)		JAKOBSON, Roman. <i>Linguística e Comunicação</i> . 7ª ed. Trad. de I. Blikstein e J. P. Paes. São Paulo, Cultrix, 1974. PIGNATARI, Décio - <i>Semiótica e Literatura</i> . 6ª ed. Cotia, Ateliê, 2004.
		Introdução ao Pensamento Filosófico (15h).....		CASSANO, Maria da Graça. <i>Prática de Leitura e Escrita no Ensino Superior</i> . 2ª ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos Editora, 2011. GHIRALDELO, Claudete Moreno. <i>Língua portuguesa no ensino superior</i> : experiências e reflexões. São Paulo: Editora Claraluz, 2006
		Laboratório de Vivência em Ateliê Permanente IV (15h).....		COX, Maureen. <i>Desenho da criança</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2000. VALENTE, J. A. Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador. Série "Pedagogia de Projetos e Integração de Mídias" - Programa Salto para o Futuro, Setembro, 2003. Disponível em http://cmapspublic.ihmc.us/rid=1HXFXQKSB-23XMNVQ-M9/VALENTE_2005.pdf . Acesso em 14jul2015
		Laboratório de Vivência em Ateliê Permanente V (15h).....		HOCKNEY, David. O conhecimento secreto. São Paulo: Cosac Naify, 2001. CALABRESE, Omar. A idade neobarroca. Edições 70 Martins, 1988.
		Mídia V (30h)		ARAÚJO, Antonio. A inserção efetiva das TICs na Educação. <i>Educar Brasil</i> : tecnologia a serviço da educação. Disponível em: http://www.educarbrasil.org.br/publicacoes/a-insercao-efetiva-das-tics-na-educacao/

			Mídia VI (30h)	<p>FERREIRA, Silvio. <i>Tudo o que você precisa saber sobre Áudio e Vídeo Digital</i>. São Paulo: Digerati Books, 2008.</p> <p>NAPOLITANO, Marcos. <i>Como usar o cinema na sala de aula</i>. São Paulo: Contexto, 2004.</p> <p>NAPOLITANO, Marcos. <i>Como usar a televisão na sala de aula</i>. São Paulo: Contexto, 1999.</p>
			Mídia VII (30h)	<p>ANDERS, Peter. "Ciberespaço antrópico: definindo um espaço eletrônico a partir dos princípios básicos". In: Leão, Lucia (org.). <i>Cibercultura 2.0</i>. São Paulo: Nojosa, 2003.</p> <p>LÉVY, Pierre. <i>As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática</i>. São Paulo, Editora 34, 1993.</p> <p>LEÃO, Lucia (org.). <i>Derivas: cartografias do ciberespaço</i>. São Paulo: Annablume, 2004.</p> <p>LEOTE, Rosangella. <i>Interfaces na relação arte e tecnologia</i>. In: Oliveira, Maria Rosa et all. (Org.). <i>Território das Artes</i>. São Paulo: EDUC, 2006, v. 1, p. 143-145.</p> <p>LEOTE, Rosangella. <i>A identidade da obra de arte como corpo expandido nas estéticas tecnológicas</i>. Anais da ANPAP 2008. ANPAP: Florianópolis.</p>
			Projetos Interdisciplinares (30h).....	<p>LEMOS, André. <i>Cibercultura e mobilidade: a era da conexão</i>. Razón y Palabra, n 41, 2004.</p> <p>LEOTE, Rosangella. <i>Poética da mobilidade e espaços híbridos. # 7 ARTE</i>. Congresso Internacional de Arte Tecnologia. Para compreender o momento atual e pensar o contexto futuro da arte. Brasília: UNB, Setembro 2008. Versão eletrônica- SITE. http://arte.unb.br/7art/textos/rosangellaLeote.pdf</p> <p>NUNES, Fabio Oliveira. <i>Web Arte no Brasil: algumas poéticas e interfaces no universo da rede Internet</i>. (Dissertação de mestrado) Campinas: UNICAMP, 2003.</p> <p>PLAZA, Júlio. <i>TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA, Perspectiva</i> (CNPq), Coleção Estudos; 94, São Paulo, 1987.</p>

1 - FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO II - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 111/2012		PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
		DISCIPLINAS (onde o conteúdo é trabalhado)	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica onde o conteúdo é contemplado
Art.10 - A formação didático-pedagógica compreende um	I - conhecimentos de História da Educação, Sociologia da Educação e Filosofia da Educação que fundamentam as ideias e as	Estado, Sociedade e Educação.....	BATTISTUS, C. T., LIMBERGER, C., CASTANHA, A. P. <i>Estado Militar E As Reformas Educacionais</i> . Vol. Revista de <i>Educação: Educere e Educare</i> . Unoeste, Campus Cascavel.1 nº 1 jan./jun. 2006. Acesso em março 2011-05-18

<p>corpo de conhecimentos e conteúdos educacionais – pedagógicos, didáticos e de fundamentos da educação – com o objetivo de garantir aos futuros professores dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, as competências especificamente voltadas para a prática da docência e da gestão do ensino:</p>	<p>práticas pedagógicas;</p>	<p>Sociologia e Arte.....</p> <p>Didática geral.....</p>	<p>SAVIANI, Dermeval - <i>Pedagogia e política educacional no império brasileiro</i> Acesso em: abril 2011. <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/489DermevalSaviani.pdf> VEIGA, Cynthia Greive. <i>História da Educação</i>. São Paulo: Ática, 2007.</p> <p>APPLE, Michael W., BALL, Stephen L; GANDIM, Luis Armando. <i>Sociologia da Educação: Análise Internacional</i>. Porto Alegre: Penso, 2013 ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. <i>Filosofia da Educação</i>. São Paulo: Editora Moderna, 2006. BARBOSA, Ana Mae. <i>Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo</i>. São Paulo: Perspectiva, 1986. _____. <i>John Dewey e o ensino da arte no Brasil</i>. São Paulo: Cortez, 2001. CANCLINI, N. G. <i>A Socialização da Arte</i>. São Paulo: Cultrix, 1980.</p> <p>DEWEY, John - <i>Uma Filosofia para Educadores em Sala de Aula</i>. Petrópolis: Ed. Vozes. 1999. ROUSSEAU, Jean – Jacques. <i>Emílio ou da educação</i>. 3ª edição, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004. SILVA, T. Tadeu. <i>O sujeito da educação</i>, Petrópolis, Vozes, 1994.</p>
	<p>II - conhecimentos de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem para compreensão das características do desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e físico da população dessa faixa etária;</p>	<p>Psicologia da Educação Desenvolvimento e Aprendizagem</p> <p>Psicologia e Arte</p>	<p>CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida - <i>PSICOLOGIA APLICADA À EDUCAÇÃO</i> - São Paulo: EPU ED., 1986. FARIA, Anália Rodrigues De - <i>Desenvolvimento Da Criança E Do Adolescente Segundo Piaget</i> - São Paulo: Ática Ed., 1998. FLAVELL, John H. - <i>A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget</i>. São Paulo: Ed. Pioneira, 1987. GALVÃO, Izabel. <i>Uma reflexão sobre o pensamento pedagógico de Henri Wallon</i>. In: <i>Cadernos Ideias, construtivismo em revista</i>. São Paulo, F.D.E., 1993. MUSSEN, Paul H. - <i>O desenvolvimento psicológico da criança</i>. R.Janeiro: Ed. Zahar, 1986. PIAGET, J. <i>Problemas de Psicologia Genética</i>. Coleção Os Pensadores. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural. 209-293, 1983. PIAGET, J. <i>Criatividade</i>. In Vasconcelos, M.(org.) <i>Criatividade, psicologia, educação e conhecimento do novo</i>. São Paulo: Moderna, 2001. VIGOTSKI, L. S. <i>Psicologia Pedagógica</i>. São Paulo: Martins Fontes, 2001.</p> <p>ARNHEIM, R. <i>Arte e Percepção Visual: Uma Psicologia da Visão Criadora – 7ª edição – Trad. Ivone Terezinha de Faria – São Paulo: Pioneira Ed., 1992.</i> DAY, R. H. <i>Psicologia e Percepção – Trad. do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo – Rio de Janeiro: José Olímpio Ed., 1974.</i> GUILLAUME P. <i>Psicologia da Forma – Trad. Irineu de Moura – 2ª edição – São Paulo: Companhia Editora Nacional Ed., 1966.</i> VIGOTSKI, L. S. <i>Psicologia da Arte</i>. São Paulo: Martins Fontes, 2001.</p>
<p>III - conhecimento do sistema educacional brasileiro, sua evolução histórica e suas políticas, para fundamentar a análise da educação escolar no país e possibilitar ao futuro professor entender o contexto no qual vai exercer sua prática docente;</p>		<p>Estado, Sociedade e Educação.....</p>	<p>BRASIL, <i>Constituição da República Federativa do Brasil</i>. Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: fevereiro 2017. BRASIL. <i>Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional</i>. Diário Oficial da União, Brasília. Disponível em:</p>

			<p>http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm . Acesso em: fevereiro 2017. BRASIL. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: fevereiro 2017. BRASIL. LEI Nº 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014. Plano Nacional de Educação – PNE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm BRZEZINSKI, I. LDB Interpretada: diversos olhares se entrecruzam. SP: Cortez, 1997. CURY, C.R.J. Plano Nacional de Educação: questões desafiadoras e embates emblemáticos. Acesso em abril de 2011 <http://www.cedes.unicamp.br/seminario3/carlos_cury.pdf SÃO PAULO (Estado). LEI Nº 16.279, DE 08 DE JULHO DE 2016. Plano Estadual de Educação. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2016/lei-16279-08.07.2016.html</p>
	<p>IV – conhecimento e análise das diretrizes curriculares nacionais, da Base Nacional Comum Curricular da Educação Básica, e dos currículos, estaduais e municipais, para os anos finais do ensino fundamental e ensino médio;</p>	<p>Didática geral</p> <p>Prática de Ensino de Artes Visuais I.....</p>	<p>MASON, Rachel. Por uma arte-educação multicultural. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001. DOOL Jr., W.E. Currículo: uma perspectiva pós-moderna. Porto Alegre: Artes Médicas. 1197. FERREIRA, Sueli (org.). O ensino das artes - construindo caminhos. Campinas: Papyrus, 2001. SAUL, Ana Maria. Avaliação emancipatória: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo. São Paulo: Cortez, 1988. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/ . SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. – 2. ed. – São Paulo: SE, 2011. 260 p. Disponível em:</p>

		<p>Libras, Educação Especial e Inclusiva.....</p>	<p>http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/237.pdf</p> <p>BRASIL. MEC. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. CNE/SEB. 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=3749-resolucao-dcnei-dez-2009&category_slug=fevereiro-2010-pdf&Itemid=30192</p> <p>São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Currículo integrador da infância paulistana. São Paulo : SME/DOT, 2015 72p. : il. Disponível em: http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/24900.pdf</p> <p>HERNANDEZ, F.; VENTURA, M. A organização do currículo por projetos de trabalho: O conhecimento é um caleidoscópio. 5ª Edição, Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1998.</p>
	<p>V – domínio dos fundamentos da Didática que possibilitem: a) a compreensão da natureza interdisciplinar do conhecimento e de sua contextualização na realidade da escola e dos alunos; b) a constituição de uma visão ampla do processo formativo e socioemocional que permita entender a relevância e desenvolver em seus alunos os conteúdos, competências e habilidades para sua vida; c) a constituição de habilidades para o manejo dos ritmos, espaços e tempos de aprendizagem, tendo em vista dinamizar o trabalho de sala de aula e motivar os alunos; d) a constituição de conhecimentos e habilidades para elaborar e aplicar procedimentos de avaliação que subsidiem e garantam processos progressivos de aprendizagem e de recuperação contínua dos alunos e; e) as competências para o exercício do trabalho coletivo e projetos para atividades de aprendizagem colaborativa.</p>	<p>Didática Geral</p>	<p>ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. 7 ed.São Paulo: Cortez, 2010. CORDEIRO, J. Didática. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2010. COMENIUS. Didática Magna. 2ª Edição. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2002. CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000. DEWEY, John - Uma Filosofia para Educadores em Sala de Aula. Petrópolis: Ed. Vozes. 1999. FAZENDA, Ivani C.A. Didática e Interdisciplinaridade. Campinas, Papirus, 1998. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 12º edição, São Paulo, Paz e Terra, 1999. HADJI, Charles. A avaliação, regras do jogo: das intenções aos instrumentos. Porto Codex: Porto Editora, 1994. MASON, Rachel. Por uma arte-educação multicultural. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001. MACHADO, Nilson J. Educação: projetos e valores. Capítulo 4, páginas 125 a 133. São Paulo: Escrituras editora, 2000. MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo, Editora Cortez, Brasília. D.F.: Unesco, 2000. PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000. _____. Ofício de aluno e o sentido do trabalho escolar. Porto, Porto Editora, 1995. ZABALZA, M. Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula. Porto Alegre,</p>

		<p>Ensino de Artes Visuais</p> <p>Fundamentos do Ensino de Artes.....</p> <p>Prática de Ensino de Artes Visuais I.....</p> <p>Prática de Ensino de Artes Visuais III.....</p>	<p>Artes Médicas, 1999. _____. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.</p> <p>BARBOSA, Ana Mae, AMARAL, Lilian (orgs.). <i>Interterritorialidade: mídias, contextos e educação</i>. São Paulo, Editora SENAC São Paulo: Edições SESC SP, 2008.</p> <p>BARBOSA, Ana Mae. <i>Arte-educação: conflitos e acertos</i>. São Paulo: Editora Max Limonad, 1984. BARBOSA, Ana Mae (org.) <i>Inquietações e mudanças no ensino da arte</i>. São Paulo: Cortez, 2002.</p> <p>FREIRE, Madalena et al. <i>Observação - Registro - Reflexão: Instrumentos Metodológicos I</i>. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1995. v.1. 64p. _____. <i>Avaliação e Planejamento: a prática educativa em questão - Instrumentos Metodológicos II</i>. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997.</p> <p>BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). <i>Arte/educação como mediação cultural e social</i>. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.</p>
	<p>VI – conhecimento de Metodologias, Práticas de Ensino ou Didáticas Específicas próprias dos conteúdos a serem ensinados, considerando o desenvolvimento dos alunos, e que possibilitem o domínio pedagógico do conteúdo e a gestão e planejamento do processo de ensino aprendizagem;</p>	<p>Ensino de Artes Visuais</p> <p>Processos de Criação.....</p> <p>Didática Geral</p> <p>Fundamentos do Ensino de Artes.....</p>	<p>BARROS, M. Uma Didática da Invenção In <i>Poesia Completa</i>. São Paulo: Leya, 2010. COUTINHO, Rejane Galvão. <i>Vivências e experiências a partir do contato com a arte</i>. In: <i>Educação com arte / Idéias 31</i>. FDE, 2004, p.145-158. READ, H. <i>Educação através da Arte</i>. São Paulo: Martins Fontes, 2001.</p> <p>PLAZA, Júlio & TAVARES, Monica. <i>Os processos criativos com os meios eletrônicos: poéticas digitais</i>. São Paulo: Hucitec, 1998. SALLES, Cecília Almeida. <i>Gesto inacabado: processo de criação artística</i>. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2000. HONIGSZTEJN, Henrique. <i>A Psicologia da Criação: um estudo sobre a criação artística e científica</i>. Rio de Janeiro: Imago, 1990.</p> <p>DEWEY, John - <i>A Arte como Experiência</i>, in <i>Os Pensadores</i>. São Paulo. Abril. 1974. IAVELBERG, Rosa. <i>Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores</i>. Porto Alegre: Artmed, 2003. MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. <i>Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte</i>. São Paulo: FTD, 1998. BARBOSA, Ana Mae (org.). <i>Inquietações e mudanças no ensino da arte</i>. São Paulo: Editora Cortez, 2002.</p>

		<p>Prática de Ensino de Artes Visuais I.....</p> <p>Prática de Ensino de Artes Visuais II.....</p> <p>Prática de Ensino de Artes Visuais III</p>	<p>AGUIRRE, Imanol. Modelos formativos en educación artística: Imaginando nuevas presencias para las artes en educación. Universidad Pública de Navarra, 2006. (texto conferência em PDF).</p> <p>BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (orgs.). Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais. São Paulo: Cortez, 2010.</p> <p>FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 2009.</p> <p>CHRISTOV, Luiza Helena da Silva; MATTOS, Simone Ap. Ribeiro. Arte educação: experiências, questões e possibilidades. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2006.</p> <p>EISNER, Elliot W. Educar la visión artística. Barcelona: Paidós, 1995.</p> <p>FERRAZ, Maria Heloísa & FUSARI, Maria F. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1992.</p> <p>_____. Metodologia do Ensino de Arte. São Paulo: Cortez, 1993.</p> <p>MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.</p> <p>BARBOSA, Ana Amália T. B.. O ensino de artes e de inglês: Uma experiência interdisciplinar. São Paulo: Cortez, 2007.</p> <p>HERNÁNDEZ, Fernando. Catadores da cultura visual: uma proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.</p> <p>MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Ed.da UFSM, 2009.</p> <p>RICHTER, Ivone Mendes. Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.</p>
	<p>VII – conhecimento da gestão escolar na educação nos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, com especial ênfase nas questões relativas ao projeto pedagógico da escola, regimento escolar, planos de trabalho anual, colegiados auxiliares da escola e famílias dos alunos;</p>	<p>Ensino das Artes Visuais: Teoria I, II e III</p>	<p>ACÚRCIO, Marina Rodrigues Borges (coord.). A gestão da escola. Porto Alegre/Belo Horizonte: Artmed/Rede Pitágoras, 2004.</p> <p>ARROYO, Miguel G. Currículo, território em disputa. 2ª. Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.</p> <p>BENINCÁ, E. As origens do planejamento participativo no Brasil. Revista Educação - AEC, n. 26, jul./set. 1995.</p> <p>BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. – 16. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2004. _____ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: (Lei9394/96) / 9º. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.</p> <p>CAMARGO, Ieda de. Gestão e políticas da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.</p> <p>DOURADO, Luis Fernando. Progestão: como promover, articular e envolver a ação das pessoas no processo de gestão escolar? Módulo II. Brasília: CONSED, 2001.</p> <p>EFLAND, Arthur D.; FREEDMAN Kerry; STUHR, Patricia. La Education en el Arte</p>

			<p>Posmoderno. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós, 2003.</p> <p>FERREIRA, Naura Syria Carapeto (org.). Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios, 2003.</p> <p>FONTANA, Andréia Regina. Gestão Democrática: É possível? In REI Revista de Educação do IDEAU, vol 6, no. 14, jul-dez, 2011, pp. 1-13. Disponível em < https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/147_1.pdf>. Acesso em 01 jun. 2018.</p> <p>FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.</p> <p>GANDIN, Danilo. A prática do planejamento participativo: na educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos cultural, social, político, religioso e governamental. Petrópolis: Vozes, 1994.</p> <p>LAVAL, Christian. A escola não é uma empresa. O neo-liberalismo em ataque ao ensino público. Trad. Maria Luiza M. de Carvalho e Silva. Londrina: Planta, 2004.</p> <p>LIBÂNEO, J. C. Organização e gestão escolar: teoria e prática. 4. ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.</p> <p>PADILHA, Paulo Roberto. Planejamento Dialógico: Como construir o projeto político pedagógico da escola. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.</p> <p>PARO, Vitor Henrique. Gestão democrática da escola pública. São Paulo: Ática, 2002.</p> <p>SILVA, Tomaz Tadeu da (organização e traduções). Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2001.</p> <p>____. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3ª. Ed. 3ª. Reimp. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2011.</p> <p>VASCONCELLOS, C. S. Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo. São Paulo: Libertad, 1995.</p> <p>VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. Planejamento participativo na escola: um desafio ao educador. São Paulo: EPU, 2000.</p>
	<p>VIII - conhecimentos dos marcos legais, conceitos básicos, propostas e projetos curriculares de inclusão para o atendimento de alunos com deficiência;</p>	<p>Libras, Educação Especial e Inclusiva</p>	<p>BAUMEL, R.C.R.C.; RIBEIRO, M.L.S. (Org). Educação especial: do querer ao fazer. São Paulo; Avecamp, 2003.</p> <p>BUENO, J.G.S. A educação especial no Brasil: alguns marcos históricos. In: Educação Especial Brasileira: integração/segregação do aluno deficiente. São Paulo: EDUC/PUC/FAPESP, 1993.</p> <p>DAMÁSIO, M.F.M. Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com Surdez. In: Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado. Brasília: SEESP/SEED/MEC, 2007.</p> <p>DECRETO 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Brasília: MEC, 2005. LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS. Brasília: SEESP/MEC, 1998.</p> <p>QUADROS, R.M. de. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.</p> <p>QUADROS, R.M. de. O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEESP, 2001.</p> <p>GALVÃO FILHO, T.A. (Org.) ; MIRANDA, T.G. (Org.) . Educação especial em contexto inclusivo: reflexão e ação. Salvador: EDUFBA, 2011.</p>

	<p>IX – conhecimento, interpretação e utilização na prática docente de indicadores e informações contidas nas avaliações do desempenho escolar realizadas pelo Ministério da Educação e pela Secretaria Estadual de Educação.</p>	<p>Estado, Sociedade e Educação.....</p>	<p>SAEB/Prova Brasil/IDEB Nota Técnica do INEP sobre o IDEB (2007) Matriz de Avaliação SAEB/INEP (2007) Escala de Proficiência SAEB/INEP (2014) Matriz de Avaliação Docente (2014) Matriz de Avaliação de Infraestrutura das Escolas (2017) SARESP-IDESP Nota Técnica do IDESP-SEE/SP/2008 Relatório Pedagógico dos Resultados do SARESP- (2009-2013) Resolução SE nº 27, de 29 de Março de 1996. Dispõe sobre o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo. Resolução SE nº74, de 6 de Novembro de 2008. Institui o Programa de qualidade da escola – PQE – Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo. São Paulo Secretaria da Educação Matrizes e Referência para a Avaliação. Documento Básico – SARESP, São Paulo, SEE, 2009 Resolução SE nº 41, de 31 de Junho de 2014. Dispõe sobre a realização de provas de avaliação relativas ao Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo – SARESP, 2014.</p> <p>SAEB/Prova Brasil/IDEB, Disponível em: http://portal.mec.gov.br/prova-brasil, acesso em 28/05/2018 Nota Técnica do INEP sobre o IDEB (2007), Disponível em: http://download.inep.gov.br/download/ideb/Nota_Tecnica_n2_metas_intermediarias_IDEB.pdf acesso em 28/05/2018 Matriz de Avaliação SAEB/INEP (2007), Disponível em: http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb/historico-do-saeb acesso em 28/05/2018 Escala de Proficiência SAEB/INEP (2014), Disponível em: http://provabrasil.inep.gov.br/escalas-de-proficiencia acesso em 28/05/2018, Matriz de Avaliação Docente (2014) Disponível em: http://portal.inep.gov.br/web/guest/educacao-basica/saeb/instrumentos-de-avaliacao acesso em 28/05/2018, Matriz de Avaliação de Infraestrutura das Escolas (2017), Disponível em http://download.inep.gov.br/educacao_basica/saeb/2017/documentos/projeto_basico_SAEB_2017_V6.pdf acesso em 28/05/2018, SARESP-IDESP Nota Técnica do IDESP-SEE/SP/2008, Disponível em http://idesp.edunet.sp.gov.br/Arquivos/NotaTecnicaPQE2008.pdf acesso em 28/05/2018. Relatório Pedagógico dos Resultados do SARESP- (2009-2013), 2009 – disponível em: https://saesp.fde.sp.gov.br/2009/ArquivosPdf/Relatorios/1_Saesp%202009%20-%20Relat%C3%B3rio%20Pedag%C3%B3gico_L%C3%ADngua%20Portuguesa.pdf 2010 – disponível em: http://www.ebah.com.br/content/ABAAAgg04AC/relatorio-pedagogico-saesp-2010-matematica 2011 – disponível em: http://saesp.fde.sp.gov.br/2011/ acesso em 28/05/2018. 2012 – disponível em: http://saesp.fde.sp.gov.br/2012/ acesso em 28/05/2018. 2013 – disponível em: http://file.fde.sp.gov.br/saesp/saesp2013/Arquivos/SARESP%202013_Relat%C3%B3ri</p>
--	---	--	---

			<p>o%20Pedag%C3%B3gico_L%C3%ADngua%20Portuguesa.pdf acesso em 28/05/2018</p> <p>Resolução SE nº 27, de 29 de Março de 1996. Dispõe sobre o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo. Disponível em: http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/27_1996.htm?Time=28/05/2018%2023:47:35 acesso em 28/05/2018</p> <p>Resolução SE nº74, de 6 de Novembro de 2008. Institui o Programa de qualidade da escola – PQE – Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo. Disponível em: http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/74_08.HTM?Time=28/05/2018%2023:49:15 acesso em 28/05/2018</p> <p>São Paulo Secretaria da Educação Matrizes e Referência para a Avaliação. Documento Básico – SARESP, São Paulo, SEE, 2009 . Disponível em: http://saesp.fde.sp.gov.br/2012/arquivos/saesp2012_matrizrefavaliacao_docbasico_completo.pdf acesso em 28/05/2018</p> <p>Resolução SE nº 41, de 31 de Junho de 2014. Dispõe sobre a realização de provas de avaliação relativas ao Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo – SARESP, 2014. Disponível em: http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/41_14.HTM?Time=28/05/2018%2023:52:40 acesso em 28/05/2018.</p> <p>Artigo: Avaliação em larga escala e indicadores de qualidade na educação: como se processa essa relação? Revista Educação em Questão, Natal, v. 55, n. 43, p. 139-161, jan./mar. 2017. Disponível em: file:///C:/Users/Pio%20Santana/Downloads/Avaliacao_em_larga_escal_a_e_indicativos_d_e_qualida.pdf acesso em 28/05/2018.</p>
--	--	--	---

1 - FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO I - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 111/2012		PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
		DISCIPLINA (S) (onde o conteúdo é trabalhado)	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica onde o conteúdo é contemplado
<p>Art. 8º A carga total dos cursos de formação de que trata este capítulo terá no mínimo 3.200 (três mil e duzentas) horas, assim distribuídas:</p>	<p>400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular – PCC – a serem articuladas aos conhecimentos específicos e pedagógicos, e distribuídas ao longo do percurso formativo do futuro professor, em conformidade com o item 2, da Indicação CEE nº 160/2017, referente a esta Deliberação.</p>	Vivência em Ateliê Permanente I ao V.....	<p>BOURRIAUD, NICOLAS, Estética Relacional, 2011, Martins Editora, 152 p. SMITHSON, R. A Museum of Language in Vicinity of Art, Art international, Março/1968. TASSINARI, A. O Espaço Moderno, São Paulo, Cosac & Naify, 2001, 160 p. MESZÁROS, I.. A Educação para além do Capital, 2ª edição, São Paulo Boitempo Editorial, 2010, 126 p.</p>
		Teoria da Comunicação	<p>CHERRY, Colin - A Comunicação Humana; uma recapitulação, uma vista de conjunto e uma crítica. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix-EDUSP, 1971. SANTAELLA, Lúcia e NÓTH, Winfried - Imagem: cognição, semiótica, mídia. São Paulo, Iluminuras, 1998.</p>
		Fundamentos da Linguagem Tridimensional	<p>MATTAR, Sumaya. Sobre Arte e Educação: entre a oficina artesanal e a sala de aula. 1ª. reimp. Campinas: Papirus, 2014. PILLAR, Analice Dutra (Org.). A educação do Olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999.</p>
		Mídia I.....	<p>ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção Visual. tradução. São Paulo, Pioneira e EDUSP, 1980. ARNHEIM, Rudolf. Visual Thinking. Berkeley, Univ. of California Press, 1976. (há tradução para o castelhano). DONDIS, Donia A. La Sintaxis de la Imagen. Tradução, Barcelona, G. Gili, 1976.</p>
		Mídia II	<p>MONFORTE, Luiz G. – Fotografia Pensante – S.Paulo, Editora Senac – 1997.</p>
		Mídia III	<p>RIBEIRO, MILTON – Planejamento Visual e Gráfico – Edição do autor MONFORTE, LUIZ – Alegorias Brasileiras, Ed Senac, Imprensa Oficial</p>
		Mídia IV.....	<p>CHARNEY, Leo & SCHWARTZ, Vanessa. O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo: Consac&Naify, 2001. COSTA, Flávia Cesarino. O primeiro cinema. São Paulo: Scritta, 1995.</p>
		Mídia V.....	<p>CARAMELLA, Elaine ET all. Mídias: multiplicação e convergências. São Paulo: SENAC, 2009. LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo, Editora 34, 1993.</p>
Mídia VI	<p>PAREYSON, Luigi. Estética: teoria da formatividade. Petrópolis: Vozes, 1993. PAREYSON, Luigi. Os Problemas de Estética. São Paulo: Martins Fontes, 1997.</p>		

		Mídia VII	LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo, Editora 34, 1993. NUNES, Fabio Oliveira. Web Arte no Brasil: algumas poéticas e interfaces no universo da rede Internet.(Dissertação de mestrado) Campinas: UNICAMP, 2003.
--	--	-----------------	--

OBSERVAÇÕES:**2- PROJETO DE PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR – PCC****Projeto para atender as PCCs : Vivência em Ateliê Permanente (VAP)**

As atividades de vivência em ateliês têm se tornado central no Curso de Artes Visuais. Tem-se estimulado e agora oficializado com 200 horas obrigatórias de atividades em ateliês permanentes dentro do Instituto de Artes. Essa prática tem ocorrido tanto no bacharelado como na licenciatura e tem-se discutido a necessidade de levar essa experiência para o ensino fundamental e médio como prática de ensino. O curso tem promovido uma residência dos alunos em ateliê fora do instituto em regime de imersão na Residência L.O.T.E.

Para tanto as disciplinas que introduzem as práticas em ateliês permanentes, tais como Fundamentos da Linguagem Tridimensional, Mídias I, II, III, IV, V, VI e VII proporcionam as bases para a vivência em Ateliês Laboratórios de modo a se ter um aprendizado num modelo pleno do exercício da prática e da teoria sobre o fazer artístico e sua prática de ensino. Assim como na disciplina Teoria da Comunicação onde os conceitos de artisticidade e comunicação são trabalhados em laboratórios da escrita.

ATELIÊ PERMANENTE

Sérgio Romagnolo
José Spaniol
Instituto de Artes da UNESP

Resumo: Este texto objetiva pensar as particularidades do ensino da arte, tanto em instituições públicas, quanto em ateliês. Para a consecução de seu objetivo, apresenta diferentes concepções teóricas, bem como abordagens diversas empíricas.

Palavras-chave: Arte, Pintura, Escultura, Ensino, Ateliê, Permanente.

ATELIÊ PERMANENTE I

O ensino é uma questão, a arte é outra, e o ensino de arte é uma questão da questão. Entende-se por questão um tema complexo de difícil definição. Como então pensar o ensino da arte? Um professor de matemática que ensina raiz quadrada para seus alunos consegue que, ao fim de uma aula, a maioria tenha competência para fazer uma conta e obtenha o mesmo resultado. Caso existam alguns resultados diferentes, com mais algumas explicações, esses alunos chegam ao resultado esperado. Por outro lado, um bom professor de arte sabe que, no fim da aula, não existirá um trabalho igual a outro, justamente porque se busca uma multiplicidade de resultados.

O próprio ensino da arte torna-se complicado porque não existe erro ou acerto em arte, o que não funciona para um, pode funcionar para o outro. Seria como ensinar futebol para uma criança, o que se pode fazer é melhorar as habilidades já existentes e promover o convívio entre os colegas para que o aprendizado fique mais dinâmico. Está claro que muitas crianças não sabem as aptidões que possuem e é papel do educador proporcionar o meio para que essa descoberta aconteça, muitas vezes essas descobertas não acontecem imediatamente, mas meses ou anos mais tarde. Como ensinar um drible, uma operação que se reinventa a cada instante e por isso mesmo não tem um resultado definido e, na maioria das vezes, não tem resultados? Ora, o objetivo do drible é o próprio driblar.

Da mesma forma acontece com a arte, seu aprendizado concentra-se na ambientação, na facilitação dos meios, para que um conhecimento preexistente ou recém-adquirido se materialize em objetos e imagens. O ambiente, a instituição, deve preparar o terreno para que isso aconteça. Robert Smithson resume o fazer do artista e pode-se encontrar esse mesmo sentido em muitas outras definições de outros artistas:

[...] o artista deve avançar especificamente para se perder, e intoxicar-se de atordoantes sintaxes, procurando por curiosas intersecções de sentidos, estranhos corredores da história, ecos inesperados, humores desconhecidos, ou vazios do conhecimento... mas isso exige risco, cheios de ficções infundadas e arquiteturas sem fim ou contra-arquiteturas... E no fim, se é que existe um fim, estarão provavelmente apenas reverberações sem sentido. (SMITHSON, 1968,).

Esse “se perder”, de que trata Smithson, pode ser entendido de outro modo nas palavras de Alberto Tassinari:

Torna-se possível, assim, distinguir, entre as obras de um espaço em obra, as que possuem artisticidade das que não possuem. Dito de maneira breve, uma obra de um espaço em obra é arte se imita bem o seu fazer... Quando o círculo que vai do imitante ao imitado e de novo ao imitante falha, a imitação também falha. Os sinais do fazer, neste caso, não surgem como se fossem engendrados pelo fazer que eles próprios imitam. (TASSINARI, 2001, p. 140).

O perder-se de Tassinari se traduz na expressão “imitar o seu próprio fazer”, ou seja, uma operação autoengendradora que se reinventa a todo o instante e se autoalimenta, buscando uma circularidade de engendramento. São duas explicações da mesma coisa: uma operação não linear que objetiva o seu fazer e se volta para si própria.

Como ficam, então, os ateliês de pintura, desenho, escultura e gravura? O ateliês de novas mídias já têm outra configuração por sua própria natureza, sua implantação, com seus cabos de força e de rede, une todos em um corpo contínuo, apesar de cada monitor conter um mundo separado.

Para entender o contexto em que o ensino da arte está submetido pode-se pensar nos conceitos elaborados por Adam Smith (1723-1790), o teórico do liberalismo econômico, quando este trata do “espírito comercial”:

Deverá ser esse o caso sobretudo quando toda a atenção de uma pessoa é dedicada a uma dentre dezessete partes de um alfinete ou a uma dentre oitenta partes de um botão, de tão dividida que está a fabricação de tais produtos. [...]. Essas são as desvantagens de um espírito comercial. As mentes dos homens ficam limitadas, tornam-se incapazes de se elevar. A educação é desprezada, ou no mínimo negligenciada, e o espírito heroico é quase totalmente extinto. Corrigir esses defeitos deveria ser assunto digno de uma séria atenção. (MESZÁROS, 2010, p. 28).

Este texto foi citado por István Meszáros, justamente para discutir como se poderiam corrigir esses defeitos e qual seria essa “séria atenção” de que fala Smith. O próprio Meszáros define a educação como um processo mais abrangente do que as salas de aula:

Nunca é demais salientar a importância estratégica da concepção mais ampla da educação, expressa na frase: ‘a aprendizagem é a nossa própria vida’. Pois muito do nosso processo contínuo de aprendizagem se situa, felizmente, fora das instituições educacionais formais. (MESZÁROS, 2010, p.53).

O que se espera de um ateliê é que, neste espaço, não se reproduza os modelos de representação do poder existentes em outros espaços da sociedade. Continua Meszáros definindo o papel da educação:

[...] a 'educação continuada', como constituinte necessário dos princípios reguladores de uma sociedade para além do capital, é inseparável da prática significativa da *autogestão*. Ela é parte integral desta última, como representação no início da *fase de formação* na vida dos indivíduos... (MESZÁROS, 2010, p. 75).

Dessa forma, o ensino de arte poderia ser semelhante ao modelo existente há quinhentos anos atrás, em que se encontrava o mestre e o discípulo. De certo modo, algumas escolas de arte ainda mantêm esse modelo, como a *Escola de Belas Artes de Paris* ou a *Academia de Belas Artes de Dusseldorf*. Mas também se pode pensar em um modelo híbrido, parte do ensino em salas de aula e parte em ateliês coletivos permanentes. Em 1991, houve uma experiência nesse sentido, coordenada por Paulo Pasta, Leda Catunda, Nuno Ramos e por mim. Tratava-se de um programa de ateliês coletivos e permanentes, montado na Oficina Oswald de Andrade, em São Paulo. O horário foi construído de modo a que os alunos/artistas tivessem pleno acesso ao espaço do prédio da oficina. Os orientadores/artistas, por sua vez, cumpriam um horário próprio, duas vezes por semana em dias diferenciados. Um dia por mês, um orientador propunha um exercício especial para que os alunos juntos aos professores respondessem a essa proposta. Todos executavam trabalhos nesse dia.

Inicialmente, os alunos tinham espaços definidos, mas com o tempo esses espaços foram se ampliando e se misturando entre si, conforme as necessidades de cada obra. No final, os espaços estavam bastante caóticos, apresentando muitas obras e restos de materiais não utilizados pelos artistas. Uma exposição, contendo o resultado do curso, foi enfim montada.

A dinâmica do curso presumia um sistema orgânico de crítica, pois cada professor mantinha uma autonomia de critérios frente às obras dos alunos. As seções de encontros dos professores com os alunos tinham o formato de críticas e discussões individuais e, por muitas vezes, apresentavam opiniões conflitantes. Dessa forma, as decisões, quanto aos caminhos a serem tomados com relação aos futuros passos na construção das obras, ficavam inteiramente nas mãos dos alunos, reafirmando o sentido de não haver uma única verdade para o ensino e a fruição da arte.

A grande mudança com esse sistema de aulas consistiu em quebrar o modelo de trabalhos desmontáveis, no qual o aluno executa seus trabalhos e os desmonta constantemente para transportá-los para casa. O problema desse formato é que, no término do curso, pede-se para esse mesmo aluno que ocupe um espaço expositivo com suas obras para o seu trabalho de conclusão de curso, exigindo, assim, um resultado que não foi contemplado durante o desenvolvimento do curso, os trabalhos desmontáveis não conseguem se impor em um espaço expositivo continuado.

O aluno de arte precisa de um espaço durante o ano todo, mesmo que seja um pedaço de parede. Nesse espaço autogerido, esse aluno convive com seu ambiente artístico e educacional, de modo a se reinventar a todo instante, a "imitar o seu próprio fazer" permanentemente e a autogerir seu espaço continuamente, reproduzindo um modelo mais parecido com a vida comum do que com as salas de aula tradicionais.

ATELIÊ PERMANENTE II

As considerações a seguir serão formadas por algumas referências históricas a respeito do ambiente dos ateliês e também por relatos colecionados a partir de "conversas de ateliê". Por este motivo, parte delas não possui referências ou notas explicativas indicando os livros e as páginas onde se encontram. Neste caso, não serão tratadas como citações, mas como lembranças dessas discussões. Através delas, é possível estabelecer algumas relações com o atual sistema de ensino de arte, mesmo que, em alguns momentos, possa parecer pouco provável.

Sobre as práticas em torno do aprendizado de arte, existe um interessante comentário no prólogo, escrito por Aldo Miele, para a edição argentina do livro *La Divina Proporcione*, de Luca Pacioli (1445-1517). Mieli faz um relato sobre as principais vias de transmissão do conhecimento científico no século XV e XVI. Primeiramente, trata do que seria a vertente oficial, disseminada nas universidades e em outros estabelecimentos de ensino, transmitida em latim, comum entre os filósofos e literatos. A segunda vertente, tão importante quanto a primeira e talvez menos estudada, refere-se ao conhecimento encontrado no ambiente dos artistas e artesões, baseado na prática e na convivência, transmitido em italiano. No primeiro caso, manifestava-se um ponto de vista mais teórico, tendo a escrita como meio de expressão, em uma tentativa de aproximação com a excelência de Cícero. No segundo caso, a transmissão da experiência se efetivava por tradição oral, frequentemente em língua vulgar, capaz de reunir, entre seus membros, nomes como Leonardo da Vinci e Felipo Brunelleschi.

A partir do exposto, lembrei-me de algumas histórias sobre o aprendizado de arte. A primeira é sobre uma suposta diferença entre o ensino de arte nas escolas italianas e francesas. Na Itália, as reuniões em ateliês destinavam-se à prática e a discussões em torno de assuntos relativos à arte. Neste caso, sob a orientação de um mestre, os alunos se reuniam para trabalhar juntos, trocar experiências comuns, verificar procedimentos etc. Na França, porém, os grupos se reuniam para discutir e avaliar as

questões relativas à arte, mas ao final se despediam e cada um se retirava para seu próprio ateliê, a fim de continuar sozinho o trabalho após as reflexões realizadas em grupo.

Segundo esses relatos, na Itália, discute-se e trabalha-se no mesmo lugar, pressupondo um convívio centralizado no ateliê, estabelecido por meio de discussões, mediante a prática. Já na França, discute-se, mas se trabalha sozinho, as reuniões ocorrem para se discutir questões da arte, mas no momento da prática, é desejável que o artista se desenvolva solitariamente, longe de todos, enfrentando seus próprios limites. Na experiência francesa, não se caracteriza a figura de um professor tutor como na Itália, e parece haver mais independência entre os membros do grupo.

No Brasil, gostaria de destacar também o fato que a Pinacoteca do Estado, o Museu Lasar Segall, o MAC e o MAM disponibilizavam ateliês livres para o público durante a década de 1980. Embora o número de instituições culturais em São Paulo ainda fosse bem menor do que hoje, esses espaços contribuíram de maneira decisiva para a formação de toda uma geração. Por meio de seus ateliês, os museus criaram a oportunidade de desenvolvimento pessoal através de uma prática ligada ao convívio com os acervos. Era como se todo o museu se tornasse uma extensão do ateliê. Além da atividade acompanhada por um orientador, o próprio espaço favorecia a fluência e discussão dos trabalhos. Fazer um desenho e depois caminhar por corredores repletos de pinturas e esculturas potencializava ainda mais a experiência.

No início do ano de 1990, graças a uma bolsa de estudos do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico, frequentei durante três anos a Academia de Artes de Düsseldorf, uma escola moderna voltada para arte contemporânea, com amplos ateliês e muito bem equipada. De modo geral, cada professor dispunha de dois ateliês grandes para receber os alunos e mais um espaço onde desenvolvia seu próprio trabalho. Os estudantes ingressavam nessa escola através de uma carta de aceitação escrita por um dos professores e não a partir de um exame. O candidato apresentava um portfólio com os trabalhos que já tinha realizado antes de entrar na escola. A relação se desenvolvia baseada na confiança entre professor e aluno, e fora algumas poucas disciplinas que o estudante devia cumprir no primeiro ano, não existia programa algum preestabelecido. Tudo era desenvolvido entre professor e aluno, a partir da prática de ateliê e das discussões a respeito dos trabalhos. As classes em geral se formavam em torno de um meio expressivo. Desse modo, haviam grupos que se dedicavam à pintura, outros à escultura, gravura, fotografia e instalação etc. Eram quase como grêmios, onde cada time se reunia em torno dos interesses de sua modalidade específica.

No Brasil, penso que a universidade e o meio de arte ainda estejam se adaptando, buscando um formato que concilie as dinâmicas internas dos processos artísticos e da universidade. Se por um lado, os programas de pós-graduação propiciam uma grande liberdade na relação entre orientador e orientando, por outro, ainda existe a necessidade de buscar uma metodologia capaz de resistir à imprevisibilidade dos processos artísticos. Não vejo outra maneira de o ensino de arte ocorrer em profundidade que não seja pela prática de ateliê e a vivência com os meios expressivos.

2 - FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO II - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 111/2012		PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
		Descrição Sintética do Plano de Estágio	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica Específica para o Estágio
Art. 11 O estágio supervisionado obrigatório, previsto no inciso III do art. 8º, deverá ter projeto próprio e incluir:	I – 200 (duzentas) horas de estágio na escola, em sala de aula, compreendendo o acompanhamento do efetivo exercício da docência nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, bem como vivenciando experiências de ensino, na presença e sob supervisão do professor responsável pela classe na qual o estágio está sendo cumprido e sob orientação do professor da	Os estágios são realizados nas modalidades de observação, participação e regência, em Educação formal: escolas de educação básica: <u>educação infantil, ensino fundamental e ensino médio</u> (incluindo classes de educação especial e	<p>LISTA ÚNICA DE BIBLIOGRAFIA DE ESTÁGIO</p> <p>BARBOSA, Ana Mae. Tópicos utópicos. Belo Horizonte, c/Arte, 1998.</p> <p>BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Brasília; MEC/SEF. 1998</p> <p>BRASIL. MEC. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. CNE/SEB. 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=3749-resolucao-dcnei-dez-2009&category_slug=fevereiro-2010-pdf&Itemid=30192</p> <p>FREIRE, Madalena et al. Observação - Registro - Reflexão: Instrumentos Metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1995. v.1. 64p.</p> <p>_____. Avaliação e Planejamento: a prática educativa em questão - Instrumentos Metodológicos II. São Paulo: Espaço</p>

	<p>Instituição de Ensino Superior;</p> <p>II – 200 (duzentas) horas dedicadas ao acompanhamento das atividades da gestão da escola dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, nelas incluídas, entre outras, as relativas ao trabalho pedagógico coletivo, conselhos da escola, reuniões de pais e mestres, reforço e recuperação escolar, sob orientação do professor da Instituição de Ensino Superior e supervisão do profissional da educação responsável pelo estágio na escola, e, em outras áreas específicas, se for o caso, de acordo com o Projeto de Curso de formação docente da Instituição.</p> <p>Parágrafo único – Os cursos de Educação Física e Artes deverão incluir estágios em educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, nos termos deste artigo. (Acréscimo)</p>	<p>programas de EJA - educação de jovens e adultos), públicas e particulares</p>	<p>Pedagógico, 1997.</p> <p>FERRAZ, Maria Heloisa & FUSARI, Maria F. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1992.</p> <p>_____. Metodologia do Ensino de Arte. São Paulo: Cortez, 1993.</p> <p>SÃO PAULO. Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Arte. São Paulo: SEE, 2008.</p> <p>São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Currículo integrador da infância paulistana. São Paulo : SME/DOT, 2015 72p. : il. Disponível em: http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/24900.pdf</p> <p>SÃO PAULO. Referenciais Curriculares. São Paulo: SESP, 2008.</p> <p>BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Arte. S.E.F. Brasília; MEC/SEF. 1997 (1º e 2º ciclos).</p> <p>BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Arte. S.E.F. Brasília; MEC/SEF. 1998 (3º e 4º ciclos).</p> <p>FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. & REZENDE E FUSARI, Maria F. de. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1991. Coleção magistério 2. grau. Série Formação Geral.</p> <p>IÁVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.</p> <p>MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.</p> <p>NÓVOA, António (org.). Vidas de professores. Porto:Porto Editorial, 1995.</p>
--	---	--	--

OBSERVAÇÕES:

3- PROJETO DE ESTÁGIO

A proposta da Comissão de Estágios do Instituto de Artes procura atender às necessidades de formação dos professores de Artes através das novas licenciaturas oferecidas pelo Instituto de Artes: Licenciatura em Artes Visuais, Licenciatura em Artes Cênicas e Licenciatura em Educação Musical. A criação das novas Licenciaturas do Instituto de Artes da UNESP se insere em um movimento de amplitude nacional de atualização e qualificação da formação dos professores de Artes, que tem como marco a promulgação da última Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996. Este movimento prevê a extinção das Licenciaturas de Educação Artística e a implantação das Licenciaturas nas linguagens específicas em sintonia com as concepções contemporâneas da Arte e da Educação que dialogam com as questões emergentes da sociedade. Para um ensino de qualidade é necessário se priorizar a formação de especialistas atualizados com as práticas de produção, de circulação e de recepção dos bens culturais. Neste contexto, o campo de atuação dos profissionais do ensino de Artes tem se ampliado para além das instituições formais de ensino incluindo os espaços de educação não-formais e informais. A tarefa de formação deste educador, ou arte-educador como se designa chamar este profissional, tem se complexificado e conseqüentemente as dimensões desta formação onde se entrelaçam teoria e prática, os estágios supervisionados precisam se adequar a esta nova configuração do campo de ação. Nesta perspectiva, o objetivo deste documento é definir e atualizar as normas que regulam os estágios para a formação destes profissionais no Instituto de Artes em consonância com as Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores do Ministério da Educação.

1. Definição dos tipos de estágios, a carga horária e sua distribuição, locais de realização e respectivo número de vagas

1.1. Tipos estágios: Os estágios são realizados nas modalidades de:

1.1.1. Observação – quando o estagiário observa a prática do professor;

1.1.2. Participação – quando o estagiário participa da prática conduzida pelo professor auxiliando na docência;

1.1.3. Regência – quando o estagiário elabora um plano de ensino e põe em prática.

1.2. Carga horária e sua distribuição: A carga horária total do estágio é de 405 horas, assim distribuídas:

210 horas no ensino formal, público e/ou privado.

195 horas no ensino não-formal ou informal.

Entende-se por ensino não-formal os cursos de artes sequenciais que não fazem parte das redes de ensino formal; e por ensino informal os projetos educativos e ações educativas desenvolvidas por organizações não governamentais, instituições culturais e/ou sociais que oferecem e desenvolvem atividades artísticas.

1.3. Locais de realização:

1.3.1 Educação formal: escolas de educação básica: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio (incluindo classes de educação especial e programas de EJA - educação de jovens e adultos), públicas e particulares.

1.3.2 Educação não-formal e informal: Escolas de Arte com cursos sequenciais; cursos livres de extensão e de difusão cultural oferecidos por instituições diversas nas linguagens artísticas referente às licenciaturas cursadas pelos alunos; Projetos educativos em artes desenvolvidos por organizações não governamentais, museus, instituições culturais e/ou sociais, fundações, bibliotecas, mídiotecas, etc.; Participação em congressos, simpósios, seminários, encontros e palestras sobre arte e arte-educação;

1.4. Vagas: Não será estabelecido limite de número de vagas.

2. Período de duração dos estágios e níveis de ensino

Serão computadas as horas de estágio efetivamente realizadas no ano em que o aluno estiver matriculado nas disciplinas de Prática de Ensino, Estágio Supervisionado. Cabe aos professores responsáveis pela supervisão dos estágios de cada curso/licenciatura distribuir de forma equilibrada a carga horária exigida de 405 horas nos dois últimos anos do curso de acordo com as disciplinas de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, levando em consideração que o aluno deverá ter experiências com os diferentes níveis de ensino e suas diferentes faixas etárias (da educação infantil ao ensino médio) ao longo de sua formação.

3. Forma de realização dos estágios

O professor de Prática de Ensino juntamente com o aluno deverá construir o “Plano de Atividades de Estágios” (modelo anexo), com roteiro de observação e critérios para seleção dos locais e realização dos mesmos tendo em vista as três modalidades: observação, participação e regência. A atuação do aluno como docente em Arte e/ou em atividade de cunho educacional nas linguagens artísticas poderá ser computada em 50% da carga horária de estágio no respectivo ano em que o aluno estiver matriculado na disciplina, levando em consideração o nível de ensino exigido neste ano. Por exemplo: se o aluno estiver matriculado na disciplina de Prática de Ensino II, Estágio Supervisionado da Licenciatura de Artes Visuais que enfoca o ensino fundamental e neste mesmo ano estiver atuando como docente de artes do ensino fundamental, ele poderá computar 50% de sua carga horária com sua atuação docente. No entanto, se neste mesmo caso, o aluno estiver atuando como docente no ensino médio, ele terá que efetuar toda a carga horária exigida neste ano no ensino fundamental. Desta forma procura-se respeitar a experiência do aluno/docente, porém garantindo que ao final do curso ele esteja preparado para atuar em todos os níveis de ensino como professor de artes.

4. Forma de divulgação das vagas

Na medida em que houver ofertas de estágio as vagas serão divulgadas ao longo do ano letivo, pelos professores responsáveis pelas disciplinas de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado.

5. Critérios e procedimentos destinados a seleção dos candidatos

Todos os alunos matriculados nas Licenciaturas deverão realizar estágios. Compete aos alunos buscar sua inclusão como estagiário junto às instituições mediante Carta de Apresentação fornecida pelo Instituto de Artes. Cabe ao Instituto de Artes viabilizar convênios com as escolas ou instituições desde que seja solicitado pelas mesmas.

6. Forma de supervisão e avaliação dos estágios

Os estágios serão supervisionados pelos professores responsáveis pelas disciplinas de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, tendo como parâmetros os roteiros previamente estabelecidos para sua realização. Como metodologia para supervisão sugere-se: ação-reflexão-ação e para avaliação os critérios são: presença e participação na disciplina de Prática de Ensino e nos espaços de estágio (cumprindo a carga horária estabelecida); e apresentação dos produtos solicitados (plano de estágio, relatório e/ou texto reflexivo sobre a experiência). Para a supervisão dos estágios serão oferecidos pelos professores responsáveis horários especiais de atendimento semanal além do horário de aula regular. A frequência aos estágios será registrada da seguinte maneira: o Instituto de Artes fornecerá Fichas de Estágio (modelo em anexo) a cada um dos alunos estagiários; nessas fichas será registrado o total de horas, o nível de ensino e o período dos estágios em cada uma das instituições, junto com carimbo e assinatura dos responsáveis, Diretor, Coordenador Pedagógico, ou cargo equivalente.

7. Atribuições do estagiário

Os alunos terão as seguintes atribuições: buscar a instituição ou local para realização do estágio em acordo com o professor supervisor de estágio; levar carta de apresentação; apresentar os produtos solicitados pelo supervisor dos estágios, tais como: plano de estágio, relatório e/ou texto reflexivo sobre a experiência e ficha de estágio.



4- EMENTAS E BIBLIOGRAFIA BÁSICA

INTRODUÇÃO À SEMIÓTICA: Partindo do lugar da Semiótica no sistema filosófico de Charles Sanders Peirce e entre as teorias das linguagens, proceder-se-á ao estudo do signo e sua classificação, concluindo com um teste de sua operacionalidade na análise de complexos sígnicos artísticos.

Bibliografia Básica:

PEIRCE, Charles Sanders - "Estudos Coligidos". In: Os Pensadores, vol. 36. Trad. de Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomerangblum. São Paulo, Abril, 1974, p. 7-192.

_____ - Semiótica. Trad. de J. T. Coelho Neto. São Paulo, Perspectiva, 1977.

_____ - Semiótica e Filosofia. Trad. de Octanny Siveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo, Cultrix-Edusp, 1975.

SANTAELLA, Lúcia - A teoria Geral dos Signos; como as linguagens significam as coisas. São Paulo, Pioneira, 2000.

SANTAELLA, L. e NÖTH, W. - Imagem: cognição, semiótica, mídia. São Paulo, Iluminuras, 1998.

JAKOBSON, Roman - Lingüística e Comunicação. 7ª ed. Trad. de I. Blikstein e J. P. Paes. São Paulo, Cultrix, 1974.

NÖTH, Winfried - Panorama da Semiótica : de Platão a Peirce. São Paulo, Annablume, 1995.

PIGNATARI, Décio - Semiótica e Literatura. 6ª ed. Cotia, Ateliê, 2004.

_____ - Semiótica da Arte e da Arquitetura . 3ª ed. Cotia, Ateliê, 2004.

SANTAELLA, Lúcia - A assinatura das coisas: Peirce e a literatura. Rio de Janeiro, Imago, 1992.

_____ - O que é Semiótica? São Paulo, Brasiliense, 1983.

_____ - Semiótica aplicada. São Paulo, Thomson, 2002.

PROCESSOS DE CRIAÇÃO: Pesquisa e reflexão sobre os processos de criação em arte, como espaço de fundamentação e contribuição teórica para contextualização da própria produção poética e para os projetos de conclusão do curso.

Bibliografia Básica:

LAURENTIZ, Paulo - "A Holarquia do Pensamento Artístico" - Campinas, Editora da UNICAMP, 1991.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e Processo de Criação. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

PAREYSON, Luigi. Os problemas da estética. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

PLAZA, Júlio & TAVARES, Monica. Os processos criativos com os meios eletrônicos: poéticas digitais. São Paulo: Hucitec, 1998.

SALLES, Cecília Almeida. Gesto inacabado: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2000.

SALLES, C. A. Redes da criação. Vinhedo: Editora Horizonte, 2006.

BODEN, Margareth A (org). Dimensões da criatividade. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

GARDNER, Howard. Mentas que criam: uma anatomia da criatividade observada através das vidas de Freud, Eisentein, Picasso, Stravinsky, Eliot, Graham e Gandhi. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

HONIGSZTEJN, Henrique. A Psicologia da Criação: um estudo sobre a criação artística e científica. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

KNELLER, George F. Arte e Ciência da Criatividade. São Paulo: Ibrasa, 1973.

MARINA, José Antonio. *Teoria da inteligência criadora*. Lisboa: Anagrama, 1995.

ROBERTS, Royston. *Descobertas acidentais nas ciências*. Campinas, SP, Papirus, 1993.

CULTURA POPULAR: Estudo de aspectos da cultura popular brasileira, sobretudo de tradição oral, buscando contatos com as culturas indígenas, africanas e asiáticas, enfatizando-se os elementos plásticos. Além do conhecimento descritivo das diversas modalidades culturais, busca-se a compreensão antropológica da produção da diversidade cultural e das funções e sentidos dessas práticas nas comunidades praticantes.

Bibliografia Básica:

ARANTES, Antônio A. O que é folclore (coleção Primeiros Passos). 3 ed., São Paulo: Brasiliense, 1982.

AYALA, Marcos & Maria Ignez N. AYALA. Cultura Popular no Brasil (Série Princípios). São Paulo: Ática, 1987.

BRANDÃO, Carlos R. O que é folclore (coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 1982.

BURKE, Peter. A Cultura Popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800. S. Paulo: Schwarcz, 1989.

CARVALHO, Rita Laura S. de; e outros. Seminário Folclore e Cultura Popular: as várias faces de um debate. Rio de Janeiro: INF/IBAC/MEC, 1992.

FERNANDES, Florestan. O Folclore em Questão. S.Paulo: Hucitec, 1978.

FRADE, Cásia. Folclore. São Paulo: Global, 1991.



- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *As Culturas Populares no Capitalismo*. São Paulo: Melhoramentos, 1982.
- GONZALEZ, Jorge A. *Sociologia de las Culturas Subalternas*. México: Univ. Autónoma de Baja California, 1990.
- IKEDA, Alberto T. "Do lundu ao Manguê-beat", in: *Revista História viva – Temas Brasileiros: Presença Negra*, n.3, S. Paulo: Duetto, março 2006, pp. 72-75.
- IKEDA, Alberto T. "Manifestações tradicionais: rituais, artes, ancestralidades ...", in: *Prêmio Cultura Viva: um prêmio à cidadania*. Coord. Ana Regina Carrara. São Paulo: CENPEC, 2007, pp. 50-54.
- LAPLATINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- LIMA, Rossini Tavares de. *A Ciência do Folclore*. São Paulo: Ricordi, 1978
- ORTIZ, Renato. *Cultura Popular: românticos e folcloristas*. S.Paulo: PUC, 1985.
- PEREIRA, Niomar de Souza. *Folclore: teorias, conceito, campo de ação*. São Paulo: Nacional, 1986.
- ROCHA, Tião. *Folclore: roteiro de pesquisa*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Governo de Minas Gerais - Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento/Comissão Mineira de folclore, 1996.
- SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura (coleção Primeiros Passos)*. 6 ed., São Paulo: Brasiliense, 1987.
- VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte/Getúlio Vargas, 1997.

DESENHO I : Desenvolver a linguagem do desenho abordando a sintaxe, a expressão, criação plástica, iniciando o aluno no uso dos materiais (secos ou molhados) e suportes diversos relativos à sua prática.

Bibliografia Básica:

- ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual*. São Paulo: Thompson Pioneira, 1998.
- OSTROWER, Fayga. *Universos da arte*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*. Brasília: Leo Christiano, 2002
- MOTTA, Flávio. *Desenho e Emancipação*. 1967. Disponível em
<http://www.lugaralgun.com/abav/liaisons/archives/2002_05_01_a.shtml>
< Desenho e Emancipação <http://winstonsmith.free.fr/textos/desenhoE-FLM.html>>
Acesso em: nov. 2011.
- ARTIGAS, Vilanova. *O Desenho*. 1967 . Disponível em
http://www.4shared.com/document/KtkJx7mR/O_Desenho.html
Acesso em: nov. 2011.
- ANDRADE, Mario de. —Do desenholl, IN: *Aspectos das Artes Plásticas no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1965/1984.
- ARTIGAS, Vilanova. *O Desenho*. In: *Caminhos da Arquitetura*. São Paulo: Cosac & Naify, 1999. 176p. 69-81
- VALERY, Paul. *Degas Dança Desenho*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual*. São Paulo: Thompson Pioneira, 1998.
- OSTROWER, Fayga. *Universos da arte*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*. Brasília: Leo Christiano, 2002
- MOTTA, Flávio. *Desenho e Emancipação*. 1967. Disponível em
<http://www.lugaralgun.com/abav/liaisons/archives/2002_05_01_a.shtml>
< Desenho e Emancipação <http://winstonsmith.free.fr/textos/desenhoE-FLM.html>>
Acesso em: nov. 2011.
- ARTIGAS, Vilanova. *O Desenho*. 1967 . Disponível em
http://www.4shared.com/document/KtkJx7mR/O_Desenho.html
Acesso em: nov. 2011.
- ANDRADE, Mario de. —Do desenholl, IN: *Aspectos das Artes Plásticas no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1965/1984.
- ARTIGAS, Vilanova. *O Desenho*. In: *Caminhos da Arquitetura*. São Paulo: Cosac & Naify, 1999. 176p. 69-81
- VALERY, Paul. *Degas Dança Desenho*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

DESENHO II : Desenvolver a linguagem do desenho abrangendo aspectos experimentais. Ampliação do repertório gráfico, utilização de materiais diversos e introdução nos conceitos da Arte Contemporânea.

Bibliografia Básica:

- DERDYK, Edith (Org.). *Disegno, Desenho, Desígnio*, 2ª. ed. São Paulo, Ed. Senac, 2007.
- _____. *Formas de Pensar o Desenho*, 4ª. ed. ver. amp. Porto Alegre, Zouk, 2010.
- MASSIRONI, Manfredo. *Ver pelo Desenho*. Lisboa, Edições 70. 1996.



- MAYER, Ralph. O Manual do Artista, São Paulo, Martins Fontes, 1996.
NAVES, Rodrigo. A Forma Difícil, ensaios sobre arte brasileira, São Paulo, Ática, 1996
OSTROWER, Fayga. Acasos e Criação Artística, Rio de Janeiro, Campus, s/d.
COLLIER, Grahlan. Form, space and vision. Prentice Hall Inc, New Jersey, 1972.
CRESPI, Irene e. Léxico técnico de las artes plásticas. Editorial Universitária de Buenos Aires, 1977.

DIDÁTICA GERAL : A disciplina tem como foco central o desenvolvimento de reflexão a respeito dos modos de ser professor/ arte-educador em diferentes instituições educacionais como escolas da educação básica, públicas e privadas e projetos de arte-educação realizados por organizações não governamentais e culturais. Os modos de ser arte-educador contemplam desde experiências trazidas pelos estudantes que merecem ser analisadas e significadas por eles até experiências de leituras no contato com autores que contribuem com fundamentações no campo da didática em geral e da didática voltada para arte-educação em particular, sobretudo para o ensino de artes visuais.

Bibliografia Básica:

- CORDEIRO, J. Didática. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
FREIRE, P. A importância do ato de ler/ em três artigos que se completam. 41ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
_____. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 12ª edição, São Paulo, Paz e Terra, 1999.
_____. Pedagogia do Oprimido. 27ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
LARROSA, Jorge. Pedagogia profana - danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
RANCIÈRE, J. O mestre Ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual. Trad. Lilian do Valle. 3ª edição, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.
COMENIUS. Didática Magna. 2ª Edição. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2002.
DEWEY, John - A Arte como Experiência, in Os Pensadores. São Paulo. Abril. 1974
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 12ª edição, São Paulo, Paz e Terra, 1999.
FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
HADJI, Charles. A avaliação, regras do jogo: das intenções aos instrumentos. Porto Codex: Porto Editora, 1994.
MACHADO, N. José. Sobre a idéia de competência. In Philippe Perrenoud, Monica Gather Thurler, Lino de Macedo, Nilson José Machado e Cristina Dias Alessandrini. As Competências para Ensinar no Século XXI. A Formação dos Professores e o Desafio da Avaliação. Porto Alegre (Brasil), Artmed Editora, 2002.
MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita - Repensar a reforma, reformar o pensamento, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
ROUSSEAU, Jean – Jacques. Emílio ou da educação. 3ª edição, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004.
COUTINHO, Rejane G.. 'Vivências e experiências a partir do contato com a arte, in: Educação com arte. São Paulo: FDE, Diretoria de Projetos Especiais, 2004, Série Idéias, n.31, p.143-158.
MASON, Rachel. Por uma arte-educação multicultural. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.
IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.
MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.
ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
MACHADO, N. J. Epistemologia e didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente. São Paulo: Cortez, 1995.
MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.) Pedagogias em Educação Musical. Curitiba: IBPEX, 2011.
BARBOSA, Ana Mae (org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Editora Cortez, 2002.
CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.
DEWEY, John - Uma Filosofia para Educadores em Sala de Aula. Petrópolis: Ed. Vozes. 1999
_____. - Vida e Educação. São Paulo: Edições Melhoramentos. 1971
DOOL Jr., W.E. Currículo: uma perspectiva pós-moderna. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.
DUARTE JR, João Francisco. Fundamentos estéticos da educação. Campinas: Papirus, 2002, 7ª edição
_____. O sentido dos sentidos - a educação (do) sensível, Criar Edições, 2001.
ESTRELA, Albano & NÓVOA, Antonio. Avaliações em educação: novas perspectivas. Porto: Porto Editora, 1999.
FAZENDA, Ivani C.A. Didática e Interdisciplinaridade. Campinas, Papirus, 1998.
FERREIRA, Sueli (org.). O ensino das artes - construindo caminhos. Campinas: Papirus, 2001.



- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana - danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- MACHADO, Nilson J. *Educação: projetos e valores*. Capítulo 4, páginas 125 a 133. São Paulo: Escrituras editora, 2000.
- MARTINS, Miriam Celeste Ferreira Dias. *Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo, Editora Cortez, Brasília. D.F.: Unesco, 2000.
- PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.
- _____. *Ofício de aluno e o sentido do trabalho escolar*. Porto, Porto Editora, 1995.
- PIMENTEL, Maria da Glória. *O professor em construção*. Campinas: Papirus, 1996.
- SAUL, Ana Maria. *Avaliação emancipatória: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo*. São Paulo: Cortez, 1988.
- SILVA, T. Tadeu. *O sujeito da educação*, Petrópolis, Vozes, 1994.
- SOUSA, Clarilza P. (Org.) . *Avaliação do rendimento Escolar*. Campinas: Papirus, 1997.
- SOUSA, José Vieira. *Narrativas de professores e identidade docente: o memorial como procedimento metodológico*. In *Psicologia da Educação - Revista do programa de estudos pós graduados em Psicologia da educação - PUC/SP*. Numero 16, primeiro semestre de 2003.
- ZABALZA, M. *Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.
- _____. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias** / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. – 2. ed. – São Paulo: SE, 2011. 260 p. Disponível em:
<http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/237.pdf>
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

ENSINO DE ARTES VISUAIS :Estudo e análise das diversas abordagens de ensino de Artes Visuais a partir da reconstrução reflexiva dos percursos de formação e das referências artísticas e estéticas que compõem as histórias de vida com a arte.

Bibliografia Básica:

- BARBOSA, Ana Mae (org.) *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BARBOSA, Ana Mae, AMARAL, Lilian (orgs.). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo, Editora SENAC São Paulo: Edições SESC SP, 2008.
- COUTINHO, Rejane Galvão. *Vivências e experiências a partir do contato com a arte*. In: *Educação com arte / Idéias 31*. FDE, 2004, p.145-158.
- HERNÁNDEZ, Fernando; TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. *Realização de histórias de vida*. In: *Revista UFG*, ano VIII, nº 2, p.110-118.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- MASON, Rachel. *Por uma arte-educação multicultural*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.
- AGUIRRE, Imanol. *Modelos formativos en educación artística: imaginando nuevas presencias para las artes en educación*. Bogotá, 2006.
- BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Minas Gerais: C/Arte, 1999.
- NÓVOA, António (org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto editorial, 1995.
- BARROS, M. *Uma Didática da Invenção* In *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010.
- BENJAMIM, W. *Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- EFLAND, A. D.; FREEDMAN, K.; STHUR, P. *La educación en el arte posmoderno*. Barcelona: Paidós, 2003.
- READ, H. *Educação através da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ESTADO, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO : A disciplina volta-se para compreensão das transformações da sociedade e do Estado brasileiro, privilegiando-se o foco no campo da educação, entendida aqui de forma ampla, não se restringindo à escolarização. Visa assim abarcar diferentes esferas, dimensões, instituições e atuações de atores sociais nas transformações sociais, na produção de políticas públicas e na construção da



cidadania. Para uma melhor compreensão dessa realidade, procura analisar processos sociais ocorridos sobretudo ao longo do século XX e início deste século XXI por meio da utilização de diferentes fontes: estatísticas públicas, dados, documentos escritos e áudio-visuais, entre outras. Ao mesmo tempo, considerando a intersecção entre Sociedade, Estado e Educação, procura analisar de forma mais específica políticas públicas da área da Educação, com maior ênfase para o período que se inicia na década de 1990, detendo-se na análise de processos de formulação, implementação e avaliação, e das principais forças sociais que atuam sobre eles, e que se concretizam em aspectos centrais como legislação, planejamento e gestão da educação.

Bibliografia Básica:

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: fevereiro 2017.

BRASIL. Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez.1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4024compilado.htm. Acesso em: fevereiro 2017..

BRASIL. Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm . Acesso em: fevereiro 2017..

BRASIL. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília 23 dez.1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm . Acesso em: fevereiro 2017.

BATTISTUS, C. T., LIMBERGER, C. ,CASTANHA, A. P. Estado Militar E As Reformas Educacionais. Vol. Revista de Educação: Educere e Educare . Unoeste, Campus Cascavel.1 nº 1 jan./jun. 2006. Acesso em março 2011-05-18

BRASIL, LEI No 10.172, DE 9 DE JANEIRO DE 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências - <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm

BRZEZINSKI, I. LDB Interpretada: diversos olhares se entrecruzam. SP: Cortez, 1997.

CURY, C.R.J. Plano Nacional de Educação: questões desafiadoras e embates emblemáticos. Acesso em abril de 2011 <http://www.cedes.unicamp.br/seminario3/carlos_cury.pdf

MORIN, Edgar . A noção de sujeito – Anexo 2, in MORIN, Edgar. A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Tradução de Eloá Jacobina. 2003.

Oliveira, Maria Neusa de. Estrutura e funcionamento do ensino: a trajetória de uma disciplina. Acesso em: abril 2011. <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/113_maria_neusa.pdf>

SAVIANI, Dermeval - Pedagogia e política educacional no império brasileiro Acesso em: abril 2011. <<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/489DermevalSaviani.pdf>>

SAEB/Prova Brasil/IDEB

Nota Técnica do INEP sobre o IDEB (2007)

Matriz de Avaliação SAEB/INEP (2007)

Escala de Proficiência SAEB/INEP (2014)

Matriz de Avaliação Docente (2014)

Matriz de Avaliação de Infraestrutura das Escolas (2017)

SARESP-IDESP

Nota Técnica do IDESP-SEE/SP/2008

Relatório Pedagógico dos Resultados do SARESP- (2009-2013)

Resolução SE nº 27, de 29 de Março de 1996. Dispõe sobre o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo.

Resolução SE nº74, de 6 de Novembro de 2008. Institui o Programa de qualidade da escola – PQE – Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo.

São Paulo Secretaria da Educação Matrizes e Referência para a Avaliação. Documento Básico – SARESP, São Paulo, SEE, 2009

Resolução SE nº 41, de 31 de Junho de 2014. Dispõe sobre a realização de provas de avaliação relativas ao Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo – SARESP 2014

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. Senado Federal, 1988. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: fevereiro 2017.

BRASIL. Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm . Acesso em: fevereiro 2017.



PROCESSO CEE Nº 533/2001

BRASIL. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: fevereiro 2017.

BRASIL. LEI Nº 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014. Plano Nacional de Educação – PNE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm

BRZEZINSKI, I. LDB Interpretada: diversos olhares se entrecruzam. SP: Cortez, 1997.

CURY, C.R.J. Plano Nacional de Educação: questões desafiadoras e embates emblemáticos. Acesso em abril de 2011 <http://www.cedes.unicamp.br/seminario3/carlos_cury.pdf

SÃO PAULO (Estado). LEI Nº 16.279, DE 08 DE JULHO DE 2016. Plano Estadual de Educação. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2016/lei-16279-08.07.2016.html>

SAEB/Prova Brasil/IDEB

Nota Técnica do INEP sobre o IDEB (2007)

Matriz de Avaliação SAEB/INEP (2007)

Escala de Proficiência SAEB/INEP (2014)

Matriz de Avaliação Docente (2014)

Matriz de Avaliação de Infraestrutura das Escolas (2017)

SARESP-IDESP

Nota Técnica do IDESP-SEE/SP/2008

Relatório Pedagógico dos Resultados do SARESP- (2009-2013)

Resolução SE nº 27, de 29 de Março de 1996. Dispõe sobre o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo.

Resolução SE nº 74, de 6 de Novembro de 2008. Institui o Programa de qualidade da escola – PQE – Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo.

São Paulo Secretaria da Educação Matrizes e Referência para a Avaliação. Documento Básico – SARESP, São Paulo, SEE, 2009

Resolução SE nº 41, de 31 de Junho de 2014. Dispõe sobre a realização de provas de avaliação relativas ao Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo – SARESP, 2014.

SAEB/Prova Brasil/IDEB, Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/prova-brasil>, acesso em 28/05/2018

Nota Técnica do INEP sobre o IDEB (2007), Disponível em:

http://download.inep.gov.br/download/IdEB/Nota_Tecnica_n2_metas_intermediarias_IDEB.pdf acesso em 28/05/2018

Matriz de Avaliação SAEB/INEP (2007), Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb/historico-do-saeb> acesso em 28/05/2018

Escala de Proficiência SAEB/INEP (2014), Disponível em: <http://provabrazil.inep.gov.br/escalas-de-proficiencia> acesso em

28/05/2018, Matriz de Avaliação Docente (2014) Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/educacao-basica/saeb/instrumentos-de-avaliacao> acesso em 28/05/2018, Matriz de Avaliação de Infraestrutura das Escolas (2017),

Disponível em http://download.inep.gov.br/educacao_basica/saeb/2017/documentos/projeto_basico_SAEB_2017_V6.pdf

acesso em 28/05/2018, SARESP-IDESP

Nota Técnica do IDESP-SEE/SP/2008, Disponível em <http://idesp.edunet.sp.gov.br/Arquivos/NotaTecnicaPQE2008.pdf>

acesso em 28/05/2018.

Relatório Pedagógico dos Resultados do SARESP- (2009-2013), 2009 – disponível em:

https://saesp.fde.sp.gov.br/2009/ArquivosPdf/Relatorios/1_Saesp%202009%20-%20Relat%C3%B3rio%20Pedag%C3%B3gico_L%C3%ADngua%20Portuguesa.pdf

2010 – disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAagg04AC/relatorio-pedagogico-saesp-2010-matematica>

2011 – disponível em: <http://saesp.fde.sp.gov.br/2011/> acesso em 28/05/2018

2012 – disponível em: <http://saesp.fde.sp.gov.br/2012/> acesso em 28/05/2018

2013 – disponível em:

http://file.fde.sp.gov.br/saesp/saesp2013/Arquivos/SARESP%202013_Relat%C3%B3rio%20Pedag%C3%B3gico_L%C3%ADngua%20Portuguesa.pdf acesso em 28/05/2018

Resolução SE nº 27, de 29 de Março de 1996. Dispõe sobre o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo. Disponível em: http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/27_1996.htm?Time=28/05/2018%2023:47:35 acesso em 28/05/2018

Resolução SE nº 74, de 6 de Novembro de 2008. Institui o Programa de qualidade da escola – PQE – Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo. Disponível em:

http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/74_08.HTM?Time=28/05/2018%2023:49:15 acesso em 28/05/2018

São Paulo Secretaria da Educação Matrizes e Referência para a Avaliação. Documento Básico – SARESP, São Paulo, SEE, 2009 Disponível em:

http://saesp.fde.sp.gov.br/2012/arquivos/saesp2012_matrizrefavaliacao_docbasico_completo.pdf acesso em 28/05/2018



Resolução SE nº 41, de 31 de Junho de 2014. Dispõe sobre a realização de provas de avaliação relativas ao Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo – SARESP, 2014 Disponível em: http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/41_14.HTM?Time=28/05/2018%2023:52:40 acesso em 28/05/2018.

Avaliação em larga escala e indicativos de qualidade na educação: como se processa essa relação?

Revista Educação em Questão, Natal, v. 55, n. 43, p. 139-161, jan./mar. 2017. Disponível em: file:///C:/Users/Pio%20Santana/Downloads/Avaliacao_em_larga_escala_e_indicativos_de_qualida.pdf acesso em 28/05/2018.

ESTÉTICA I : Apresentação dos juízos sobre arte no interior de uma perspectiva histórica, do movimento das idéias e das expressões artísticas da Grécia clássica às novidades do Renascimento no século XVI.

Bibliografia Básica:

- Alberti, Leon Battista. Da pintura. Campinas, Editora da UNICAMP, 1999.
Aristóteles. Poética. Porto Alegre: Editora Globo, 1966.
Aristóteles, Horácio, Longino. A poética clássica. SP: Cultrix, 1995.
Aquino, São Tomás. Seleção de textos. SP: Abril Cultural, 1973.
Eco, Umberto. Arte e Beleza na Estética Medieval. SP: Globo, 1989.
Platão. A República (Livro X). Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1987.
Platão. Diálogos. (col. Os Pensadores) SP: Abril, 1977.
Plotino. Enéadas. SP: Associação Palas Atena, 1981. Bense, Max. Pequena Estética. SP: Perspectiva, 1971.
Châtelet, F. História da filosofia, idéias, doutrinas, (vol. 1 e 2). RJ: Zahar editores, 1973.
Costa, Lígia Militz da. A Poética de Aristóteles. SP: Ática, 1992.
Duarte, Rodrigo (org.) O belo autônomo. Belo Horizonte: Editora da UMG, 1997.
Gombrich, E. H. A história da arte. RJ: Editora Guanabara, 1993.
Jaeger, Werner. Paideia. A Formação do Homem Grego. SP: Ed. Herder, s/d.
Hauser, A. História social da literatura e da arte. SP: Mestre Jou, 1975.
Homero. Odisséia. Trad. Carlos Alberto Nunes. RJ: Edições de Ouro, s/d.
Nunes, Benedito. Introdução à Filosofia da Arte. SP: Cultrix, 1970.
Osborne, Harold. Estética e Teoria da Arte. SP: Cultrix/Edusp, 1970.
Panofsky, E. Idea: a evolução do conceito de belo. SP: Martins Fontes, 1994. Panofsky, E. "O abade Suger de Saint-Denis" In. O significado nas artes visuais. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
Sófocles. A trilogia tebana – Édipo Rei; Édipo em Colono; Antígona. Trad. Mário da Gama Kury. RJ: Zahar Editor, 1993.
Tarkiewicz, W. História de seis ideias. Madrid: Editora Tecnos, S. A., 1995.

ESTÉTICA II : Leitura comparada e crítica das reflexões sobre obras e movimentos artísticos que constituem pontos de ruptura filosóficas do final do século XVI às premissas contemporâneas.

Bibliografia Básica:

- Adorno, T.W. T.W. Adorno. Col. Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ática, 1984.
Argan G. C. Arte moderna. SP: Cia. das Letras, 1992.
Baumgarten, A. G. Estética. Petrópolis: Vozes, 1993.
Baudelaire, Charles. A modernidade de Baudelaire (Teixeira Coelho, org.). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
Baudelaire, Charles. "Da essência do riso e, de um modo geral, do cômico nas artes plásticas. Alguns caricaturistas estrangeiros" In. Escritos sobre arte. SP: EDUSP, 1991.
Benjamin, Walter. Obras Escolhidas – volumes 1, 2 e 3. São Paulo, Brasiliense.
Diderot, D. Paradoxo sobre o comediante. Col. Os Pensadores. SP: Abril, 1973.
Duarte, Rodrigo (org.). O Belo Autônomo. Belo Horizonte, Ed. da UMG, 1997.
Elias, Norbert. Mozart a sociologia de um gênio. RJ: Zahar editores, 1995.
Hegel, G. W. Preleções sobre estética. SP: Abril. 1974.
Jakobson, R. Lingüística e comunicação. SP: Cultrix, 1970.
Kant, E. Textos selecionados. Col. Os Pensadores. SP: Abril, 1984.
Lukács, G. Introdução a uma estética marxista. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
Marx, Karl. Sobre arte e literatura. São Paulo, Global, s/d.
_____. Manuscritos econômicos-filosóficos e Para a crítica da economia política, in Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1975.



- Nietzsche, Frederic. O origem da tragédia. Lisboa: Guimarães editores, 1958.
Rousseau, J. J. Discurso sobre as ciências e as artes. Col. Os Pensadores. SP: Abril, 1978.
Schiller, R. Sobre a educação estética. SP: Hherder, 1963.
Schopenhauer, A. O mundo como vontade e representação. SP: Abril, 1974.
Bastide, Roger. Arte e Sociedade. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979.
Bense, Max. Pequena estética. SP: Perspectiva, 1971.
Burckhardt, J. A civilização no tempo do renascimento na Itália. SP: Cia. das Letras, 1993.
Châtelet, François. História da filosofia, idéias e doutrinas. Vol. 3 ao 6. RJ: Zahar editores, 1973.
Hauser, Arnold. História Social da Literatura e da Arte. São Paulo, Mestre Jou, s/d (existe uma edição recente).
Nunes, Benedito. Introdução à filosofia da arte. São Paulo, Deso, 1966 (há uma versão recente publicada pela Ed. Ática).
Osborne, H. Estética e teoria da arte. SP: Cultrix, 1974.
Panofsky, E. Idea: a evolução do conceito de belo. SP: Martins Fontes, 1994.
Santaella, L. Estética de Platão Peirce. SP: Experimento, 1994.
Scheurman, John. O maneirismo. SP: Cultrix, 1978.
Wolfflin, Heinrich. Conceitos fundamentais da história da arte. SP: Martins Fontes, 1994.

FUNDAMENTOS DA LINGUAGEM TRIDIMENSIONAL : Introdução prática e teórico-prática à Linguagem Tridimensional. Partindo da sintaxe de seus elementos e de conceitos fundamentais, a disciplina propõe uma exploração sensorial e produtiva de variadas técnicas e mecanismos de percepção e cognição da tridimensionalidade. Estímulo ao processo de criação de formas volumétricas e espaciais. Noções básicas de escultura e dos procedimentos escultóricos fundamentais.

A disciplina visa instrumentalizar o professor de artes para as práticas de oficina de linguagem tridimensional em diversos materiais e processos construtivos.

Bibliografia Básica:

- MATTAR, Sumaya. Sobre Arte e Educação: entre a oficina artesanal e a sala de aula. 1ª. reimp. Campinas: Papirus, 2014.
PILLAR, Analice Dutra (Org.). A educação do Olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999.

ARES, José Antonio. El Metal. Barcelona: Parramón Ediciones, 2004.
CHAVARRIA, Joaquim. Moldes. Barcelona: Editorial Stampa, 2000.
_____. O Mosaico. Barcelona: Editorial Stampa, 1998.
DONDIS, D.A. Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
FRIGOLA, Maria Dolors Ros i. Cerâmica Artística. Barcelona: Editorial Stampa, 2006.
CAMÍ, J.T. SANTAMERA, J. C. A Escultura em Pedra. Barcelona: Editorial Stampa, 2000.
_____. A Talha: Escultura em Madeira. Barcelona: Editorial Stampa, 1997.
WONG, Wucius. Fundamentos da forma e desenho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
ARGAN, Giulio Carlo. Arte Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção Visual. São Paulo: Pioneira e EDUSP, 1980.
GOMBRICH, Ernest H. Arte e Ilusão. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
KANDINSKI, Wasily. Ponto e linha sobre o plano. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
READ, Herbert. Escultura moderna: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
WITTKOWER, Rudolf. Escultura. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
TUCKER, William. A linguagem da escultura. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.
Outros títulos serão sugeridos conforme necessidade apresentada.

FUNDAMENTOS DA LINGUAGEM BIDIMENSIONAL : A disciplina procura fundamentar o trabalho do professor de artes visuais no que se refere as percepções da linguagem visual no campo da psicologia e da educação tratando desde as fases do desenvolvimento cognitivo até a aplicação desses conceitos na conceituação do discurso da arte contemporânea.

Possíveis investigações sobre os preceitos da percepção visual, deverão produzir trabalhos práticos relativos aos aspectos sintáticos da linguagem plástica visual e por meio desta estrutura básica de conhecimentos deverão produzir trabalhos que proporcionem uma reflexão crítica sobre o conteúdo programático.

Bibliografia Básica:

- BARBOSA, Ana Mae. Redesenhando o Desenho: educadores, política e história. São Paulo: Ed. Cortez, 2015
ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção Visual. tradução. São Paulo, Pioneira e EDUSP, 1980.
_____. Visual Thinking. Berkeley, Univ. of California Press, 1976. (há tradução para o castelhano).



- DONDIS, Donia A. La Sintaxis de la Imagen. Tradução, Barcelona, G. Gili, 1976.
GOMBRICH, E. The Sense of Order. Univ. Cornell Press, 1979.
MUNARI, Bruno. Desenho e Comunicação Visual. Trad., São Paulo, M. Fontes, 1979.
OSTROWER, Fayga. Universos da Arte. São Paulo: Ed. Campus, 2013.
ARNHEIM, Rudolf. El "Guernica" de Picasso: gênesis de una pintura. Barcelona, Gustavo Gilli, 1976.
BARDI, P.M. Um século de Escultura no Brasil. São Paulo. São Paulo, MASP, 1982.
CHILVERS, Ian. Dicionário Oxford de Arte. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
COLLIER, Graham. Form, Space and Vision. Understanding Art - a discourse on Drawing. Englewood Cliffs, NJ, Prentice-Hall, 1963.
GOMES Filho, João. Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma. São Paulo, Escritura Editora, 2000.
HAYES, Colin. Guia Completo de Pintura e Diburjo. Buenos Aires, Ed. Plume.

FUNDAMENTOS DO ENSINO DA ARTE : Visão conceitual, histórica e metodológica do ensino de arte e compreensão da função do professor enquanto leitor, pesquisador e mediador das relações entre arte, cultura e educação.

Bibliografia Básica:

- AGUIRRE, Imanol. Modelos formativos en educación artística: Imaginando nuevas presencias para las artes en educación. Universidad Pública de Navarra, 2006. (texto conferência em PDF)
BARBOSA, Ana Mae Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.
_____ A imagem no ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2009.
_____ John Dewey e o ensino de arte no Brasil. São Paulo: Cortez, 2001.
_____ Tópicos Utópicos. Minas Gerais: C/Arte, 1999.
_____ Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo. São Paulo: Perspectiva, 1978.
BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (orgs.). Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais. São Paulo: Cortez, 2010.
FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 2009.
BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação: conflitos e acertos. São Paulo: Editora Max Limonad, 1984.
BARBOSA, Ana Mae (org.) Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002.
_____ Arte-educação; leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1997.
BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão; SALES, Heloisa Margarido. Artes Visuais: da exposição à sala de aula. São Paulo: Edusp, 2005.
CHRISTOV, Luiza Helena da Silva; MATTOS, Simone Ap. Ribeiro. Arte educação: experiências, questões e possibilidades. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2006.
EISNER, Elliot W. Educar la visión artística. Barcelona: Paidós, 1995.
OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). Arte, Educação e Cultura. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007.

HISTÓRIA DA ARTE BRASILEIRA II : Propiciar um panorama da bibliografia sobre a Arte Brasileira do final do século XIX até o início do século XXI; focalizar os períodos acadêmicos, ecléticos o modernismo que abrangem as grandes correntes estilísticas do século XX, a figuração e abstração da arte brasileira na época republicana. Discutir e caracterizar os movimentos artísticos e destacar as propriedades da produção brasileira

Bibliografia Básica:

- ALMEIDA, Paulo Mendes de. De Anita ao Museu. Coleção Debates, 133. São Paulo : Editora Perspectiva, 1976.
AMARAL, Aracy. Projeto construtivo brasileiro na arte. Rio de Janeiro/MAM; São Paulo/Pinacoteca do Estado, 1977.
BARDI, Pietro Maria. Arte no Brasil. São Paulo : Abril Cultural, 1982.
BATISTA , Marta Rossetti et al. Brasil: 1º tempo Modernista – 1917/29 – Documentação. São Paulo : Instituto de Estudos Brasileiros da USP, 1972.
CAMPOFIORITO, Ítalo (org). Sessenta anos: a revista do patrimônio histórico e artístico nacional. Rio de Janeiro : IPHAN, Ministério da Cultura, 1997, n 26.
Bienal 50 Anos: 1951 – 2001. Edição de comemoração do 50º aniversário da 1ª Bienal de São Paulo. São Paulo : Fundação Bienal de São Paulo, 2001.
CAMPOFIORITO, Quirino. História da pintura brasileira no século XIX. Rio de Janeiro : Pinakothek, 1983.
GONÇALVES, Lisbeth. Bonadei, percurso de um pintor. São Paulo: Perspectiva, 1990.
_____, As bienais e a abstração. São Paulo, Museu Lasar Segall, 1977.
LEMOS, Carlos. Arte no Brasil. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 2 volumes.
MORAIS, Frederico. O Brasil na Visão do Artista. O país e sua gente. São Paulo, Sudameris, 2002.



- PEDROSA, Mário. Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- PONTUAL, Roberto. Entre dois séculos: arte brasileira do século XX na coleção de Gilberto Chateaubriand. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1987.
- SCHWARTZ, Jorge (org). Brasil 1920-1950: De la Antropofagia a Brasília. Centre Ivam Júlio Gonzales. Valencia : Instituto Valenciano de Arte Moderna, Espanha.
- TIRAPELI, Percival. Coleção Arte Brasileira. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 2006, 5 v
- _____. São Paulo – Artes e Etnias. São Paulo : Imprensa Oficial do Estado e Ed. UNESP, 2007.
- ZANINI, Walter, org. História Geral da Arte no Brasil. São Paulo : Instituto Walther Moreira Salles, 1983. 2v.

HISTÓRIA DA ARTE BRASILEIRA I : Propiciar um panorama da bibliografia sobre a Arte Brasileira desde a arte rupestre até o início do século XIX. Focalizar a arte indígena e suas representações durante os cinco séculos de arte brasileira, os períodos colonial e início do imperial. Estudar as principais correntes estilísticas da arte colonial – maneirismo, barroco e rococó até o início do século XIX continuando com o neoclássico e os artistas estrangeiros em missões científicas

Bibliografia Básica:

- ARAÚJO, Emanuel. Universo Mágico do Barroco. São Paulo : SESI/FIESP, 1998.
- ÁVILA, Cristina. Revista barroco (org). Belo Horizonte : UFOP – diversos números.
- BANDEIRA, Julio et alli. A Missão Francesa. Rio de Janeiro : Sextante, 2004.
- BARDI, Pietro Maria. Arte no Brasil. São Paulo : Abril Cultural, 1982.
- BAZIN, Germain. A Arquitetura Religiosa e Barroca no Brasil. Rio de Janeiro : Record, 1983. 2v.
- BELLUZZO, Ana Maria. Brasil dos viajantes. São Paulo : Metalivros, 2000. 3 v.
- CAMPOFIORITO, Ítalo (org). Sessenta anos: a revista do patrimônio histórico e artístico nacional. Rio de Janeiro : IPHAN, Ministério da Cultura, 1997, n 26.
- CAMPOFIORITO, Quirino. História da pintura brasileira no século XIX. Rio de Janeiro : Pinakothek, 1983.
- CUNHA, Manuela C. da (org). História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DUQUE ESTRADA, L.G. Arte brasileira: pintura e escultura. Rio de Janeiro, H. Lombaerts, 1988.
- HERKENHOFF, Paulo (org.). O Brasil e os Holandeses, 1630-1654. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999.
- LEMONS, Carlos. Arte no Brasil. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 2 volumes.
- MACHADO, Lourival G. Barroco Mineiro. São Paulo: Perspectiva, 1973
- MORAIS, Frederico. O Brasil na Visão do Artista. O país e sua gente. São Paulo, Sudameris, 2002.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade R. O Rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.
- RAMINELLI, Ronald. Imagens da colonização: as representações dos índios de Caminha a Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996
- TIRAPELI, Percival.(org) Arte sacra colonial – barroco memória viva. São Paulo : Ed. UNESP e Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- TIRAPELI, Percival. Igrejas coloniais paulistas – barroco e rococó. São Paulo : Ed. UNESP e Imprensa Oficial do Estado, 2003.
- TIRAPELI, Percival. Coleção Arte Brasileira. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 2006, 5 v
- ZANINI, Walter, org. História Geral da Arte no Brasil. São Paulo : Instituto Walther Moreira Salles, 1983. 2v.

HISTÓRIA DA ARTE I : Análise das artes plásticas – pintura, escultura e arquitetura – da pré-história às manifestações culturais paleocristãs do final do Império romano do Ocidente. O curso objetiva relacioná-las, compará-las e vinculá-las aos seus momentos culturais específicos.

Bibliografia Básica:

- Baumgart, Fritz. Breve história da arte. SP: Martins Fontes, 1994.
- Cavalcanti, C. Conheça os estilos de pintura (Da pré-história ao realismo). RJ: Civilização Brasileira, 1967.
- Janson, H. W. Iniciação à história da arte. SP: Martins Fontes, 1996.
- Janson e Janson. Introdução à história da arte. SP: Martins Fontes, 1999.
- Gombrich, E. H. A história da arte. RJ: editora Guanabara, 1993.
- Hauser, H. História social da literatura e da arte. SP: Mestre Jou, 1975.
- Altet, Xavier Barral. História da arte. Campinas, SP: Editora Papirus, 1994.
- Argan, G. C. Guia de história da arte. Lisboa: Estampa, 1992.
- Aristóteles. Arte retórica e arte poética. RJ: Edições de Ouro, s/d.
- Bazin, G. História da história da arte. SP: Martins Fontes, 1989.
- Campbell, J. O herói de mil faces. SP: Cultrix, 1995.
- Cumming, R. Para entender a arte. SP: Ática, 1998.
- Dorfles, G. O devir das artes. SP: Martins Fontes, 1995.



- Jaeger, W. Paidéia. SP: Editora Herder, s/d.
Lise, G. Como reconhecer a arte egípcia. Lisboa: Edições 70, 1995.
Gombrich, E. H. Arte e ilusão. SP: Martins Fontes, 1995.
Menu, Bernadette. Ramsés II – Soberano dos soberanos. RJ: Objetiva, 2002.
Negraes, E. C. O livro dos mortos. SP: Hemus, 1982.
Panofsky, E. Idea: a evolução do conceito de belo. SP: Martins Fontes, 1994.
Panofsky, E. O significado nas artes visuais. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
Sófocles. A trilogia tebana: Édipo Rei; Édipo em Colono; Antígona. RJ: Jorge Zahar Editor, 1993.
Traunecker, C. Os deuses do Egito. Brasília: Editora da UNB, 1995.

HISTÓRIA DA ARTE II : Apresentação e análise das expressões pictóricas, escultóricas e arquitetônicas do período bizantino, a partir do século VI, até o *trecento*, o início do Renascimento toscano. O curso abrange as expressões artísticas medievais - como as Iluminuras, a arte Românica, o Gótico – e os primeiros momentos do Renascimento italiano

Bibliografia Básica:

- Alberti, L. B. Da pintura. Campinas: editora da UNICAMP, 1999.
Altet, Xavier Barral. História da arte. Campinas, SP, Papyrus, 1994.
Argan, G. C. História da arte como história da cidade. SP: Cia. das letras, 1996.
Chastel, A. A arte italiana. SP: Martins Fontes, 1991.
Clark, K. Civilização. SP/Brasília: Martins Fontes/Editora da Universidade de Brasília, 1980.
Duby, G. O tempo das catedrais: a arte e a sociedade (980 – 1420). Lisboa: Editora Estampa, 1979.
Gombrich, E. H. Meditações sobre um cavaleiro de pau. SP: Editora da USP, 1999.
Gombrich, E. H. Arte e ilusão. SP: Martins Fontes, 1995.
Gombrich, E. H. “Gesto ritualizado y expresion en el arte”. In. La imagen y el ojo. Madrid: Alianza Editorial, 1993.
Hale, J. R. Dicionário do renascimento italiano. RJ: Jorge Zahar Editor, 1988.
Le Goff, J. (org). O homem medieval. Lisboa: Presença, 1989.
Panofsky, E. O significado nas artes visuais. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
Panofsky, E. Idea: a evolução do conceito de belo. SP: Martins Fontes, 1994.
Ramalho, G. Saber ver a arte românica. SP: Martins Fontes, 1992.
Vauchez, A. A espiritualidade na Idade Média ocidental (séculos VIII a XIII). RJ: Jorge Zahar Editor, 1995.
Wolff, P. Outono da Idade Média ou primavera dos Novos Tempos? Lisboa: Edições 70, 1988.

HISTÓRIA DA ARTE III : Análise dos estilos pictóricos, escultóricos e arquitetônicos do período bizantino, a partir do século VI, ao barroco do século XVII, procurando compará-los e surpreender as suas características gerais.

Bibliografia Básica:

- Baumgart, Fritz. Breve História da Arte. SP: Martins Fontes, 1994.
Chastel, André. A Arte Italiana. SP: Martins Fontes, 1991.
Eco, Umberto. Arte e Beleza na Estética Medieval. RJ: Globo, 1989.
Francastel, P. A Realidade Figurativa. SP: Perspectiva, 1973.
Gombrich, E. H. A História da Arte. RJ: Editora Guanabara, 1993.
Hauser, Arnold. História Social da Literatura e da Arte I e II. SP: Mestre Jou, 1975.
Sherman, John. O Maneirismo. SP: Cultrix, 1978.
Smith, Robert Chester. Arquitetura barroca. Tradução de Benedito Lima de Toledo. São Paulo : FAU/USP, 1962.
Wölfflin, Heinrich. Conceitos Fundamentais da História da Arte. São Paulo : Martins Fontes, 2000.

HISTÓRIA DA ARTE IV : Estudo das principais manifestações artísticas dos séculos XIX desde o romantismo até o simbolismo, passando pelo realismo, impressionismo, art nouveau e fotografia.

Bibliografia Básica:

- ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção visual, uma psicologia da Visão Criadora, São Paulo, Pioneira, 1986.
ARGAN, G. Arte Moderna, São Paulo, Ed. Schwartz, 1998.
BAZIN, G. História da Arte, São Paulo, Martins Fontes, 1989.
BENJAMIN, Walter. O conceito de crítica de arte no renascimento alemão, São Paulo, Edusp, 1993
BONFAND, Alain. A Arte Abstrata, Campinas, Papyrus Editora, 1996.
CALABRESE, O. A Idade Neobarroca, Lisboa, ed. 70, 1989.
FRANCASTEL, Pierre. Pintura e Sociedade, São Paulo, Martins Fontes, 1990



FRANCASTEL, P. Realidade Figurativa, São Paulo, Perspectiva, 1974.
GREENBERG, Clement. Arte e Cultura, São Paulo, Ática, 1996.
JANSON, H. e A. Iniciação à História da Arte, São Paulo, Martins Fontes, 1996
MICHELI, Mário de. As vanguardas artísticas, São Paulo, Martins Fontes, 1991
OSBORNE, E. Estética e Teoria da Arte, São Paulo, Cultrix, 1974.
SEDLMAYR, Hans. A revolução da Arte Moderna, Lisboa, Livros do Brasil, 1955.

HISTÓRIA DA ARTE V : Reflexão sobre a arte moderna a partir dos manifestos dos movimentos de vanguarda do século XX: os ismos das primeiras décadas, o abstracionismo e concretismo, a figuração no surrealismo, pop-art, hiperrealismo, pós-modernidade e novas mídias.

Bibliografia Básica:

ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção visual, uma psicologia da Visão Criadora, São Paulo, Pioneira, 1986.
ARGAN, G. Arte Moderna, São Paulo, Ed. Schwartz, 1998.
BAZIN, G. História da Arte, São Paulo, Martins Fontes, 1989.
BENJAMIN, Walter. O conceito de crítica de arte no renascimento alemão, São Paulo, Edusp, 1993
BONFAND, Alain. A Arte Abstrata, Campinas, Papirus Editora, 1996.
CALABRESE, O. A Idade Neobarroca, Lisboa, ed. 70, 1989.
FRANCASTEL, Pierre. Pintura e Sociedade, São Paulo, Martins Fontes, 1990
FRANCASTEL, P. Realidade Figurativa, São Paulo, Perspectiva, 1974.
GREENBERG, Clement. Arte e Cultura, São Paulo, Ática, 1996.
JANSON, H. e A. Iniciação à História da Arte, São Paulo, Martins Fontes, 1996
LIPPARD, Lucy. A Arte Pop, São Paulo, Ed. Verbo, Edusp, 1976.
MICHELI, Mário de. As vanguardas artísticas, São Paulo, Martins Fontes, 1991
NADEAU, Maurice. História do Surrealismo, São Paulo, Perspectiva, 1985.
OSBORNE, E. Estética e Teoria da Arte, São Paulo, Cultrix, 1974.
RESTANY, Pierre. Os Novos Realistas, São Paulo, Perspectiva, 1979.
SEDLMAYR, Hans. A revolução da Arte Moderna, Lisboa, Livros do Brasil, 1955.
SUBIRATS, Eduardo. Da Vanguarda ao Pós-Moderno, São Paulo, Perspectiva, 1996.

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO : Introdução ao pensamento filosófico com destaque para o tema estético. Panorama de história do pensamento ocidental e ênfase para questões de estética destacadas do pensamento de Kant, Adorno e Nietzsche.

A disciplina procurar trabalhar com o entendimento do texto tanto na leitura como na escrita dando ao professor uma ferramenta visando a produção de um pensamento claro e conciso.

Os textos são discutidos em aula no formato de grupos, inicialmente e num segundo momento com a classe toda. A ideia da disciplina é que os professores tenham bases conceituais para uma análise textual tendo como pano de fundo a História da Filosofia.

Bibliografia Básica:

KANT, Immanuel. Crítica da Faculdade do juízo. Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
BENJAMIN, W. Obras Escolhidas - Magia e Técnica/Arte e Política. São Paulo: Ed. Brasiliense.
CHAUÍ, M. Introdução à História da Filosofia. (Dos pré-socráticos a Aristóteles). São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
_____. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2003.
CHALUMEAU, Jean-Luc - As Teorias da Arte; Filosofia, Crítica e História da Arte, de Platão aos
KOTHE, F. R. Adorno e Benjamin: confrontos. São Paulo: Ática, 1978. (Coleção Ensaio; 46).
Kant, Emmanuel.. Crítica da Razão Pura. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1986.
SAUSSURE, Ferdinand de - Curso de Linguística Geral. Trad. de A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo, Cultrix, 1989.
CASSANO, Maria da Graça. Prática de Leitura e Escrita no Ensino Superior. 2ª ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos Editora, 2011.
GHIRALDELO, Claudete Moreno. Língua portuguesa no ensino superior: experiências e reflexões. São Paulo: Editora Claraluz, 2006.

Linguagem Sonora : Perceber, compreender e experimentar o som, o sonoro e a sonoridade enquanto recursos para o desenvolvimento de propostas artísticas no âmbito das artes plásticas e suas interfaces.



Proporcionar aos discentes um espaço e contexto favoráveis ao desenvolvimento de uma produção artística, no âmbito das artes plásticas, que se utilize do som, sonoro e/ou sonoridade como recurso essencial desta produção, a partir da apreciação de repertórios, da discussão sobre tópicos relacionados ao tema e da experimentação prática.

Bibliografia Básica:

A bibliografia está em fase de reelaboração; até lá, considerar bibliografia do plano anterior.

LINGUAGEM CORPORAL : A Disciplina procura colocar conceitos que introduzam o conhecimento para que o professor consiga elaborar exercícios de conscientização corporal em um grupo com diferentes saberes e experiências físicas. Favorecer a ampliação do repertório motriz.

Propiciar o entendimento de fala corporal, movimentação e gestualidade como expressões do corpo.

Possibilitar a busca de efeitos expressivos dentro da ação – processo de experimentação.

Oferecer subsídios práticos e teóricos para que o profissional possa refletir e usar alguns elementos da expressão do corpo junto ao processo de produção visual e a Educação.

Bibliografia Básica:

ALEXANDER, Gerda. Eutonia: Um Caminho para a Percepção Corporal. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1983.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Arte. Brasília: MEC/SEF, 2000.

CORDEIRO, Ana Livia; CAVALCANTI, Cybele; HOMBURGUER, Claudia. Método Laban, nível básico. São Paulo: Edição LabanArt, 1989.

GELEWSKI, Rolf. Ver, Ouvir, Movimentar-se Dois Métodos e Reflexões Referentes à Improvisação da Dança. Bahia: Revista Ananda, Nós Editora, (s/d).

GODOY, Kathya Maria Ayres. Dança no 3º Grau: o desenvolvimento da auto-expressão criativa. São Paulo: PUC. Dissertação de Mestrado, 1995.

GODOY, Kathya Maria Ayres; ANTUNES, Rita de Cássia Franco de Souza (Orgs.). Dança Criança na Vida Real. São Paulo. Instituto de Artes da Unesp: Pró-Reitoria de Extensão, 2008.

LABAN, Rudolf. Domínio do Movimento. São Paulo: Editora Summus, 1971.

MOMMENSOHN, Maria; PETRELLA, Paulo. Reflexões sobre Laban, o mestre do movimento. São Paulo: Summus, 2006.

SALZER, Jacques. A expressão corporal: uma disciplina da comunicação. São Paulo: Editora Difel, 1982.

ARRUDA, Solange. Arte do movimento. São Paulo: PN Gráficos e ED. Associados, 1988.

LABAN, Rudolf. Dança Educativa Moderna. São Paulo: Editora Ícone, 1990.

MIRANDA, Regina. O Movimento Expressivo. Rio de Janeiro: Funart, 1980.

RENGEL, Lenira. Dicionário Laban. São Paulo: Annablume, 2003.

LINGUAGEM TRIDIMENSIONAL III : Praxis artística focada no suporte tridimensional e em um material expressivo específico: a madeira. Estudo, reflexão e compreensão da estética contemporânea, fundada na expansão do conceito de “Escultura” para “Linguagem Tridimensional” que prevê a produção artística que incluem projetos de Instalação, Interferência, Intervenção Urbana e Site Specific.

Bibliografia Básica:

ARGAN, Giulio Carlo. Arte Moderna, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

BARDI, Pietro Maria. Um século de escultura no Brasil, São Paulo, MASP, 1982.

_____, Pietro Maria. História da Arte Brasileira – Pintura, Escultura, Arquitetura, Outras Artes, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1975.

BISHOP, Claire. Installation Art – A Critical History, New York, Routledge, 2005.

KRAUSS, Rosalind. Caminhos da Escultura Moderna, São Paulo, Editora Martins Fontes, tradução: Júlio Fisher, (edição original em inglês 1977), 1998

READ, Herbert. Modern Sculpture – A Concise History, Thames and Hudson, London, (1ª ed: 1964), 1994.

RIBENBOIM, Ricardo (ORG). Tridimensionalidade, SP, Instituto Itaú Cultural, 1997.

SUDERBERG, Erika (editor). Space, Site, Intervention: Situating Installation Art. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.

WÖLFFLIN, Henrich. Conceitos Fundamentais da História da Arte – o problema da evolução dos estilos na arte mais recente, São Paulo, Martins Fontes, 1989.

ZANINI, Walter. Tendências da Escultura Moderna, São Paulo, Cultrix, 1971.

, Emanuel et alli. Os Herdeiros da Noite: Fragmentos do Imaginário Negro – Palmares 300 anos, São Paulo, Pinacoteca do Estado, 1994.



ARNHEIM, Rudolf. *Arte & Percepção Visual: Uma Psicologia da Visão Criadora*, S. Paulo, Pioneira e EDUSP, Trad: Ivonne Terezinha de Faria, 1980.

_____, Rudolf. *Intuição e Intelecto na Arte*, São Paulo, Editora Martins Fontes, Tradução: Jefferson Luiz Camargo, 1989.

ECO, Umberto. *Obra Aberta: Forma e Indeterminação nas Poéticas Contemporâneas*. Perspectiva, Debates 4, 2a ed, trad: Giovanni Cutolo, 1988.

MINK, Janis. *Duchamp: A Arte como Contra-Arte*. Lisboa, Portugal, Taschen, 1996.

MORAES, Angélica (ORG). *Regina Silveira: Cartografias da Sombra*, EDUSP, FAPESP, São Paulo, SP, 1995.

PAREYSON, Luigi. *Os Problemas da Estética*. Editora Martins Fontes, São Paulo, tradução: Maria Helena Nery Garcez, 1997

SILVA, Dilma de Melo. *CALAÇA, Maria Cecília Felix. Arte Africana e Afro-Brasileira*, São Paulo, Editora Terceira Margem, 2006.

A Bibliografia será complementada conforme as necessidades específicas dos projetos propostos pelos estudantes.

LINGUAGEM TRIDIMENSIONAL I : Estudo, pesquisa e realização de produções artísticas, teóricas e práticas, a partir de materiais cerâmicos e suas referências técnicas específicas.

Bibliografia Básica:

MATINS, Raimundo & TOURINHO, Irene (Orgs.) *Educação da Cultura Visual: narrativas de ensino e pesquisa*. Santa Maria: Editora UFSM, 2009.

READ, Herbert. *A educação pela Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ACHA, J. *Arte y Sociedad Latino Americana. El producto artístico y su estrutura*. México:

ANDRADE FILHO, J. E. *Mestres do Juazeiro: cotidiano e símbolo na escultura popular*. Brasília-DF: Ed. UnB, 1991.

ANDREWS, Michael. *Scultura and Idea*. New Jersey, Englewood Cliffs, 1968.

ARAÚJO, E. *A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica*. São Paulo: Tenenge, 1988.

BARDI, Pietro M.. *A arte da cerâmica no Brasil*. São Paulo : Banco Sudameris Brasil, 1980.

BAYÖN, D. *America Latina en sus Artes*. México: Siglo Viente Uno, 1974.

BISILLIAT, M. *Memorial da América Latina – Pavilhão da Criatividade*. São Paulo: Empresa das Artes, 1999

BRASIL, Volkswagem do Brasil/ S.A. *Artistas da Cerâmica Brasileira; Volkswagem do Brasil/ S.A*,1985.

BRITES, B. Elida Tessler. *O Meio como Ponto Zero. Metodologia da pesquisa em Artes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004

BROGGI, P. (Coord.). *A Arte do Artesanato Brasileiro*. São Paulo: Talento, 2002.

_____. *Artes plásticas na América Latina contemporânea*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.

COIMBRA, S., MARTINS, F. e DUARTE, L. *O Reinado da Lua: escultores populares do Nordeste*. Rio de janeiro: Salamandra, 1980.

COLLIER JR, Jonh. *Antropologia visual: A Fotografia como Método de Pesquisa*. São Paulo; EDUSP/EPU,1973.

DALGLISH, Lalada. *Noivas da Seca: Cerâmica Popular do Vale do Jequitinhonha*. São Paulo: Editora UNESP, 2006

DALGLISH, Lalada. *A Arte do Barro na América Latina: um estudo comparado de aspectos estéticos e socioculturais na cerâmica popular do Brasil e do Paraguai*. (Tese de Doutorado) São Paulo, PROLAM/USP, 2004.

DALGLISH, Lalada. *Mestre Cardoso: A Arte da Cerâmica Amazônica*. Belém-PA: Secretaria Municipal de Belém /SEMEC, 1996.

DALGLISH, Lalada. *A Vitória do Sonho: a arte cerâmica de Mestre Cardoso – (Vídeo) com direção, produção, roteiro e texto de Lalada DalGLISH – 20 minutos – Belém-PA.-Brasil, 1996*. DALGLISH, Lalada. *Brazilian Images in Clay: Experiments in Low Salt Fire and Raku*. (Dissertação de Mestrado) University of Puget Sound – Tacoma – Washington – USA, 1983.

DITERT, A. E.; PLOG F. *Generations in Clay – Pueblo Pottery of the American Southwest*. Arizona: Northland Press, 1980.

DI IORIO, M. *Arte Cerâmica no Ensino*. Uberlândia - MG: Univ. Federal de Uberlândia, 1981.

DONGHI, T. H. *História da América Latina*. Rio de janeiro : Paz e Terra, 1975.

FROTA, L.C. *Pequeno Dicionário da Arte do Povo Brasileiro – século 20*. SP: Ed. Aeroplano, 2005

FENELON COSTA, M. H. *A arte e o artista na sociedade Karajá*. Brasília : FUNAI, 1978.

FUNARTE. *Museus: Museu Paraense Emílio Goeldi*. Rio de Janeiro: Ed. FUNARTE, 1981.

GADON, E. W. *The Once and Future Goddess: a symbol for our time*. NY: Harper & Row, 1989.

GABBAI, M. B. *Cerâmica - Arte da Terra*. São Paulo: Collis, 1987.



- GOMES, C. F. Argilas – O que são e para que servem. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- GOMES, D. M. C. Cerâmica Arqueológica da Amazônia: Vasilhas da Coleção Tapajônica MAE-USP. São Paulo: FAPESP/ EDUSP/ Imprensa Oficial-SP, 2002.
- KANDINSKY, Wassaly. Do Espiritual na Arte. São Paulo : Martins Fontes, 1990.
- KRAUSS, Rosalind E. Caminhos da escultura moderna; trad. Júlio Fisher. S. Paulo: Martins Fontes, 1998.
- KLINTOWITZ, J. Francisco Brennand: Mestre do Sonho. São Paulo : Laserprint, 1995.
- LANE, P. Ceramic Form, Design and Decoration. New York: Bizzoli, 1982.
- LAUER, M. Crítica do Artesanato: Plástica e Sociedade nos Andes Peruanos. São Paulo: Nobel, 1983.
- LÉVI-STRAUSS, C. A Oleira Ciumenta. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LITTO, G. South American folk pottery. New York: Watson Guptill Publication, 1976.
- LOPES, A.E. A fotografia como Metodologia de pesquisa. In: IX Encontro Nacional da ANPAP, 1997. Linguagens Visuais. São Paulo: PND Produções Gráficas, 1997. v. 2. p. 227-236
- MACHADO, A. (Org.) Mestres Artesãos. São Paulo: SESC, 2000.
- MASCELANI, Â. O Mundo da Arte Popular Brasileira. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal. Mauad Editora, 2002.
- MIDGLEY, B. Guia completo de escultura, modelado y ceramica - técnicas y materiales. Madrid: Blume Ediciones, 1983.
- MORAIS, F. Artes Plásticas na América Latina: do transe ao transitório. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979
- PAPA, C ; BRAGA, R. Brasil das Artes. v.1,2. São Paulo: Imagem Data, 1999.
- RAMIÉ, G. Cerâmica de Picasso. Barcelona: Publicações Europa, 1987.
- RIBEIRO, D. Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza. Petrópolis: Vozes, 1979.
- RHODES, D. Clay and glazes for the potter. Pennsylvania : Chilton Book Company, 1973.
- _____. Kilns: design, construction and operation. Pennsylvania: Chilton book Company, 1968.
- ROSENBLUM, R. Fernando Botero: recent sculptures. New York: Marlborough Gallery, 1982.
- SPEIGHT, C. F. Hands in Clay, An Introduction to Ceramics. Sherman Oaks, California Alfred publishing CO., Inc., 1979.
- SANTOS, José Luiz. O Que é Cultura. São Paulo : Brasiliense, 1983.
- SÃO PAULO, Fundação Bial de São Paulo. Arte popular/Mostra do Redescobrimento Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000.
- SOARES, L. G. Artes populares no Museu do Folclore Edson Carneiro: uma etnografia que reflete as transformações de um país em mudança. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1983
- SUMA Etnológica Brasileira: Tecnologia Indígena. v.1,2,3. Petrópolis: Vozes, 1986
- SULLIVAN, E. J. Botero Sculpture. New York: Abbeville Press, 1986.
- The Henry Moore Foundation. Henry Moore Uma Retrospectiva.SP: Pinacoteca/British Council, 2005.
- TRIMBLE, S. Talking with the Clay – The Art of Pueblo Pottery. Santa Fe, New Mexico: School of American Research Press, 1987.
- TRABA, M. Duas Décadas Vulneráveis nas Artes Plásticas Latino-Americana – 1950-1970. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- VIDAL, Lux. Grafismo Indígena: estudos de antropologia estética. São Paulo:Stúdio Nobel, EDUSP, 1992
- ZAMBONI, S. A Pesquisa em Arte, um paralelo entre arte e ciência. Campinas, SP:Autores Associados, 1998.
- ZANINI, W. História geral da arte no Brasil (Vol. I e II). São Paulo: Ins. Walter Moreira Salles, 1983
- VOLKSWAGEM DO BRASIL S.A. Artistas da escultura brasileira. SP: Raízes Artes Gráficas, 1986
- WITTKOWER, R. A Escultura. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1983.
- Fondo de Cultura 1981.

LINGUAGEM TRIDIMENSIONAL II : Estudo, experimentação e pesquisa processual das múltiplas possibilidades decorrentes da maleabilidade dos materiais expressivos próprios da modelagem em cerâmica, resultando em produtos artísticos tridimensionais.

Bibliografia Básica:

- ACHA, J. Arte y Sociedad Latino Americana. El producto artístico y su estrutura. México: ANDRADE FILHO, J. E. Mestres do Juazeiro: cotidiano e símbolo na escultura popular. Brasília-DF: Ed. UnB, 1991.
- BARBOSA, Ana Mae & AMARAL, Lilian (Org.). Interterritorialidade: mídia, contextos e educação São Paulo: Edições SESC, 2008.
- OLIVEIRA, Marilda Oliveria de (Org.) Arte, Educação e Cultura. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007
- ANDREWS, Michael. Scultura and Idea. New Jersey, Englewood Cliffs, 1968.
- ARAÚJO, E. A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica.



- São Paulo: Tenenge, 1988.
- BARDI, Pietro M.. A arte da cerâmica no Brasil. São Paulo : Banco Sudameris Brasil, 1980.
- BAYÖN, D. America Latina en sus Artes. México: Siglo Viente Uno, 1974.
- BISILLIAT, M. Memorial da América Latina – Pavilhão da Criatividade. São Paulo: Empresa das Artes, 1999
- BRASIL, Volkswagem do Brasil/ S.A. Artistas da Cerâmica Brasileira; Volkswagem do Brasil/ S.A,1985.
- BRITES, B. Elida Tessler.O Meio como Ponto Zero. Metodologia da pesquisa em Artes. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004
- BROGGI, P. (Coord.). A Arte do Artesanato Brasileiro. São Paulo: Talento, 2002.
- _____. Artes plásticas na América Latina contemporânea. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.
- COIMBRA, S., MARTINS, F. e DUARTE, L. O Reinado da Lua: escultores populares do Nordeste. Rio de Janeiro: Salamandra, 1980.
- COLLIER JR, Jonh. Antropologia visual: A Fotografia como Método de Pesquisa. São Paulo; EDUSP/EPU,1973.
- DALGLISH, Lalada. Noivas da Seca: Cerâmica Popular do Vale do Jequitinhonha. São Paulo: Editora UNESP, 2006
- DALGLISH, Lalada. A Arte do Barro na América Latina: um estudo comparado de aspectos estéticos e socioculturais na cerâmica popular do Brasil e do Paraguai. (Tese de Doutorado) São Paulo, PROLAM/USP, 2004.
- DALGLISH, Lalada. Mestre Cardoso: A Arte da Cerâmica Amazônica. Belém-PA: Secretaria Municipal de Belém /SEMEC, 1996.
- DALGLISH, Lalada. A Vitória do Sonho: a arte cerâmica de Mestre Cardoso – (Vídeo) com direção, produção, roteiro e texto de Lalada DalGLISH – 20 minutos – Belém-PA.-Brasil, 1996. DALGLISH, Lalada. Brazilian Images in Clay: Experiments in Low Salt Fire and Raku. (Dissertação de Mestrado) University of Puget Sound – Tacoma – Washington – USA, 1983.
- DITTERT, A. E.; PLOG F. Generations in Clay – Pueblo Pottery of the American Southwest. Arizona: Northland Press, 1980.
- DI IORIO, M. Arte Cerâmica no Ensino. Uberlândia - MG: Univ. Federal de Uberlândia, 1981.
- DONGHI, T. H. História da América Latina. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1975.
- FROTA, L.C. Pequeno Dicionário da Arte do Povo Brasileiro – século 20. SP: Ed. Aeroplano, 2005
- FENELON COSTA, M. H. A arte e o artista na sociedade Karajá. Brasília : FUNAI, 1978.
- FUNARTE. Museus: Museu Paraense Emílio Goeldi. Rio de Janeiro: Ed. FUNARTE, 1981.
- GADON, E. W. The Once and Future Goddess: a symbol for our time. NY: Harper & Row, 1989.
- GABBAI, M. B. Cerâmica - Arte da Terra. São Paulo: Collis, 1987.
- GOMES, C. F. Argilas – O que são e para que servem. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- GOMES, D. M. C. Cerâmica Arqueológica da Amazônia: Vasilhas da Coleção Tapajônica MAE-USP. São Paulo: FAPESP/ EDUSP/ Imprensa Oficial-SP, 2002.
- KANDINSKY, Wassaly. Do Espiritual na Arte. São Paulo : Martins Fontes, 1990.
- KRAUSS, Rosalind E. Caminhos da escultura moderna; trad. Júlio Fisher. S. Paulo: Martins Fontes, 1998.
- KLINTOWITZ, J. Francisco Brennand: Mestre do Sonho. São Paulo : Laserprint, 1995.
- LANE, P. Ceramic Form, Design and Decoration. New York: Bizzoli, 1982.
- LAUER, M. Crítica do Artesanato: Plástica e Sociedade nos Andes Peruanos. São Paulo: Nobel, 1983.
- LÉVI-STRAUSS, C. A Oleira Ciumenta. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LITTO, G. South American folk pottery. New York: Watson Guptill Publication, 1976.
- LOPES, A.E. A fotografia como Metodologia de pesquisa. In: IX Encontro Nacional da ANPAP,1997. Linguagens Visuais. São Paulo: PND Produções Gráficas, 1997. v. 2. p. 227-236
- MACHADO, A. (Org.) Mestres Artesãos. São Paulo: SESC, 2000.
- MASCELANI, Â. O Mundo da Arte Popular Brasileira. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal. Mauad Editora, 2002.
- MIDGLEY, B. Guia completo de escultura, modelado y ceramica - técnicas y materiales. Madrid: Blume Ediciones, 1983.
- MORAIS, F. Artes Plásticas na América Latina: do transe ao transitório. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979
- PAPA, C ; BRAGA, R. Brasil das Artes. v.1,2. São Paulo: Imagem Data, 1999.
- RAMIÉ, G. Cerâmica de Picasso. Barcelona: Publicações Europa, 1987.
- RIBEIRO, D. Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza. Petrópolis: Vozes, 1979.
- RHODES, D. Clay and glazes for the potter. Pennsylvania : Chilton Book Company, 1973.
- _____. Kilns: design, construction and operation. Pennsylvania: Chilton book Company, 1968.
- ROSENBLUM, R. Fernando Botero: recent sculptures. New York: Marlborough Gallery, 1982.



- SPEIGHT, C. F. *Hands in Clay, An Introduction to Ceramics*. Sherman Oaks, California Alfred publishing CO., Inc., 1979.
- SANTOS, José Luiz. *O Que é Cultura*. São Paulo : Brasiliense, 1983.
- SÃO PAULO, Fundação Bial de São Paulo. *Arte popular/Mostra do Redescobrimto Associação Brasil 500 anos Artes Visuais*, 2000.
- SOARES, L. G. *Artes populares no Museu do Folclore Edson Carneiro: uma etnografia que reflete as transformações de um país em mudança*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1983
- SUMA Etnológica Brasileira: Tecnologia Indígena. v.1,2,3. Petrópolis: Vozes, 1986
- SULLIVAN, E. J. *Botero Sculpture*. New York: Abbeville Press, 1986.
- The Henry Moore Foundation. *Henry Moore Uma Retrospectiva*. SP: Pinacoteca/British Council, 2005.
- TRIMBLE, S. *Talking with the Clay – The Art of Pueblo Pottery*. Santa Fe, New Mexico: School of American Research Press, 1987.
- TRABA, M. *Duas Décadas Vulneráveis nas Artes Plásticas Latino-Americana – 1950-1970*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- VIDAL, Lux. *Grafismo Indígena: estudos de antropologia estética*. São Paulo:Stúdio Nobel, EDUSP, 1992
- ZAMBONI, S. *A Pesquisa em Arte, um paralelo entre arte e ciência*. Campinas, SP:Autores Associados, 1998.
- ZANINI, W. *História geral da arte no Brasil (Vol. I e II)*. São Paulo: Ins. Walter Moreira Salles, 1983
- VOLKSWAGEM DO BRASIL S.A. *Artistas da escultura brasileira*. SP: Raízes Artes Gráficas, 1986
- WITTKOWER, R. *A Escultura*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1983.
- Fondo de Cultura 1981.

LINGUAGEM TRIDIMENSIONAL IV : Propõe-se uma praxis artística na categoria tridimensional a partir de material expressivo específico: o metal. Pesquisa, discussão e compreensão da ampliação do conceito de “Escultura” para “Linguagem Tridimensional”, no âmbito da estética contemporânea, que prevê a produção artística que incluem projetos de Instalação, Interferência, Intervenção Urbana e Site Specific.

Bibliografia Básica:

- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- BARDI, Pietro Maria. *Um século de escultura no Brasil*, São Paulo, MASP, 1982.
- _____, Pietro Maria. *História da Arte Brasileira – Pintura, Escultura, Arquitetura, Outras Artes*, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1975.
- BISHOP, Claire. *Installation Art – A Critical History*, New York, Routledge, 2005.
- KRAUSS, Rosalind. *Caminhos da Escultura Moderna*, São Paulo, Editora Martins Fontes, tradução: Júlio Fisher, (edição original em inglês 1977), 1998
- READ, Herbert. *Modern Sculpture – A Concise History*, Thames and Hudson, London, (1a ed: 1964), 1994.
- RIBENBOIM, Ricardo (ORG). *Tridimensionalidade*, SP, Instituto Itaú Cultural, 1997.
- SUDERBERG, Erika (editor). *Space, Site, Intervention: Situating Installation Art*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.
- WÖLFFLIN, Henrich. *Conceitos Fundamentais da História da Arte – o problema da evolução dos estilos na arte mais recente*, São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- ZANINI, Walter. *Tendências da Escultura Moderna*, São Paulo, Cultrix, 1971.
- ARAÚJO, Emanuel. *Rodin: esculturas*. S.Paulo, Pinacoteca de São Paulo, 1995.
- CHIARELLI, Tadeu. *Amilcar da Castro: Corte e Dobra*. S.Paulo, Cosac& Naify, 2003.
- MINK, Janis. *Duchamp: A Arte como Contra-Arte*. Lisboa, Portugal, Taschen, 1996.
- PAREYSON, Luigi. *Os Problemas da Estética*. Editora Martins Fontes, São Paulo, tradução: Maria Helena Nery Garcez, 1997.
- SERRA, Richard. *Writings, Interviews*. Chicago/London, The University of Chicago Press, 1994.
- SILVA, Dilma de Melo. *CALAÇA, Maria Cecília Felix. Arte Africana e Afro-Brasileira*, São Paulo, Editora Terceira Margem, 2006.
- SMITHSON, Robert. *The Writings of Robert Smithson*. New York, New York University Press, 1979.
- TUCKER, William. *The Language of Sculpture*. London, Thames and Hudson, (1a edição 1977), Reprinted 1998.
- A Bibliografia será complementada conforme as necessidades específicas dos projetos propostos pelos estudantes.

METODOLOGIA DA PESQUISA : A disciplina discute as diferentes formas de conhecimento, dando destaque para o conhecimento científico. Discute também a relação entre ciência e arte. São apresentadas as principais modalidades de pesquisa com ênfase no campo da educação e da arte. Apresenta ainda elementos práticos,



como por exemplo, como redigir um projeto de pesquisa, com apresentação dos procedimentos metodológicos usuais tanto na pesquisa de natureza quantitativa, quanto de natureza qualitativa.

Bibliografia Básica:

- ARAÚJO, Camila Maria de; BEZERRA, Benedito Gomes. Letramentos acadêmicos: leitura e escrita de gêneros acadêmicos no primeiro ano do curso de letras. Pernambuco. Revista de Estudos Culturais da Contemporaneidade. UFPE. nº 09, maio/junho, 2013, p. 5-37.
- FIORIN, J.L.; SAVIOLI, F.P. Para Entender o Texto: Leitura e Redação, São Paulo; Estação Liberdade, 2001
- CASSANO, Maria da Graça. Prática de Leitura e Escrita no Ensino Superior. 2ª ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos Editora, 2011.
- GHIRALDELO, Claudete Moreno. Língua portuguesa no ensino superior: experiências e reflexões. São Paulo: Editora Claraluz, 2006.
- HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss. São Paulo: Publifolha, 2013.
- JAKOBSON, Roman - Informação. Linguagem. Comunicação. 25ª ed. Cotia, Ateliê, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais – ARTE. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- CAMARGO, M.C.M, de (org.), Construindo o saber: técnicas de metodologia do trabalho científico. Campinas: Papyrus, 1988.
- CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 1991.
- LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. A construção do saber – manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas. Belo Horizonte (MG)/ Porto Alegre (RS): Editora da UFMG/ARTMED, 1999.
- LUCKESI, Cipriano et alii. Fazer universidade: uma proposta metodológica. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- LUNA, Sérgio. Planejamento de pesquisa: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1997
- RUDIO, F.V. Introdução ao projeto de pesquisa científica. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico. 20ª Edição São Paulo: Cortez, 2003.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais – a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. São Paulo: Atlas, 1987
- ZAMBONI, Silvío. A pesquisa em Arte. – um paralelo entre arte e ciência – Col. Polêmicas de Nosso tempo. Campinas (SP). Editora Autores Associados. 1998.
- ALBARELLO, Luc et alii. Práticas e métodos de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva, 1997.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. O método nas ciências naturais e sociais – pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ANDERY, Maria Amália et alii. Para compreender a ciência – uma perspectiva histórica. São Paulo: EDUC/Espaço e Tempo, 1988.
- APPOLINÁRIO, Fábio. Metodologia da ciência. São Paulo: Thomson, 2006.
- BACHELARD, Gaston. A formação do novo espírito científico. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- _____. O novo espírito científico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.
- _____. Ensaio sobre o conhecimento aproximado. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- BARBIER, René. A pesquisa-ação. Brasília: Líber Livro editora, 2004.
- BARBOSA, Ana Mãe. Tópicos utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- _____. John Dewey e o ensino da arte no Brasil – 3ª ed. Revista e ampliada. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. (org.) Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. (org.) Arte-educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1997.
- _____. (org.) Arte/educação contemporânea – consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BECKER, Howard S. Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BELO, Fernando. Leituras de Aristóteles e de Nietzsche. – a poética sobre a verdade e a mentira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- BIASOLI, Carmen Lúcia Abadie A formação do professor de arte. – do ensaio ... à encenação. Campinas: Papyrus, 1999.
- BRONNER. Stephen Eric. Da teoria crítica e seus teóricos. Campinas: `Papyrus, 1997.
- CAMILLIS, Lourdes Stamato De. Criação e docência em arte. Araraquara: JM editora Ltda., 2002.
- CAMPENHOUDT, Luc Van. Introdução à análise dos fenômenos sociais. Lisboa: Gradiva, 2003.
- CAMPOS, Moema Craveiro. A educação musical e o novo paradigma. Rio de Janeiro: ENELIVROS, 2000.



- CHARLMERS, Alan F. O que é ciência, afinal? São Paulo: Brasiliense, 1992.
- COSTA, Marisa Vorraber (organizadora). Novos olhares na pesquisa em educação. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1989.
- _____. Pesquisa – Princípio científico e educativo – 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- _____. Ciência, ideologia e poder – uma sátira às ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1988.
- _____. Pesquisa participante – saber pensar e intervir juntos. Brasília: Liber Livro, 2004.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti; VIÁ, Sarah Chucid da. Pesquisa empírica em ciências humanas (com ênfase em comunicação). São Paulo: Futura, 2001.
- FAZENDA, Ivani (organizadora). Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 1989.
- FOUREZ, Gerard. A construção das ciências – introdução á filosofia e à ética das ciências. São Paulo: UNESP, 1995.
- FREITAG, Bárbara. A teoria crítica – ontem e hoje. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- GARAUDY, Roger. Perspectivas do homem: existencialismo, pensamento católico e marxismo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GARCIA, Regina Leite (Org.) Método: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GARDNER, Howard. Educación artística y desarrollo humano. Barcelona: Paidós, 1990.
- GEWANDSZNAJDER, Fernando. O que é o método científico. São Paulo: Pioneira, 1989.
- GRESSLER, Lori Alice. Introdução à pesquisa – projetos e relatórios. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- HAUSER, Arnold. Teorias da Arte. Lisboa: Presença, 1988.
- HELLER, Agnes; FEHÉR, Ferenc. A condição política pós-moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- HÜBNER, Kurt. Crítica da razão científica. Lisboa: edições 70, 1993.
- IABELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte – sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: ARTMED, 2003.
- JAPIASSU, Ricardo. Metodologia do ensino de teatro - 2ª edição. Campinas: Papyrus, 2003.
- KNELLER, G.F. A ciência como atividade humana. Rio de Janeiro/São Paulo: Zahar/EDUSP, 1980
- KERLINGER, Fred N. Metodologia da pesquisa em ciências sociais. São Paulo: EPU, 1980.
- KOPNIN, P.V. Fundamentos lógicos da ciência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- _____. Conhecimento como lógica e teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- KUHN, Tomás S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- _____. A tensão essencial. Lisboa: Edições 70, 1977.
- LADRIÈRE, Jean. Filosofia e práxis científica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- LUNGARZO, C. O que é ciência. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. O que é lógica. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1990..
- MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Lerche. Pesquisa educacional – o prazer de conhecer. 2ª ed. Fortaleza: Demócrito Rcoha, 2002.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde. 7ª edição. São Paulo: Hicitec/Abrasco, 2000.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer pesquisa qualitativa. Recife: Edições Bagaço, 2005.
- OSINSKI, Dulce. Arte, História e Ensino – uma trajetória. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- PILLAR, Analice Dutra (org.) A educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999.
- REIS, Ronaldo Rosas. Educação e estética – ensaios críticos sobre arte e formação humana no pós-modernismo. São Paulo: Cortez, 2005.
- SANTAELLA, Lucia. Comunicação e Pesquisa – projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Haecker editores, 2002.
- SANTOS, Antonio Raimundo dos. Metodologia científica – a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. As idéias estéticas de Marx – 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. Filosofia da práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- VERA, Asti. Metodologia da pesquisa científica -8ª ed. São Paulo: Globo, 1989.

MÍDIA I : Os alunos desenvolverão investigações sobre os preceitos de percepção da Gestalt, produzirão trabalhos práticos relativos aos aspectos sintáticos da linguagem plástica visual e por meio desta estrutura básica de conhecimentos deverão produzir peças gráficas que proporcionem uma reflexo crítica sobre o conteúdo programático.

Bibliografia Básica:

ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção Visual. tradução. São Paulo, Pioneira e EDUSP, 1980.



ARNHEIM, Rudolf. Visual Thinking. Berkeley, Univ. of California Press, 1976. (há tradução para o castelhano).
DONDIS, Donia A. La Sintaxis de la Imagen. Tradução, Barcelona, G. Gili, 1976.
GOMBRICH, E. The Sense of Order. Univ. Cornell Press, 1979.
MUNARI, Bruno. Desenho e Comunicação Visual. Trad., São Paulo, M. Fontes, 1979.

MÍDIA II : A fotografia enquanto meio de criação produção e reprodução de imagens parece ser o instrumento mais relevante de difusão de informação nesse século e, certamente se constituirá como o principal denominador do próprio século. E, aqui, não só falamos de sua abrangência no que diz respeito aos aspectos de representação poética que o meio abarca como também no que diz respeito a sua atuação em campos diversos como: Medicina, Engenharia, Ótica, Botânica, Biologia, Astronomia e tantas outras áreas de conhecimento. Assim, parafraseando Rejlander, um pioneiro da fotografia: no futuro, aquele que não souber fotografia, poderá ser considerado como um analfabeto. No presente, com o advento dos meios eletrônicos, os ditos de Rejlander ainda podem ser considerados como índices de relevância., dado o expansivo universo coberto pela fotografia. Esta o ideário sucinto de um curso cuja abrangência tem a pretensão de ser a mola propulsora para um princípio de formação tecnologicamente orientada

Bibliografia Básica:

HORENSTEIN, Henry - Black White Photography.
LIFE LIBRARY OF PHOTOGRAPHY - Time Life Books, New York - 1970/73.
LITZEL, Otto - Darkroom Magic - Chilton Book, Philadelphia - 1967.
MONFORTE, Luiz G. – Fotografia Pensante – S.Paulo, Editora Senac – 1997.
NEWHALL, Beaumont - The History of Photography - Moma - New York, 1964.

MÍDIA III : Ao final do curso o aluno deverá estar capacitado para diagramar publicações diversas, reconhecer e adequar a tipologia disponível para a construção de projetos gráficos diversos. O aluno também deverá estar conscientizado sobre o processo de edição texto/livro e o significado de cada um dos elementos componentes da estrutura de um livro. O aluno também deverá estar capacitado para aplicar a fotografia como ilustração em uma publicação. Também se espera que o aluno se torne mais ágil e capaz de providenciar soluções editoriais criativas. O curso, tenta instrumentar e orientar o aluno na direção de um sentido profissionalizante na área das artes gráficas.

Bibliografia Básica:

RIBEIRO, MILTON – Planejamento Visual e Gráfico – Edição do autor
SMITH, KEITH – Structure of the Visual Book – keith smith books editor
SMITH, KEITH – Non-adhesive binding – keith smith books editor
MUNARI, BRUNO – Nella Nébia di Milano -
MUNARI, BRUNO – Das Coisas Nascem as Coisas – Ed. Martins Fontes
MUNARI, BRUNO – Desenho e Comunicação Visual – Ed Martins Fontes
MONFORTE, LUIZ – Fotografia Pensante, Ed. Senac
MONFORTE, LUIZ – Alegorias Brasileiras, Ed Senac, Imprensa Oficial
MARISCAL, JAVIER – Mariscal à Paris – Javier Mariscal editor
KENTIRIDGE, WILLIAM – Black Box – Deutsch Guggenheim
TANG –FAWCET – Experimental Formats – Pro-Graphics
HOLLIS, RICHARD – Design Gráfico – Ed. Martins Fontes
FINESSI, BEPPE – Su Munari - Abitari Segesta Cataloghi
ITTEM, JOHANNES – Design and Form – Thames and Hudson

MÍDIA IV : Construção poética em fotografia cinética através da exploração das possibilidades dos processos fotográficos cinéticos – do artesanal ao digital. Refletir sobre produção fotográfica cinética em artes visuais. Explorar as possibilidades poéticas da fotografia cinética com os recursos tradicionais ou com a manipulação em imagens digitais.

Bibliografia Básica:

DUBOIS, Philippe. Cinema, vídeo, Godard. São Paulo: Cosac&Naify, 2004
MUNCH, Walter. Num piscar de olhos: a edição de filmes sob a ótica de um mestre. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2004.
RODRIGUES, Chris. O cinema e a produção. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
AUMONT, Jacques. As teorias dos cineastas. Campinas, SP: Papyrus, 2004.
AUMONT, Jacques. O olho interminável [cinema e pintura]. São Paulo: Consac&Naify, 2004.
BERGMAN, Ingmar. Imagens. São Paulo: Martins Fontes, 1996.



- CHARNEY, Leo & SCHWARTZ, Vanessa. O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo: Consac&Naify, 2001.
- COSTA, Flávia Cesarino. O primeiro cinema. São Paulo: Scritta, 1995.
- EISENSTEIN, Serguei. Memórias imorais: uma autobiografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- FERREIRA, Silvio. Tudo o que você precisa saber sobre Áudio e Vídeo Digital. São Paulo: Digerati Books, 2008.
- FIELD, Syd. Manual do Roteiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- GAGE, Leighton David. O filme publicitário. São Paulo: SSC&B - Lintas Brasil, 1985.
- MANNONI, Laurent. A grande arte da luz e da sombra: arqueologia do cinema. São Paulo: Editora SENAC São Paulo: UNESP, 2003.
- MORAES, Vinicius. O cinema de meus olhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- NAPOLITANO, Marcos. Como usar a televisão na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1999.
- SHYLES, Leonard. The Art of Video Production. Califórnia: Sage Publications, 2007.
- TAYLOR, Angie. Creative After Effects: Workflow Techniques for Animation, Visual Effects and Motion Graphics. USA: Focal Press, 2006.
- VANOYE, Francis. Ensaio sobre a análise fílmica. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- WRIGHT, Jean Ann. Animation writing and development: from script development to pitch. USA: Focal Press, 2005.

MÍDIA V : Teoria e prática da imagem áudio-visual n-dimensional cinética.

Conceitos fundamentais do pensar e do fazer na realização tele-vídeo-cinematográfica.

Ao término da disciplina o aluno deve ter uma visão crítica panorâmica das principais etapas envolvidas na realização vídeo-cinematográfica, proporcionando bases para interpretação e produção de obra de arte contemporânea.

Bibliografia Básica:

- DUBOIS, Philippe. Cinema, vídeo, Godard. São Paulo: Cosac&Naify, 2004
- MUNCH, Walter. Num piscar de olhos: a edição de filmes sob a ótica de um mestre. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2004.
- RODRIGUES, Chris. O cinema e a produção. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- AUMONT, Jacques. As teorias dos cineastas. Campinas, SP: Papirus, 2004.
- AUMONT, Jacques. O olho interminável [cinema e pintura]. São Paulo: Consac&Naify, 2004.
- BERGMAN, Ingmar. Imagens. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- CHARNEY, Leo & SCHWARTZ, Vanessa. O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo: Consac&Naify, 2001.
- COSTA, Flávia Cesarino. O primeiro cinema. São Paulo: Scritta, 1995.
- EISENSTEIN, Serguei. Memórias imorais: uma autobiografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- FERREIRA, Silvio. Tudo o que você precisa saber sobre Áudio e Vídeo Digital. São Paulo: Digerati Books, 2008.
- FIELD, Syd. Manual do Roteiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- GAGE, Leighton David. O filme publicitário. São Paulo: SSC&B - Lintas Brasil, 1985.
- MANNONI, Laurent. A grande arte da luz e da sombra: arqueologia do cinema. São Paulo: Editora SENAC São Paulo: UNESP, 2003.
- MORAES, Vinicius. O cinema de meus olhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- NAPOLITANO, Marcos. Como usar a televisão na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1999.
- RABIGER, Michael. Directing Film Techniques and Aesthetics. USA: Focal Press, 2008.
- SHYLES, Leonard. The Art of Video Production. Califórnia: Sage Publications, 2007.
- TAYLOR, Angie. Creative After Effects: Workflow Techniques for Animation, Visual Effects and Motion Graphics. USA: Focal Press, 2006.
- VANOYE, Francis. Ensaio sobre a análise fílmica. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- WRIGHT, Jean Ann. Animation writing and development: from script development to pitch. USA: Focal Press, 2005.

MÍDIA VI: A disciplina trata da construção poética em multimídia e gravação em CD-ROM, assim como aborda a discussão dos principais conceitos que envolvem a multimídia.

Ponderação sobre o conceito de mídia, envolvendo definição de intermídia, multimídia e hipermídia; Introdução sobre narrativas hipertextuais e/ou hipermediáticas considerando tanto a produção em mídias de registro (CDs, DVDs, BLUE RAYS e outros) quanto seus usos na Web;



Exame dos elementos significativos da hipermídia abordando interatividade, multimodalidade, interface, linearidade e seus opostos;

Estudo da convergência de mídias primárias entendendo as bases das linguagens verbais, e visuais;

Exame dos aspectos envolvendo a recepção considerando usabilidade, navegabilidade, fruição, ludicidade e imersividade;

Conhecimento e pesquisa de ferramentas para produção de hipermídia;

Conceito de roteiro, arquitetura e organização da informação;

Conhecimento das fases envolvidas no desenvolvimento de projeto.

Bibliografia Básica:

BUSH, Vannevar. As we may think. 1945. Disponível em

<http://www.cs.sfu.ca/CC/365/mark/material/notes/Chap1/VBushArticle/>

CARAMELLA, Elaine ET all. Mídias: multiplicação e convergências. São Paulo: SENAC, 2009.

COUCHOT, Edmond. A tecnologia na arte da fotografia à realidade virtual. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003.

FRIEDBERG, Anne. The Virtual Window: From Alberti to Microsoft. Massachusetts: MIT Press, 2009.

HIGGINS, Dick. Horizons. The Poetics and Theory of the Intermedia. Illinois: Carbondale and Edwardsville/Southern Illinois University Press, 1984.

LEÃO, Lúcia. O Labirinto da Hipermídia. São Paulo: Iluminuras-Fapesp, 1999.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo, Editora 34, 1993.

MURRAY, Janet. 2003. Hamlet no Holodeck – o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Editora Unesp.

SANTAELLA, Lúcia. Matrizes da Linguagem e Pensamento. São Paulo: Iluminuras, 2005.

ANDERS, Peter. "Ciberespaço antrópico: definindo um espaço eletrônico a partir dos princípios básicos". In: Leão, Lucia (org.). Cibercultura 2.0. São Paulo: Nojosa, 2003.

ASCOTT, Roy. Plissando o Texto: Origens e Desenvolvimento da Arte Telemática. In LEÃO, Lúcia (org.). O Chip e o Caleidoscópio – Reflexões sobre as Novas Mídias. São Paulo: Editora Senac, 2005.

BAIRON, Sergio. Multimídia. São Paulo: Global Editora, 1995.

FLUSSER, Vilém. Ensaio sobre a fotografia – Para uma filosofia da técnica. Lisboa: Relógio D'Água editores, 1998.

FOGLIANO, Fernando. Design e Interação. Revista estudos em design, Rio de Janeiro: PUC RJ, no prelo.

GREENE, Rachel. Internet Art (World of Art). New York: Thames & Hudson, 2004.

DISCIPLINA: MÍDIA VI

CÓDIGO CAV 7616

Continuação:

JOHNSON, Steven. 2001. Cultura da Interface. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar.

LANDOW, George. Hypertext 2.0; Being a Revised, Expanded Edition of Hypertext: The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997.

LARA FILHO, D. O fio de Ariadne e a arquitetura da informação na WWW. DataGrama Zero, 2003, v.4, n.6, dez/03. Disponível em: http://www.dgzero.org/dez03/Art_02.htm. Acesso em dezembro 2009.

LEÃO, Lucia (org.). Derivas: cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume, 2004.

LEOTE, Rosangella. Interfaces na relação arte e tecnologia. In: Oliveira, Maria Rosa et all. (Org.). Território das Artes. São Paulo: EDUC, 2006, v. 1, p. 143-145.

LEOTE, Rosangella. A identidade da obra de arte como corpo expandido nas estéticas tecnológicas. Anais da ANPAP 2008. ANPAP: Florianópolis.

LEOTE, Rosangella. Arte e mídias emergentes: modos de fruição. In ROCHA, Cleomar (org.). Arte: limites e contaminações. Salvador: ANPAP, 2007a.

LÉVY, Pierre. 2000. Cibercultura. São Paulo: Editora 34.

MANOVICH, Lev (2005). "Novas mídias como tecnologia e idéia: dez definições". In: Leão, Lucia (org.). O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias São Paulo: Ed. SENAC.

MANOVICH, Lev. The Language of New Media. Massachusetts: MIT Press, 2001.

MARCUSCHI, L. e XAVIER, A. [Org.]. 2004. Hipertexto e Gêneros Digitais. RJ: Ed. Lucerna.

MITCHELL, William John. The reconfigured eye - visual truth in the post-photographic era, 1992.

NELSON, Theodor Holm. Literary Machines. MA: Mindful Press, 2008.(reimpressão)

NIELSEN, Jakob. Projetando websites. Campinas: Campus, 2000.

NIELSEN, Jakob & Tahir, Marie (2002). Homepage.Usabilidade.50 Websites desconstruídos. Rio: Campus.

PETRY, Luís Carlos. Topofilosofia: o pensamento tridimensional na hipermídia. Tese de Doutorado na PUC-SP: COS. São Paulo, 2003.

TORI, Romero. Educação sem distância. São Paulo: Editora Senac São Paulo e Escola do Futuro da USP, 2010.



WIENNER, Norbert. Cibernética e sociedade. São Paulo: Cultrix, 1978.

Digitais:

Arquitetura da informação: http://www.guilhermo.com/ai_biblioteca/referencia.asp?referencia=18

Construtor de wireframes: <http://iplotz.com/index.php>

Dicas e cursos de hipermídia: <http://www.usabilidoido.com.br/>

Hipermídia: <http://www.lucianolobato.com.br/>

Mapas de navegação: <http://writemaps.com/tour/>

Redes e complexidade: <http://www.visualcomplexity.com/vc/>

Ted Nelson: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2674,1.shl>

MÍDIA VII : A disciplina trata da construção poética em telemática e web art, assim como aborda a discussão dos principais conceitos que envolvem a especificidade das mídias aí implícitas.

Arte como sistema;

Exemplos de produções em arte telemática e em rede através e dentro da web;

Arte e o código;

Exemplos na comunicação;

Exemplos nas redes sociais;

Discutir conceito de estética e poética em rede;

Proporcionar informações atualizadas sobre produções não exclusivas da arte, mas envolvendo a web;

Discutir a idéia por traz dos códigos esclarecendo conceitos de Tags, Metatags, Itags e QRcodes técnicos passíveis de serem aplicados na produção artística

Projeções futuras;

Encaminhar o conhecimento e pesquisa de ferramentas para produção de arte em rede;

Apresentar o conceito de roteiro, arquitetura e organização da informação;

Abordar as fases envolvidas no desenvolvimento de projeto.

Bibliografia Básica:

GIANETTI, Cláudia. Estética Digital – Sintopia da arte, a ciência e a tecnologia. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

GREENE, Rachel. Internet Art (World of Art) . New York: Thames & Hudson, 2004.

HIGGINS, Dick. Horizons. The Poetics and Theory of the Intermedia. Carbondalle and Edwardsville: Southern Illinois University Press. 1984.

Leão, Lúcia. O Labirinto da Hipermídia. São Paulo Iluminuras-Fapesp, 1999.

LARA FILHO, D. O fio de Ariadne e a arquitetura da informação na WWW. DataGrama Zero, 2003, v.4, n.6, dez/03. Disponível em: http://www.dgzero.org/dez03/Art_02.htm. Acesso em 2010.

LEMOS, André. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. Razón y Palabra, n 41, 2004.

LEOTE, Rosangella. Poética da mobilidade e espaços híbridos. # 7 ARTE. Congresso Internacional de Arte Tecnologia. Para compreender o momento atual e pensar o contexto futuro da arte. Brasília: UNB, Setembro 2008. Versão eletrônica- SITE. <http://arte.unb.br/7art/textos/rosangellaLeote.pdf>

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo, Editora 34, 1993.

NUNES, Fabio Oliveira. Web Arte no Brasil: algumas poéticas e interfaces no universo da rede Internet.(Dissertação de mestrado) Campinas: UNICAMP, 2003.

O'REAILLY, Tim e BATTELLE, John. Web Squared: Web 2.0 Five Years On . Outubro de 2009. in: <http://oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html?page=1>

PAREYSON, Luigi. Estética: teoria da formatividade. Petrópolis: Vozes, 1993.

PAREYSON, Luigi. Os Problemas de Estética. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SANTAELLA, Lúcia. Estética de Platão a Peirce. São Paulo: Experimento. 1994.

SHUSTERMAN, Richard. Vivendo a Arte – o pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: Editora 34, 1998.

VENTURELLI, Suzete. Arte – Espaço – Tempo – Imagem. Brasília: UNB, 2004

Digitais:

ARTSAT: <http://www.artsatbr.unb.br/>

Avatar: http://www.youtube.com/watch?v=GBGDmin_38E e <http://www.youtube.com/watch?v=QkX7dOz2E3U>

DISCIPLINA: MÍDIA VII

CÓDIGO CAV 8617

Continuação:

Bikes Against Bush: <http://www.bikesagainstbush.com/blog/about.php>



Community of words : <http://www.e-gallery.com.br/cp/> ou <http://www.turbulence.org/spotlight/cm/community-of-words.htm> ou <http://www.youtube.com/watch?v=520TojYcdPU>
Crystal Ball - <http://www.e-crystalball.com/>
Digytal Oracles : <http://www.digitaloracles.com.br/>
Enciclopédia de Arte e Tecnologia do Itaú cultural: <http://www.cibercultura.org.br/tikiwiki/home.php>
QR Code: <http://qrcode.kaywa.com> e http://protaldosaber.blogspot.com/2009_08_21_archive.html ou <http://buzzqreatebuzz.com>
Realidade aumentada: http://www.youtube.com/watch?v=7JWk_JIE3OwE
<http://www.youtube.com/watch?v=yCCx7zANsGE>
Sensitive Rose - <http://www.sensitiverose.com/>
Tracajá net: www.tracaja-e.net
Twitter: <http://twitter.com>
Web Art no Brasil: <http://www.fabiofon.com/webartenobrasil>
ALMEIDA, Cândida. Web design: Guia de produção e análise. (Tese de doutorado) São Paulo: PUCSP, 2009.
ANDERS, Peter. "Ciberespaço antrópico: definindo um espaço eletrônico a partir dos princípios básicos". In: Leão, Lucia (org.). Cibercultura 2.0. São Paulo: Nojosa, 2003.
ASCOTT, Roy. Plissando o Texto: Origens e Desenvolvimento da Arte Telemática. In LEÃO, Lúcia (org.). O Chip e o Caleidoscópio – Reflexões sobre as Novas Mídias. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2005.
BONSIEPE, Gui. Design: do material ao digital. Florianópolis: FIESC/IEL, 1997. 192.
DAMASCENO, Anielle. Webdesign: teoria e prática. Florianópolis: Visual Books, 2003.
DUMAZEDIER, Joffre. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1979.
FRIEDBERG, Anne. The Virtual Window: From Alberti to Microsoft . Massachusetts: MIT Press, 2009.
FLUSSER, Vilém. Ensaio sobre a fotografia – Para uma filosofia da técnica. Lisboa: Relógio D'Água editores, 1998.
HAWKING, Stephen. O Universo numa casca de noz. São Paulo: ARX, 2002
LANDOW, George. Hypertext 2.0; Being a Revised, Expanded Edition of Hypertext: The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997.
LÉVY, Pierre. 2000. Cibercultura. São Paulo: Editora 34.
DISCIPLINA: MÍDIA VII
CÓDIGO CAV 8617
Continuação:
JOHNSON, Steven. 2001. Cultura da Interface. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar.
MARCUSCHI, L. e XAVIER, A. [Org.]. 2004. Hipertexto e Gêneros Digitais. RJ: Ed. Lucerna.
RADFAHRER, Luli. 1999. Design/Web/design. São Paulo: Market Press.
LEOTE, Rosangella . Interfaces na relação arte e tecnologia. In: Oliveira, Maria Rosa et all. (Org.). Território das Artes. São Paulo: EDUC, 2006, v. 1, p. 143-145.
LEOTE, Rosangella. (Dez) orientações espaciais – a comunicação na poética da mobilidade. In Prado, Magaly (org). Mídias digitais na comunicação. São Paulo, 2008 (no prelo)
LEOTE, Rosangella. A identidade da obra de arte como corpo expandido nas estéticas tecnológicas. Anais da ANPAP 2008. ANPAP: Florianópolis.
LEOTE, Rosangella. Arte e mídias emergentes: modos de fruição. In ROCHA, Cleomar (org.). Arte: limites e contaminações. Salvador: ANPAP, 2007a.
MANOVICH, Lev (2005). "Novas mídias como tecnologia e idéia: dez definições". In: Leão, Lucia (org.). O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias São Paulo: Ed. SENAC.
MANOVICH, Lev. Post-media Aesthetics, 2001. Disponível em <http://www.manovich.net>. Acessado em dezembro de 2007.
MANOVICH, Lev. The language of new media - Cambridge: MIT Press, 2001
MURRAY, Janet. 2003. Hamlet no Holodeck – o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo, Editora Unesp.
NIELSEN, Jakob. Projetando websites. Campinas: Campus, 2000.
NIELSEN, J & Tahir, Marie (2002). Homepage. Usabilidade. 50 Websites desconstruídos. Rio: Campus.
NUNES, Fabio Oliveira. CTRL+ART+DEL: Contexto, arte e tecnologia. (Tese de doutorado) São Paulo: USP, 2007.
PRADO, Gilberto. Arte telemática: dos intercâmbios pontuais aos ambientes virtuais multiusuário. São Paulo: Itaú Cultural, 2003
PRIGOGINE, Ilya. O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: UNESP, 1996.
RÖESSLER, Otto. Endophysics: the world as an interface. Singapura: World Scientific. 1998.
SANTAELLA, Lúcia. Culturas e Artes do pós-humano – Da cultura das Mídias à Cibercultura. São Paulo, Editora Paulus, 2003



WIENNER, Norbert Cibernética e sociedade. São Paulo: Cultrix , 1978.
Arquitetura da informação: http://www.guilhermo.com/ai_biblioteca/referencia.asp?referencia=18
Desvirtual: <http://www.desvirtual.com>
Facebook: <http://www.facebook.com>
DISCIPLINA: MÍDIA VII
CÓDIGO CAV 8617
Continuação:
Flickr: www.flickr.com
Freakpedia: <http://www.fabiofon.com/freakpedia.html>
hermenetka : www.lucialeao.pro.br/hermenetka
Identite: <http://www.andrelemos.info/identite>
Kandinsky by Perdizes - <http://marcusbastos.net/lat-23/>
Sur-Viv-All - <http://www.andrelemos.info/survivall>
Identité - <http://www.andrelemos.info/identite/>
Locative Painting - <http://www.locativepainting.com.br/>
GPS Art - <http://www.gpsart.net/>
Poétrica - http://www.poetrica.net
Sticker Map <http://www.flickr.com/people/stickermap/>
Suíte para Mobile Tag – <http://www.desvirtual.com/qartcode/pt/>
Youtube: <http://www.youtube.com>

ORIENTAÇÃO DE PROJETOS (para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) : Produção de monografia envolvendo pesquisa bibliográfica, pesquisa artística e de poética pessoal, articulando conhecimentos trabalhados durante o curso. Capacitar o aluno a definir, ordenar e apresentar o seu projeto de bacharelado. Visa, portanto, a disciplina, a uma supervisão dos trabalhos de pesquisa, orientação nas linguagens expressivas e o acompanhamento do desenvolvimento global do Trabalho de Conclusão de Curso

Bibliografia Básica:

BRANDÃO, C.R. (Org.). Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1981.
CANCLINI, Nestor. Produção simbólica – teoria e metodologia em Sociologia da Arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
CARMO NETO, Dionísio. Metodologia científica para principiantes. Salvador: Ed. Universidade Americana, 1993.
CERVO e BERVIAN - Metodologia científica. São Paulo: MacGraw-Hill, 1973.
ECO, Umberto. Como fazer uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1987.
MARTINS, J. & CELANY, A C. Subsídios para a redação de tese de mestrado e doutorado. São Paulo: Cortez, 1979.
SEVERINO, J. Metodologia do Trabalho Científico. SP. Coortez, 2.000.
ZANBONI, Sílvio. Pesquisa em arte. São Paulo: Presença, 1998.

PINTURA I : Pesquisa baseada na prática com os meios expressivos pictóricos. Através dos trabalhos de atelier os estudantes terão a oportunidade de entrar em contato com questões relacionadas a cor, forma, contrastes, proporção, ritmo, etc.

Bibliografia Básica:

GREENE, Maxine. Liberar la imaginación: ensayos sobre educación, arte y cambio social. Trad. Albino Santos. Barcelona: Editorial Graó.
PASTA, Paulo. A Educação pela pintura. São Paulo, wmf martins fontes, 2017.
ARNHEIM, Rudolf. Intuição e intelecto na arte. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
BERGER, John. Modos de ver. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
DOERNER, MAX. The Materials of the Artist and Their Use in Painting. USA, A Harvest Book Edition, 1984.
GOMBRICH, Ernest H. Arte e Ilusão. São Paulo, Martins Fontes, 1986.
OSTROWER, Fayga. Criatividade e processo de criação. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
ARGAN, Giulio Carlo. Michelangelo Architect. Londres, Phaidon Press, Electa Architecture, 2004.
ARGAN, Giulio Carlo. Imagem e persuasão. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
MATISSE, Henri. Escritos e Reflexões sobre a Arte. São Paulo, Cosac Naify, 2007.
ORTEGA Y GASSET, José. Papeles sobre Velázquez y Goya. Espanha, Revista de Occidente en Alianza Editorial, 1987.
ORTEGA Y GASSET, José. Adão no Paraíso e outros ensaios de estética. São Paulo, Cortez, 2002.



Ortiz, Antonio Domínguez; Sánchez, Alfonso E. Pérez; Gállego, Julián. Velázquez. Madri, Ministerio da Cultura, Museo del Prado, 1990.

SCHWARZS, Arturo. The Complete Works of Marcel Duchamp. New York, Delano Greenidge Editions, 2000.

PINTURA II : Reflexão e prática dos paradigmas pictóricos: realismo, impressionismo, expressionismo e abstracionismo. A manifestação artística pós-moderna. Dar continuidade e ampliar o perceber e o pesquisar sobre a linguagem da pintura, com seus materiais e técnicas instigando a busca, a construção e conscientização de sua própria marca, apoiados no conhecimento técnico e teórico.

Bibliografia Básica:

BARREIRO-PERÉZ & CAMNITZER (Org.) Educação para a arte Arte para a educação. Porto Alegre: Fundação Bienla do Mercosul, 2009.

PACHECO, José. Escola da Ponte: formação e transformação da educação. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.

ARNHEIM, Rudolf. El "Guernica" de Picasso: génesis de una pintura. Barcelona, Gustavo Gili, 1976.

BATCHELOR, David. Minimalismo. São Paulo, Cosac & Naify, 1998.

DONDIS, D.A. La sintaxis de la imagen - Introducción al alfabeto visual. Barcelona, Gustavo Gili, 1973.

GOMBRICH, E.H. Arte e Ilusão - um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo. Martins Fontes, 1986.

GOODING, Mel. Arte abstrata. São Paulo, Cosac & Naify, 2002.

HAYES, Colin. Guía completo de Pintura y Dibujo: técnicas y materiales. Buenos Aires, Hermann Blume, 1980.

HEARTNEY, Eleanor. Pós-Modernismo. São Paulo, Cosac & Naify, 2002.

KEPES, Gyorgy. El lenguaje de la visión. Buenos Aires, Ed. Infinito, 1976.

MALPAS, James. Realismo. São Paulo, Cosac & Naify, 2000.

READ, Herbert. História da pintura moderna. São Paulo, Círculo do Livro, s/d.

RIEMSCHNEIDER, Burkhard. Arte de hoy. Madrid, Taschen, 2002.

SMITH, Ray. Le Manuel de L'artiste. Paris, Bordeaux, 1992.

WOOD, Paul. Arte conceitual. Cosac & Naify, 2002.

WOOD, Paul. Modernismo em disputa – a arte desde os anos quarenta. São Paulo, Cosac & Naify, 1998.

Livros de referência, teses e dissertações revistas terão orientação na biblioteca.

PRÁTICA DE ENSINO DE ARTES VISUAIS I Pesquisa e análise da realidade do ensino de arte na educação infantil, no ensino fundamental (I e II ciclos) e no ensino médio através da observação; estudo de documentos norteadores da área e discussões sistematizadas.

Bibliografia Básica:

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos utópicos. Belo Horizonte, c/Arte, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Brasília; MEC/SEF. 1998

BRASIL. MEC. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009.** Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. CNE/SEB. 2009. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=3749-resolucao-dcnei-dez-2009&category_slug=fevereiro-2010-pdf&Itemid=30192

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Currículo integrador da infância paulistana.** São Paulo : SME/DOT, 2015 72p. : il. Disponível em:

<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/24900.pdf>

FREIRE, Madalena et al. Observação - Registro - Reflexão: Instrumentos Metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1995. v.1. 64p.

_____. Avaliação e Planejamento: a prática educativa em questão - Instrumentos Metodológicos II. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997.

FERRAZ, Maria Heloísa & FUSARI, Maria F. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. Metodologia do Ensino de Arte. São Paulo: Cortez, 1993.

SÃO PAULO. Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Arte. São Paulo: SEE, 2008.

SÃO PAULO. Referenciais Curriculares. São Paulo: SESP, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Arte. S.E.F. Brasília; MEC/SEF. 1997 (1º e 2º ciclos).



BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Arte. S.E.F. Brasília; MEC/SEF. 1998 (3º e 4º ciclos).

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. & REZENDE E FUSARI, Maria F. de. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1991. Coleção magistério 2. grau, Série Formação Geral.

IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

NÓVOA, António (org.). Vidas de professores. Porto:Porto Editorial, 1995.

PRÁTICA DE ENSINO DE ARTES VISUAIS II Reflexão sobre a cultura visual presente nas escolas a partir de estudos comparativos entre a realidade escolar observada e textos teóricos sobre cultura visual, multiculturalidade, interculturalidade e novas mídias.

Bibliografia Básica:

BARBOSA, Ana Mae (org.). Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. (orgs.) Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Brasília; MEC/SEF. 1998

FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade: um projeto em parceria. São Paulo: Loyola, 1991.

HERNÁNDEZ, Fernando. Catadores da cultura visual: uma proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Ed.da UFSM, 2009.

BARBOSA, A..M. A imagem no Ensino da Arte. São Paulo, Perspectiva. Porto Alegre, Fundação IOCHPE, 1991.

_____. Tópicos utópicos. Belo Horizonte, C/Arte, 1998.

_____. (org.) Inquietações e mudanças no ensino de arte. São Paulo, Cortez, 2002.

_____. (org.) Arte-educação: leitura no subsolo. São Paulo, Cortez, 1999.

BARBOSA, Ana Amália T. B.. O ensino de artes e de inglês: Uma experiência interdisciplinar. São Paulo: Cortez, 2007.

Educação e Realidade. Revista da FAGED/UFRGS, v.30, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho. Porto Alegre: ArtMed. 2000.

Visualidades: revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual. Faculdade de Artes Visuais, UFG, v.4, 2006; v. 5, 2007; v. 6, 2008.

PRÁTICA DE ENSINO DE ARTES VISUAIS III Situar e refletir sobre o campo ampliado de atuação do arte-educador em instituições culturais e sociais compreendendo o conceito de mediação cultural e o papel do educador como mediador e suas implicações para a reconstrução social.

Bibliografia Básica:

BARBOSA, Ana Mae. Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo, Cortez, 2005.

_____. (org.) Arte-educação: leitura no subsolo. São Paulo, Cortez, 1999.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

COUTINHO, Rejane G.. 'Vivências e experiências a partir do contato com a arte, in: Educação com arte. São Paulo: FDE, Diretoria de Projetos Especiais, 2004, Série Idéias, n.31, p.143-158.

MASON, Rachel. Por uma arte-educação multicultural. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

RICHTER, Ivone Mendes. Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. & REZENDE E FUSARI, Maria F. de. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1991. Coleção magistério 2. grau, Série Formação Geral.

IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

NÓVOA, António (org.). Vidas de professores. Porto:Porto Editorial, 1995.



PROJETOS BIDIMENSIONAIS : Elaboração e concretização de projetos bidimensionais mediante proposta de projeto, reflexão e portfólio para desenvolvimento de linguagem própria, tendo em vista a exposição do trabalho.

Bibliografia Básica:

- ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora. Tradução. São Paulo, Pioneira, 1980.
- BERGER, J. Modos de ver. Barcelona, Gustavo Gili, 1974.
- DONDIS, Donia A. La Sintaxis de la Imagen. Introducción al alfabeto visual. Barcelona, Gustavo Gili, 1973.
- DORFLES, G. O devir das artes. Lisboa, Martins Fontes, 1987.
- FRANCASTEL, Pierre. Imagem, visão e imaginação. São Paulo, Martins Fontes, 1987.
- GALLEGO, Julian. El cuadro dentro del cuadro. Madrid, Cátedra, 1991.
- GARDNER, Howard. Mentas que criam. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
- GIBSON, James J. La percepción del mundo visual. Buenos Aires, Infinito, 1974.
- GOMBRICH, E. . Arte e Ilusão. Um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo, Martins Fontes, 1986.
- HAYES, Colin. Guia completo de Pintura y Dibujo: técnicas y materiales. Buenos Aires, Hermann Blume, 1980.
- HERNANDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre, Artes Médicas, 1999.
- MAYER, Ralph. O manual do Artista. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- MERLEAU PONTY. Fenomenologia da Percepção. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1971.
- NAVES, Rodrigo. A Forma Difícil, ensaios sobre arte brasileira. São Paulo, Ática, 1996.
- OSTROWER, Fayga. Acasos e Criação Artística. Rio de Janeiro, Campus, 1995.
- SALLES, Cecília Almeida. Gesto inacabado: processo de criação artística. São Paulo, Annablume, 1998 er arte. São Paulo: FTD, 1998.

PROJETOS INTERDISCIPLINARES : Relação da arte com outras áreas de conhecimento.

Apresentação e análise de obras intertextuais. Produção de projetos interdisciplinares.
Projeto em equipe interdisciplinar.

Bibliografia Básica:

- CHERRY, Colin A COMUNICAÇÃO HUMANA, São Paulo, Cultrix, 1971.
- COHEN, Renato. PERFORMANCE COMO LINGUAGEM, Perspectiva, Debates; 219, São Paulo, 1989.
- CORRAZE, Jaques . AS COMUNICAÇÕES NÃO VERBAIS, Zahar Editores, RJ, 1969.
- FAZENDA, Ivani. O que é interdisciplinaridade?, Cortez Editora, SP, 2008.
- HALL, Edward T. A DIMENSÃO OCULTA, Livraria Francisco Alves, RJ, 1977.
- KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas, São Paulo, Perspectiva, 2003
- MALAGODI, Maria Eugenia & CESNIK, Fábio de Sá. PROJETOS CULTURAIIS. Escrituras Editora, São Paulo, 2004.
- PLAZA, Júlio. TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA, Perspectiva (CNPq), Coleção Estudos; 94, São Paulo, 1987.
- ANDERSON, Laurie. For Instants (1976). In Performance Live Art 1909 to the present. London, Cox and Wyman, 1979.
- HOFSTADTER, Douglas R -GÖDEL, ESCHER, BACH: an Eternal Golden Braid, Vintage Books, NY, 1979.
- SOURIAU, Etienne. A CORRESPONDÊNCIA DAS ARTES, Cultrix, São Paulo, 1982.

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO : Nesta disciplina são elaborados conhecimentos relativos ao campo da Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Destacam-se as teorias de Piaget, Vigotski, Wallon e Gardner.

Bibliografia Básica:

- VIGOTSKI, L. S. Psicologia Pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VIGOTSKI, L. S. A psicologia da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PIAGET, J.(2001) Criatividade. In Vasconcelos, M.(org.) Criatividade, psicologia, educação e conhecimento do novo. São Paulo: Moderna.
- GALVÃO, Izabel. Uma reflexão sobre o pensamento pedagógico de Henri Wallon. In: Cadernos Idéias, construtivismo em revista. São Paulo, F.D.E., 1993.
- GARDNER, H. Inteligências Múltiplas: A teoria na prática. Porto Alegre: Artmed, reediç
- PIAGET, J. (1987) O Nascimento da Inteligência na Criança. 4a.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- PIAGET, J. (1976) A Equilibração das Estruturas Cognitivas. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1988.



VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
FLAVELL, John H. - *A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget*. São Paulo: Ed. Pioneira, 1987.
MUSSEN, Paul H. - *O desenvolvimento psicológico da criança*. R.Janeiro: Ed. Zahar, 1986.
NICOLAS, André - *Introdução ao pensamento de Jean Piaget*. R.Janeiro: Ed. Zahar, 1983.
CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida - *PSICOLOGIA APLICADA À EDUCAÇÃO* - São Paulo: EPU ED., 1986.
FARIA, Anália Rodrigues De - *Desenvolvimento Da Criança E Do Adolescente Segundo Piaget* - São Paulo: Atica Ed., 1998.

PSICOLOGIA E ARTE : A disciplina oferece elementos teóricos para a construção da relação entre Psicologia e Arte, analisando interface que favoreça compreensão sobre três conceitos que amplamente estudados pela Psicologia interessam diretamente à formação do artista e do professor em artes visuais. Tais conceitos são: percepção, criação e emoção.

Bibliografia Básica:

ARNHEIM, R. *Arte e Percepção Visual: Uma Psicologia da Visão Criadora* – 7ª edição – Trad. Ivone Terezinha de Faria – São Paulo: Pioneira Ed. , 1992.
AUMONT, J. *A Imagem* – 11ª edição – Trad. Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro – Campinas SP: Papirus Ed., 1993.
DAY, R. H. *Psicologia e Percepção* – Trad. do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo – Rio de Janeiro: José Olímpio Ed., 1974.
GOMBRICH, E. H. *Arte e Ilusão: Um Estudo da Psicologia da Representação Pictórica* – Trad. Raul de Sá Barbosa – São Paulo: Martins Fontes Ed., 1986.
GOMES FILHO, J. *Gestalt do Objeto: Sistema de leitura visual da forma* – 7ª edição – São Paulo: Escrituras Ed., 2004.
GUILLAUME P. *Psicologia da Forma* – Trad. Irineu de Moura – 2ª edição – São Paulo: Companhia Editora Nacional Ed., 1966.
HEIDBREDE, E. – *Psicologias do Século XX* - 2ª edição – Trad. Lauro s. Blandy – São Paulo: Mestre Jou Ed., 1969.
KRECH, David e CRUTCHFIELD, Richards S. *Elementos de Psicologia* – 3ª edição - Trad. Dante e Miriam Moreira Leite – São Paulo: Pioneira Ed., 1971.
MEREDIEU, F. *O Desenho Infantil* – Trad. Álvaro Lorencini e Sandra M. Nitri – São Paulo: Cultrix Ed., 1979.
MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção* – Trad. Reginaldo Di Piero – Rio de Janeiro: Freitas Bastos Ed., 1971.
OSBORNE, H. *A Apreciação da Arte* – Trad. Agenor Soares dos Santos – São Paulo: Cultrix Ed., 1971.
RIBEIRO, Claudete. *Psicologia e Percepção: um olhar para a Arte*. São Paulo: ARTEunesp, 1996, v. 12, p. 43-54.
RIBEIRO, Claudete. *A Estética da Oralidade e Anamorfoses de Salvador Dali*. São Paulo, ARTEunesp, 2005-2006, v. 17, p. 09-24.
SANTAELLA, L. *A Percepção: Um Teoria Semiótica* – São Paulo: Experimento Ed., 1993.
VERNON, M. D. *Percepção e Experiência* – Trad. Dante Moreira Leire – São Paulo: Perspectiva Ed., 1974.
VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
ARANTES, O. *Forma e Percepção Estética* – Textos escolhidos de Mario Pedrosa. São Paulo: EDUSP, 1996.
KÖHLER, W. *Psicologia da Gestalt* – 2ª edição. Trad. David Jardim – Belo Horizonte; Itatiaia Ed., 1980.
PEDROSA, M. *Arte/Forma e Personalidade: Três Estudos* – São Paulo: Kairós Ed., 1979.

SOCIOLOGIA e ARTE : Conhecimento crítico da arte e suas relações com as técnicas de reprodução na sociedade contemporânea.

Bibliografia Básica:

APPLE, Michael W., BALL, Stephen L; GANDIM, Luis Armando. *Sociologia da Educação: Análise Internacional*. Porto Alegre: Penso, 2013
ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Editora Moderna, 2006. BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
_____. *John Dewey e o ensino da arte no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2001.
BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
_____. *Sociologia da arte IV*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR
CANCLINI, N. G. *A Socialização da Arte*. São Paulo: Cultrix, 1980.
FREITAG, B. *A teoria crítica ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
GAGNEBIN, J-M. Walter Benjamin. São Paulo: Brasiliense, 1984.



MERQUIOR, J. G. Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
ROUANET, S. P. Teoria crítica e psicanálise. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

TÉCNICAS DE REPRODUÇÃO I : Estudo e experimentação dos fundamentos básicos dos processos gráficos da xilogravura, da linoleogravura e da colagravura a partir da praxis e do estudo histórico, possibilitando pesquisas de reprodutibilidade da imagem. A disciplina procura introduzir processos gráficos de modo a fornecer ao professor subsídios para possíveis práticas de exercícios de reprodução da imagem onde se possa discutir a força da imagem na cultura de massa.

Bibliografia Básica:

- BERSIER, J. E. La Gravure , les Procédés, L'Histoire. Paris Berger-Levrault, 1974, 2a.ed..
BRUNNER, Felix. Manual de Gravure Suíça, Teufen 4a. Ed. 1972
TEIXEIRA LEITE, José Roberto. A Gravura Brasileira Contemporânea Rio de Janeiro, Ed. Expressão e Cultura S.A. 1965
COSTA, Ferreira, Orlando de. Imagem e Letra. Ed. Melhoramentos - EDUSP, 1977.
SILVA, Orlando da A Arte Maior da Gravura São Paulo, Espade, 1976.
WESTHEIM, Paul. El Gravado en Madeira Breviarios del F. da Cultura Econômica, nº 95, México, Buenos Aires, 1954.
COSTELLA, Antonio Introdução à Gravura e História da Xilogravura. Campos de Jordão. Ed. Mantiqueira, 1984
FREEDMAN, Kerry. Teaching Visual Culture: curriculum, aesthetics, and the social life of art. New York: Teachers College, Columbia University, 2003.
MARTINS, Raimundo & TOURINHO, Irene. Educação da cultura visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM
O ATELIÊ DE OSVALDO GOELDI. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2017.
HERSKOWITZ, Anico. Xilogravura, Arte e Técnica. Porto Alegre Tchê, 1986
BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. São Paulo: Abril, 1980. Coleção "Os pensadores".
CASTLEMAN, Riva. La Gravure Contemporaine depuis 1942. Suisse: Office du Livre, 1973.
CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
Clubes de Gravura do Brasil. Os (Catálogo). Pinacoteca do Estado de São Paulo: Raízes Artes Gráficas, 1994.
COSTA, Armando Mattos Moraes de Lontra. Poética da resistência – aspectos da gravura brasileira. São Paulo – SESI, Rio de Janeiro. Museu de Arte Moderna, 1994 – Catálogo de Exposição, nov. 1994.
COSTELLA, Antônio. Introdução à gravura e história da xilogravura. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1984.
D'HORTA, Arnaldo Pedroso. Desenhos, Incisões. Xilogravuras. São Paulo: Centro Cultural, s/d.
DAWSON, John (coord.). Guia Completa de Grabado e Impresión – Técnicas y Materiales. Madrid: H. Blume Ediciones, 1982.
Do cordel à galeria (catálogo). Museu de Arte de São Paulo (MASP): Raízes, 1994.
EINCHENBERG, F. The Art of the Print: Masterpieces, History & Techniques. New York: Harry N. Abrams, Inc. Publishers, 1976.
FEBRE, Lucien & HENRY-MARTIN, Jean. O aparecimento do livro. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1991.
FERREIRA, Orlando da Costa. Imagem e letra – introdução à bibliologia – a imagem gravada. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, s/d.
G. Braque. Oeuvre Gravé. Rio de Janeiro: Maeght Editeur, 1994.
Gravuras: compreensão e conservação. Porto Alegre: Webster Arte, 1984.
GULLAR, Ferreira. Terceira mostra da gravura brasileira. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1974.
JEAN, Adhémar & COCHIN, Françoise. Édgar Degas: Gravures et Monotypies. Paris: Arts et Métiers Graphiques, 1973.
JEAN, Georges. A escrita – memória dos homens. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002
JORGE, Alice & GABRIEL, Maria. Técnicas da gravura artística – xilogravura, linóleo, calcografia, litografia. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.
LARAN, Jean. L'Estampe I – Histoire Générale de la Gravure. Paris: Presses Universitaires de France, 1959.
LEITE, José Roberto Teixeira. A gravura brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1966.
Manual de Aguafuerte y Grabado. Madrid: H. Blume, 1988.
Marcelo Grassmann – 40 anos de Gravura. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/Pinacoteca do Estado, 1984.
MARTINS, Itajahy F. Gravura: arte e técnica. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1987.
Matrizes do Expressionismo no Brasil: Abramo, Goeldi e Segall. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2000.



Oficinas: Gravura. FAJARDO, Elias; SUSSEKIND; Felipe; VALE, Márcio do. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1999.
REIS JÚNIOR, Maria José dos. Goeldi. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
Shindo, Shigeru. Kunisada: The Kabuki Actor Portraits. Tokyo: Graphic. Sha Publishing Co., Ltd., 1993.
SILVA, Orlando da. A arte maior da gravura. São Paulo: Espade, 1976.
SCARINCI, Carlos. A gravura do Rio Grande do Sul – 1900-1980. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. 224p. il.
SHINDO, Shigeru. KUNISAKA –The Kabuki Actor Portraits. Tokyo:Graphic-SHA, 1993

TÉCNICAS DE REPRODUÇÃO II : Conhecimentos práticos e teóricos dos processos de gravação em metal e litográficos, evocando a compreensão da linguagem gráfica, permitindo a busca do universo poético no campo da reprodutibilidade.

Bibliografia Básica:

ANTREASIAN, Garo Z. & ADAMS, Clinton. The Tamarind Book of Lithography: Art & Techniques. New York: Abrams, 1971.
EICHENBERG, Fritz -Lithography and Silkscreen, Art and Technique, Harry N. Abrams, NY, 1978.
VICARY, Richard -Advanced Lithography, Thames and Hudson, Lo
BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. São Paulo: Abril, 1980. Coleção "Os pensadores".
BETTI, Dario. Técnica dell'incisione. Firenze: Edizione Arnaud, 1971..
BOVI, Arturo. Goya, Le Incisione – Quaderni di Grafica. Roma: A. Ronzon Editore, 1969.
CAMARGO, Iberê. A Gravura. São Paulo: Topal Ind. Com. e Imp. Ltda., 1975.
CASTLEMAN, Riva. La Gravure Contemporaine depuis 1942. Suisse: Office du Livre, 1973.
Clubes de Gravura do Brasil. Os (Catálogo). Pinacoteca do Estado de São Paulo: Raízes Artes Gráficas, 1994.
COSTA, Armando Mattos Moraes de Lontra. Poética da resistência – aspectos da gravura brasileira. São Paulo – SESI, Rio de Janeiro. Museu de Arte Moderna, 1994 – Catálogo de Exposição, nov. 1994.
D'HORTA, Arnaldo Pedroso. Desenhos, Incisões. Xilogravuras. São Paulo: Centro Cultural, s/d.
DAWSON, John (coord.). Guia Completa de Grabado e Impresión – Técnicas y Materiales. Madrid: H. Blume Ediciones, 1982.
Do cordel à galeria (catálogo). Museu de Arte de São Paulo (MASP): Raízes, 1994.
EINCHENBERG, F. The Art of the Print: Masterpieces, History & Techniques. New York: Harry N. Abrams, Inc. Publishers, 1976.
FEDERICI, Renzo & KRACZINA. Swietlan & VIGGIONO, Domenico. Il Bisonte – Centro Culturale per lo Studio dell'Arte Grafica. Firenze, 1985.
FERREIRA, Orlando da Costa. Imagem e letra – introdução à bibliologia – a imagem gravada. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, s/d.
G. Braque. Oeuvre Gravé. Rio de Janeiro: Maeght Editeur, 1994.
Gravuras: compreensão e conservação. Porto Alegre: Webster Arte, 1984.
GULLAR, Ferreira. Terceira mostra da gravura brasileira. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1974.
HELMAN, Edith. Trasmundo de Goya. Alinza Editorial: Madrid, 1986.
HIND, Arthur M. A History of Engraving and Etching from the 15th Century to the Year 1914. New York: Dover Publications Inc., 1963
JEAN, Adhémard & COCHIN, Françoise. Edgar Degas: Gravures et Monotypies. Paris: Arts et Métiers Graphiques, 1973.
JEAN, Georges. A escrita – memória dos homens. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002
JORGE, Alice & GABRIEL, Maria. Técnicas da gravura artística – xilogravura, linóleo, calcografia, litografia. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.
LARAN, Jean. L'Estampe I – Histoire Générale de la Gravure. Paris: Presses Universitaires de France, 1959.
LAYMAIRE, Jean & MELOT, Michel. Les Gravures des Impressionistes: Monet, Pissaro, Renoir, Cézanne, Sisley. Paris: Arts et Métiers Graphiques, 1971.
LEITE, José Roberto Teixeira. A gravura brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1966.
LEVIS, Johan. Anatomy Printing. London: London and Faber, s/d.
MAGGIO, Filippo. La Stampa d'Arte-Incisione. Il Castello, s/d.
Manual de Aguafuerte y Grabado. Madrid: H. Blume, 1988.
Marcelo Grassmann – 40 anos de Gravura. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/Pinacoteca do Estado, 1984.
MARTINS, Itajahy F. Gravura: arte e técnica. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1987.
Matrizes do Expressionismo no Brasil: Abramo, Goeldi e Segall. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2000.



MORANDI, Silence; PEIGNOT, Jérôme. Giorgio Morandi (1890-1969). Paris: Connaissances des Arts nº 228, fevereiro/1991.

“Os Caprichos de Francisco Goya”. Charles Baudelaire ... I et al.I – São Paulo: Editora Imaginário, 1995. Oficinas: Gravura. FAJARDO, Elias; SUSSEKIND; Felipe; VALE, Márcio do. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1999.

PASSERON, Roger. La Gravure Impressioniste – Origenes et Rayonnement. Fribourg (Suisse): Office du Livre, 1974.

PLA, Jaime. Técnicas del Grabado Calcográfico y su Estampación. Barcelona: Gustavo Gili S/A. MCMLVI.

REIS JÚNIOR, Maria José dos. Goeldi. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Rembrandt e a arte da gravura – and the art of etching. São Paulo: Centro Cultural Branco do Brasil, 2002

ROWLANDS, John. Hercules Segers. London: Scolar Press, 1979.

SILVA, Orlando da. A arte maior da gravura. São Paulo: Espade, 1976.

STRAZZA, Guido. Il Gesto e Il Segno – Tecnica dell'Incisione. Itália: Edizioni di Vanni Scheiwiller, 1979.

SCARINCI, Carlos. A gravura do Rio Grande do Sul – 1900-1980. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. 224p. il.

TÉCNICAS DE REPRODUÇÃO III : Utilização de vários meios de (re)produção de imagens (decalque, transfer, serigrafia e xerox) explorando as possibilidades imagéticas e materiais em cada etapa do processo produtivo e/ou na utilização dos diversos tipos de suportes e suas formas de apresentação. Desenvolvimento de um projeto único, utilizando essas possibilidades de produção de imagens.

Bibliografia Básica:

BENJAMIN, Walter “A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução.”Abril Cultural, São Paulo, 1980.

BRUSKY, Paulo “Xerografia Artística: Arte sem original.”Recife, 1985.

CAZA, Michel “Técnicas de Serigrafia.” Ed. Blume, Madrid, 1967.

DAWSON, John “Guia Completa de Grabado e Impresión.” H. Blume, Madrid, 1982.

MACEDO, Maria Alice “Serigrafia Artística: possibilidades expressivas”

Dissertação de mestrado, Mestrado em Artes Visuais, IA-UNESP, São Paulo, 2004.. PINACOTECA do “Arte Xerox Brasil.”ESTADOCatálogo, SP, 1984.

RIZOLLI, Marcos “Uma poética da máquina: arte xerox.” Tese de Mestrado, PUC-SP, 1993. (DM - 302.2 - R 627p)

AUMONT, Jacques “A Imagem” Papyrus, trad. Estela dos Santos Abreu, Campinas, 1993.

PAREYSON, Luigi “Problemas da Estética”,

ROSSI, Paolo “Os Filósofos e as Máquinas, 1400-1700”Companhia das Letras, São Paulo, 1989.

SALLES, Cecília Almeida “Gesto inacabado: processo de criação artística”, São Paulo, FAPESP, Anablume, 1998.

TEORIA E CRÍTICA DA ARTE I : Proceder a uma revisão das Teorias da Linguagem, da Arte, a uma reflexão acerca das Funções da Linguagem, destacando a importância da Função Metalingüística e sua necessidade, entendendo a Crítica, fundamentalmente, como trabalho de seleção, de discernimento.

Bibliografia Básica:

ARGAN, Giulio Carlo - Arte e Crítica de Arte. 2ª ed. Trad. de Helena Gubernatis. Lisboa, Estampa, 1995.

.ARISTÓTELES - Poética. Trad. de Eudoro de Souza. São Paulo, Ars Poetica, 1992.

.CHALUMEAU, Jean-Luc - As Teorias da Arte; Filosofia, Crítica e História da Arte, de Platão aos nossos dias. Trad. de Paula Taipas. Lisboa, Instituto Piaget, s.d.

.HAUSER, Arnold - Teorias da Arte. 2ª ed. Trad. de F. E. G. Quintanilha. Lisboa, Presença, 1988.

.JAKOBSON, Roman - Lingüística e Comunicação. 7ª ed. Trad. de I. Blikstein e J. P. Paes. São Paulo, Cultrix, 1974.

.POUND, Ezra - ABC da Literatura. Trad. de A. de Campos e J. P. Paes. São Paulo, Cultrix-CEC, 1970.

.BARTHES, Roland - O Prazer do Texto. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo, Perspectiva, 1977.

.BLOOM, Harold - O Cânone Ocidental; os livros e a escola do tempo. Trad. de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro, Objetiva, 1995.

.CAMPOS, Augusto de - O Anticrítico. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

.CAMPOS, Haroldo de - A Arte no Horizonte do Provável e outros ensaios. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1972.

._____ - A Operação do Texto. São Paulo, Perspectiva, 1976.

._____ - Metalinguagem e Outras Metas; ensaios de teoria e crítica literária. 4ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1992.

._____ - O Arco-Íris Branco; ensaios de literatura e cultura. Rio de Janeiro, Imago, 1997.

.FERRARA, Lucrécia D. - A Estratégia dos Signos. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1986.



- .PLATÃO - A República. 6ª ed. Trad. de M. H. da R. Pereira. Lisboa, Gulbenkian, 1990.
.POE, Edgar Allan - "A Filosofia da Composição". In: Ficção Completa, Poesia e Ensaios. 3ª ed. Trad. de O. Mendes e M. Amado. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1981, p. 911-920.
.POUND, Ezra - A Arte da Poesia; ensaios escolhidos. Trad. de H. de L. Dantas e J. P. Paes. São Paulo, Cultrix-EDUSP, 1976.
.TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.) - Teoria da Literatura: Formalistas Russos. 2ª ed. Vários Trad. Porto Alegre, Globo, 1976.
.VALÉRY, Paul - Variedades. Trad. de M. M. de Siqueira. São Paulo, Iluminuras, 1991.
.WÖLFFLIN, Heinrich - Conceitos Fundamentais da História da Arte. Trad. de J. Azenha Jr. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

TEORIA DA COMUNICAÇÃO : Fornecer uma base teórica para que haja a possibilidade de uma leitura dos processos de comunicação, pertinente e crítica, ao mesmo tempo em que venha a se desenvolver uma "consciência de linguagem".

Bibliografia Básica:

- CHERRY, Colin - A Comunicação Humana; uma recapitulação, uma vista de conjunto e uma crítica. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix-EDUSP, 1971.
JAKOBSON, Roman - Lingüística e Comunicação. 7ª ed. Trad. de I. Blikstein e J. P. Paes. São Paulo, Cultrix, 1974.
McLUHAN, Marshall - Os meios de Comunicação como Extensões do Homem. 5ª ed. Trad. de Décio Pignatari. São Paulo, 1979.
PIGNATARI, Décio - Contracomunicação. 3ª ed. Cotia, Ateliê, 2004.
_____. - Informação. Linguagem. Comunicação. 25ª ed. Cotia, Ateliê, 2003.
CHALHUB, Samira - Funções da Linguagem. São Paulo, Ática, 1987.
MACHADO, Arlindo. A televisão levada a sério. São Paulo, Ed. SENAC, 2000.
PEIRCE, Chales Sanders - Semiótica e Filosofia. Trad. de Octanny Siveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo, Cultrix-Edusp, 1975.
PIGNATARI, Décio - O que é comunicação poética. 8ª ed. Cotia, Ateliê, 2004.
_____. Signagem da Televisão. São Paulo, Brasiliense, 1984.
SANTAELLA, Lúcia - Cultura das Mídias. São Paulo, Experimento, 1996.
SANTAELLA, Lúcia e NÓTH, Winfried - Imagem: cognição, semiótica, mídia. São Paulo, Iluminuras, 1998.
SAUSSURE, Ferdinand de - Curso de Lingüística Geral. Trad. de A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo, Cultrix, 1989.

TEORIA E CRÍTICA DA ARTE II : Partindo da noção de texto metalinguístico, no sentido lato, localizar a metalinguagem nas Artes Visuais, com abordagem da Crítica de Arte e sua tradição no Ocidente, a Crítica no Brasil, com análises de casos, partindo, então, para a elaboração de textos metalinguísticos, considerando seus vários tipos: desde uma simples abordagem crítica de exposição, até uma elaborada incursão ensaística.

Bibliografia Básica:

- ARGAN, Giulio Carlo - Arte e Crítica de Arte. 2ª ed. Trad. de Helena Gubernatis. Lisboa, Estampa, 1995.
.PEDROSA, Mário - Textos Escolhidos. 4 volumes. São Paulo, EDUSP, 1995-2000. Organização de Otilia Arantes.
.PEIRCE, Charles Sanders - Semiótica e Filosofia; textos escolhidos. Trad. de O. S. da Mota e L. Hegenberg. São Paulo, Cultrix-EDUSP, 1975.
.TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.) - Teoria da Literatura: Formalistas Russos. 2ª ed. Vários Trad. Porto Alegre, Globo, 1976.
.VENTURI, Lionello - História da Crítica de Arte. Trad. de Rui E. S. Brito. Lisboa, Edições 70, 1984.
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:
.CAMPOS, Augusto de - O Anticrítico. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
.ELIOT, T. S. - A Essência da Poesia; estudos e ensaios. Trad. de M. I. Nogueira. Rio de Janeiro, Artenova, 1972.
.GOMBRICH, E. H. - A História da Arte. 4ª ed. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
.PAZ, Octavio - Signos em Rotação. 2ª ed. Trad. de S. U. Leite. São Paulo, Perspectiva, 1976.
.PIGNATARI, Décio - Contracomunicação. São Paulo, Perspectiva, 1971.
.POE, Edgar Allan - "A Filosofia da Composição". In: Ficção Completa, Poesia e Ensaios. 3ª ed. Trad. de O. Mendes e M. Amado. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1981, p. 911-920.
.POUND, Ezra - ABC da Literatura. Trad. de A. de Campos e J. P. Paes. São Paulo, Cultrix-CEC, 1970



- . - A Arte da Poesia; ensaios escolhidos. Trad. de H. de L. Dantas e J. P. Paes. São Paulo, Cultrix-EDUSP, 1976.
- .VALÉRY, Paul - Variedades. Trad. de M. M. de Siqueira. São Paulo, Iluminuras, 1991.
- .WÖLFFLIN, Heinrich - Conceitos Fundamentais da História da Arte. Trad. de J. Azenha Jr. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

Libras, Educação Especial e Inclusiva : O papel do professor na Educação Especial em uma perspectiva de Educação Inclusiva. Abordagem Construcionista, Contextualizada e Significativa
Planos de Ensino Individualizados para estudantes surdos

Bibliografia Básica:

- BAUMEL, R.C.R.C.; RIBEIRO, M.L.S. (Org). Educação especial: do querer ao fazer. São Paulo; Avecamp, 2003.
- BERSCH, R.C.R. ; Pelosi, M.B. Tecnologia Assistiva: Recursos de Acessibilidade ao Computador. 1. ed. Brasília DF: Ministério da Educação MEC, 2007.
- BUENO, J.G.S. A educação especial no Brasil: alguns marcos históricos. In: Educação Especial Brasileira: integração/segregação do aluno deficiente. São Paulo: EDUC/PUC/FAPESP, 1993.
- DAMÁSIO, M.F.M. Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com Surdez. In: Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado. Brasília: SEESP/SEED/MEC, 2007.
- DECRETO 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Brasília: MEC, 2005. LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS. Brasília: SEESP/MEC, 1998.
- QUADROS, R.M. de. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- QUADROS, R.M. de. O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEESP, 2001.
- GALVÃO FILHO, T.A. (Org.) ; MIRANDA, T.G. (Org.) . Educação especial em contexto inclusivo: reflexão e ação. Salvador: EDUFBA, 2011.
- ALMEIDA, M.E. Educação, Projetos, Tecnologia e Conhecimento. São Paulo: Proem, 2001.
- ALONSO, M. Interdisciplinaridade e novas técnicas: Formando professores. Campo Grande: Editora UFMS, 1999.
- GALVÃO FILHO, T.A. Tecnologia Assistiva e Educação. In: SOUZA, R. C. S.; BARBOSA, J. S. L. (Org.) Educação inclusiva, tecnologia e Tecnologia Assistiva. 1ed.Aracaju: Criação, 2013, v. , p. 15-38.
- HERNANDEZ, F.; VENTURA, M. A organização do currículo por projetos de trabalho: O conhecimento é um caleidoscópio. 5ª Edição, Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1998.
- MANTOAN, M.T.E. (Org.) Pensando e fazendo educação de qualidade. São Paulo: UNICAMP /NIED, 2000.
- MANZINI, E.J. (Org.) Educação Especial e Inclusão: temas atuais. I. ed. São Carlos; Marília: Marquezine & Manzini editora; ABPEE, 2013.
- MAZZOTA, M.J. S. Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- OMOTE, S. Aparência e Competência em Educação Especial, in Temas Em Educação Especial I, UFSCar/PPGEEs, 1990,11- 26.
- PELLANDA, N.M.C.; SCHLÜNZEN, E.T.M.; SCHLÜNZEN, K.Jr. (org). Inclusão Digital: Tecendo Redes Afetivas/Cognitivas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- SASSAKI, R.K. Inclusão – construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- SCHLÜNZEN, E.T.M. Mudanças nas práticas pedagógicas do professor: criando um ambiente construcionista contextualizado e significativo para crianças com necessidades especiais físicas (2000). Tese (Doutorado em Educação), PUC/SP, São Paulo.
- Horário de atendimento ao aluno: agendado nos chats de cada turma.

Vivência em Ateliê Permanente I : Implantação de ateliê permanente coletivo dentro do Instituto de Artes. Desenvolver a linguagem plástica pessoal, estimular a expressão no espaço, desenvolver a produção de séries de trabalhos que dialoguem com o conjunto de sua produção, aprofundar a visão do todo da produção artística ao contrário da produção segmentada em linguagens específicas.

Bibliografia Básica:

- BOURRIAUD, NICOLAS, Estética Relacional, 2011, Martins Editora, 152 p.
- SMITHSON, R. A Museum of Language in Vicinity of Art, Art international, Março/1968.
- TASSINARI, A. O Espaço Moderno, São Paulo, Cosac & Naify, 2001, 160 p.
- MESZÁROS, I.. A Educação para além do Capital, 2a edição, São Paulo Boitempo Editorial, 2010, 126 p.
- As bibliografias são discutidas individualmente com cada aluno dependendo dos trabalhos que cada aluno desenvolve, as referências devem partir de demandas individuais, não existe uma bibliografia pré-estabelecida.



Vivência em Ateliê Permanente II : Implantação de ateliê permanente coletivo dentro do Instituto de Artes. Desenvolver a linguagem plástica pessoal, estimular a expressão no espaço, desenvolver a produção de séries de trabalhos que dialoguem com o conjunto de sua produção, aprofundar a visão do todo da produção artística ao contrário da produção segmentada em linguagens específicas.

Bibliografia Básica:

BOURRIAUD, NICOLAS, Estética Relacional, 2011, Martins Editora, 152 p.

SMITHSON, R. A Museum of Language in Vicinity of Art, Art international, Março/1968.

TASSINARI, A. O Espaço Moderno, São Paulo, Cosac & Naify, 2001, 160 p.

MESZÁROS, I.. A Educação para além do Capital, 2a edição, São Paulo Boitempo Editorial, 2010, 126 p.

As bibliografias são discutidas individualmente com cada aluno dependendo dos trabalhos que cada aluno desenvolve, as referências devem partir de demandas individuais, não existe uma bibliografia pré-estabelecida.

Vivência em Ateliê Permanente III : Implantação de ateliê permanente coletivo dentro do Instituto de Artes. Desenvolver a linguagem plástica pessoal, estimular a expressão no espaço, desenvolver a produção de séries de trabalhos que dialoguem com o conjunto de sua produção, aprofundar a visão do todo da produção artística ao contrário da produção segmentada em linguagens específicas.

Bibliografia Básica:

BOURRIAUD, NICOLAS, Estética Relacional, 2011, Martins Editora, 152 p.

SMITHSON, R. A Museum of Language in Vicinity of Art, Art international, Março/1968.

TASSINARI, A. O Espaço Moderno, São Paulo, Cosac & Naify, 2001, 160 p.

MESZÁROS, I.. A Educação para além do Capital, 2a edição, São Paulo Boitempo Editorial, 2010, 126 p.

As bibliografias são discutidas individualmente com cada aluno dependendo dos trabalhos que cada aluno desenvolve, as referências devem partir de demandas individuais, não existe uma bibliografia pré-estabelecida.

Vivência em Ateliê Permanente IV : Implantação de ateliê permanente coletivo dentro do Instituto de Artes. Desenvolver a linguagem plástica pessoal, estimular a expressão no espaço, desenvolver a produção de séries de trabalhos que dialoguem com o conjunto de sua produção, aprofundar a visão do todo da produção artística ao contrário da produção segmentada em linguagens específicas.

Bibliografia Básica:

BOURRIAUD, NICOLAS, Estética Relacional, 2011, Martins Editora, 152 p.

SMITHSON, R. A Museum of Language in Vicinity of Art, Art international, Março/1968.

TASSINARI, A. O Espaço Moderno, São Paulo, Cosac & Naify, 2001, 160 p.

MESZÁROS, I.. A Educação para além do Capital, 2a edição, São Paulo Boitempo Editorial, 2010, 126 p.

As bibliografias são discutidas individualmente com cada aluno dependendo dos trabalhos que cada aluno desenvolve, as referências devem partir de demandas individuais, não existe uma bibliografia pré-estabelecida.

Vivência em Ateliê Permanente V : Implantação de ateliê permanente coletivo dentro do Instituto de Artes. Desenvolver a linguagem plástica pessoal, estimular a expressão no espaço, desenvolver a produção de séries de trabalhos que dialoguem com o conjunto de sua produção, aprofundar a visão do todo da produção artística ao contrário da produção segmentada em linguagens específicas.

Bibliografia Básica:

BOURRIAUD, NICOLAS, Estética Relacional, 2011, Martins Editora, 152 p.

SMITHSON, R. A Museum of Language in Vicinity of Art, Art international, Março/1968.

TASSINARI, A. O Espaço Moderno, São Paulo, Cosac & Naify, 2001, 160 p.

MESZÁROS, I.. A Educação para além do Capital, 2a edição, São Paulo Boitempo Editorial, 2010, 126 p.

As bibliografias são discutidas individualmente com cada aluno dependendo dos trabalhos que cada aluno desenvolve, as referências devem partir de demandas individuais, não existe uma bibliografia pré-estabelecida.